

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC
CURSO DE MESTRADO EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS**

**MEIOS DE COMUNICAÇÃO COMO CONSTRUTORES DE UMA IMAGEM
PÚBLICA: JUSCELINO KUBITSCHEK ATRAVÉS DAS REVISTAS
*MANCHETE E O CRUZEIRO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC para a obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais

GEORGY PONTES VIEIRA DE ARAGÃO

Rio de Janeiro, agosto de 2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Ficha Catalográfica

Aragão, Georgy Pontes Vieira de.

Meios de comunicação como construtores de uma imagem pública: Juscelino Kubitschek através das revistas *Manchete* e *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro: FGV / CPDOC / Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, 2006, 159 páginas.

Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Fundação Getulio Vargas - Rio de Janeiro. Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais –PPHPBC, 2006.

1. Imprensa 2. Política 3. Governo JK 4. *Manchete*. 5. *O Cruzeiro*

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC
CURSO DE MESTRADO EM BENS CULTURAIS E PROJETOS
SOCIAIS**

**MEIOS DE COMUNICAÇÃO COMO CONSTRUTORES DE UMA IMAGEM
PÚBLICA: JUSCELINO KUBITSCHEK ATRAVÉS DAS REVISTAS
*MANCHETE E O CRUZEIRO***

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO POR
GEORGY PONTES VIEIRA DE ARAGÃO**

**E
APROVADO EM 29 DE SETEMBRO DE 2006
PELA BANCA EXAMINADORA**

PROF. DR. CARLOS EDUARDO SARMENTO (ORIENTADOR)

PROFA. DRA. MARIETA DE MORAES FERREIRA

PROF. DR. LUÍS REZNIK

RESUMO

O presente trabalho se propõe a analisar a construção da imagem pública do ex-presidente do Brasil – Juscelino Kubitschek de Oliveira –, através das fotorreportagens de duas revistas ilustradas semanais de grande relevância no período do seu governo: *Manchete* e *O Cruzeiro*. São abordadas as transformações sofridas pela imprensa nos anos 1950, assim como questões políticas, econômicas e sociais do período. A análise objetiva perceber o papel dos meios de comunicação na “fabricação” da memória não só de Juscelino como também do Brasil daqueles anos.

ABSTRACT

The following paper aims to analyze public image construction of the former president of Brazil – Juscelino Kubitschek de Oliveira – through the photojournalism of two weekly illustrated magazines of major importance during his government: *Manchete* and *O Cruzeiro*. The changes that the press suffered during the 50's and also the political, economical and social questions (of that period) are discussed in this paper. The objective of this analysis is to perceive the role of communications in the construction of the memory fabric of Juscelino and also the image of Brazil of those years.

À memória de minha mãe,

primeira a me “apresentar” Juscelino e seu governo.

AGRADECIMENTOS

Muitas são as pessoas a quem quero agradecer. Ao meu orientador, professor Carlos Eduardo Sarmiento, de quem fui aluna neste curso, pela compreensão, pela paciência, pela sabedoria, pela leitura cuidadosa do meu texto, pelas sugestões ao longo da feitura deste trabalho.

À professora Marieta de Moraes Ferreira, que muito me auxiliou no preparo do projeto desta dissertação, pela sua valiosa opinião sobre o trabalho e sugestões sempre oportunas e enriquecedoras no encaminhamento de sua feitura.

Agradeço ainda a todos os meus professores do CPDOC, que contribuíram para o meu crescimento intelectual, com suas aulas e indicações de leitura.

Meu “muito obrigada” a Luís Reznik, ex-professor e muito querido amigo, que tem acompanhado meu percurso pelos caminhos da história, pelo estímulo, atenção, carinho e pela gentileza em aceitar de imediato meu convite para fazer parte da banca que vai examinar este trabalho.

Agradeço ainda a todos os meus colegas neste mestrado, pelas sugestões feitas em relação a esta dissertação, pela troca de idéias e pelo companheirismo. Foi muito bom sentir que começamos colegas e, ao longo da convivência, terminamos amigos. Em especial, agradeço a Tatiana Siciliano, Ana Christina Iachan, Ivone Maya e Silvana Andrade, pelos papos intermináveis, pelos ouvidos e tempo sempre disponíveis, pelo apoio e pelos momentos alegres que temos passado juntas.

Ao meu marido, Henrique, muito obrigada pelo carinho, incentivo e, mais ainda, pela compreensão em abdicar da minha companhia em várias ocasiões, para que eu pudesse me dedicar aos estudos. Aos meus queridos filhos, os melhores do mundo, é claro, pelo estímulo e pelas inúmeras vezes em que me auxiliaram com os repetidos problemas com o computador.

Agradeço ainda aos funcionários da seção de periódicos da Biblioteca Nacional, na pessoa do sr. Jorge Luís, sempre atenciosos e solícitos. Estendo meu agradecimento às sras. Vilma e Alice, da Associação Brasileira de Imprensa, pela disponibilidade e gentileza no auxílio à minha pesquisa.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: Entre a utopia e a “história”: os “anos JK”	15
CAPÍTULO 2: A imprensa brasileira nos anos 50	34
2.1 Fotografia: registro, testemunho, ilustração?	37
2.2 <i>O Cruzeiro</i>	40
2.3 <i>Manchete</i>	46
CAPÍTULO 3: Assim a <i>Manchete</i> e <i>O Cruzeiro</i> apresentavam JK	52
3.1 O candidato Juscelino vai à procura do povo	53
3.2 <i>O Cruzeiro</i> apóia o candidato Juscelino	56
3.3 A seção “Política”	58
3.4 A viagem antes da posse	59
3.5 A festa da posse	63
3.6 Trajetória de JK por <i>O Cruzeiro</i>	66
3.7 “Juscelino quer ser ‘juscelinista’”	70
3.8 O levante de Jacareacanga	72
3.9 “JK rompe a cortina do petróleo”	78
3.10 Encontro dos Bispos do Nordeste	79
3.11 Crises e tensões	81
3.12 O JK “homem como os outros” e o político atuante	84
3.13 A troca de ministros	87
3.14 A propósito da OPA	89
3.15 David Nasser e o <i>Messias do trópico</i>	91
3.16 Lucas Lopes e o Plano de Metas	92
3.17 O Plano de Estabilização Monetária	99
3.18 Avaliação do governo pela <i>Manchete</i>	103
3.19 Brasília	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
BIBLIOGRAFIA	122

RELAÇÃO DE ANEXOS

Anexo 1	128
Anexo 2	129
Anexo 3	130
Anexo 4	131
Anexo 5	132
Anexo 6	133
Anexo 7	134
Anexo 8	135
Anexo 9	136
Anexo 10	137
Anexo 11	138
Anexo 12	139
Anexo 13	140
Anexo 14	141
Anexo 15	142
Anexo 16	143
Anexo 17	144
Anexo 18	145
Anexo 19	146
Anexo 20	147
Anexo 21	148
Anexo 22	149
Anexo 23	150
Anexo 24	151
Anexo 25	152
Anexo 26	153
Anexo 27	154
Anexo 28	155
Anexo 29	156
Anexo 30	157
Anexo 31	158
Anexo 32	159

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a apresentar uma análise da construção da imagem pública do ex-presidente do Brasil – Juscelino Kubitschek de Oliveira – através das revistas *Manchete* e *O Cruzeiro*, duas expressivas representantes da imprensa da época. A forma como o governo foi conduzido por Juscelino, principalmente no que se refere às questões políticas e econômicas, também será estudada no trabalho.

Considero importante estudar a figura de JK porque foi um governante que marcou época na história do Brasil contemporâneo, como fazendo parte do período áureo do nacional-desenvolvimentismo e da consolidação da democracia. Na memória coletiva, aqueles tempos ficaram registrados como “anos dourados”, pelo clima de esperança, pelo crescimento econômico do país, pela manutenção do regime democrático. A memória tem seus esquecimentos, conforme nos ensina Pollak (1989), e as tensões e crises que permearam o período parecem que não permaneceram muito vivas na lembrança daqueles que as presenciaram. Realmente, o governo JK foi bem sucedido tanto no aspecto cultural quanto no desenvolvimento econômico, apesar de termos que reconhecer que problemas cruciais ficaram intocados. Podemos tomar como exemplo a questão agrária, que o Plano de Metas implantado por Juscelino não contemplou:

O Programa de Metas não envolvia mudança estrutural na sociedade, deixando intacta a estrutura de poder no campo, o que correspondia aos interesses do PSD rural que, com o apoio da UDN e de outros partidos menores, consegue bloquear toda e qualquer tentativa de se estender a CLT ao campo. (Benevides, 1976: 77)

Em dezembro de 2000, apresentei uma monografia como trabalho de final do curso de graduação em história pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC – RJ), cujo tema versava sobre a apresentação da imagem do ex-presidente Juscelino através da revista *Manchete*. Tive grande interesse em dar continuidade

àquele estudo, incluindo neste atual trabalho uma pesquisa comparativa com a forma como a revista *O Cruzeiro* tratava a mesma questão. A abordagem das questões referentes à política e à economia durante o governo JK será feita tendo em vista a importância do entendimento destes aspectos para uma melhor avaliação das maneiras diversas pelas quais estes órgãos de imprensa tornavam pública a atuação do presidente.

Muitos autores já se dedicaram a escrever sobre os anos JK, o que equivale a dizer que quase todos os aspectos deste período foram abordados, seja pela historiografia mais acadêmica, como, por exemplo, no livro organizado por Angela de Castro Gomes intitulado *O Brasil de JK* ou então naquele que tem por título *O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política*, escrito por Maria Victoria Benevides, seja por relatos de outra natureza, como o documentário de Silvio Tandler – *Os anos JK: uma trajetória política*. Também alguns daqueles que conviveram com Juscelino deixaram registrados em livros e artigos suas interpretações acerca deste presidente e seu governo. Exemplos disto são o livro de Murilo Melo Filho – *Testemunho político* – e o de Ronaldo Costa Couto – *Brasília Kubitschek de Oliveira*. Também o livro de João Pinheiro Neto – *Juscelino, uma história de amor*, o de Josué Montello – *O Juscelino Kubitschek de minhas recordações*, o de Autran Dourado – *Gaiola aberta: tempos de JK e Schmidt* e o de Carlos Heitor Cony – *JK: como nasce uma estrela* são relatos de amigos, nos quais se percebe que o sentimento prevalece.

Além destes exemplos, há teses e dissertações voltadas para o tema. Uma delas, de autoria de Adriana Hassin Silva, se dedica a estudar a representação de um Brasil moderno por meio das fotorreportagens feitas sobre Brasília em *O Cruzeiro* e *Manchete* entre os anos 1956 e 1960. É um trabalho de análise bastante focado nas fotos, na forma como eram apresentadas, se eram acompanhadas de legenda ou não, o que isso representava e no papel específico das fotos nas reportagens: se era informar, registrar, valorizar, apresentar, situar, convencer. O objetivo é situar tais reportagens dentro do conceito de Brasília como expressão da modernidade.

Desta forma, não foi fácil encontrar um viés novo para abordar a questão da imagem pública de Juscelino. Para auxiliar a minha análise, considero importante entender as transformações que a imprensa sofreu na década de 1950. Para tanto, tomei como referência principal o livro organizado por Alzira Alves de Abreu, intitulado *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Embora o livro se dedique à pesquisa de jornais, torna possível conhecer as inovações surgidas na época em relação à imprensa em geral, sendo assim de grande utilidade para compreender em que contexto estão inseridas as duas revistas pesquisadas no meu trabalho.

Acredito que a análise que pretendo produzir servirá de auxílio a um melhor entendimento em relação à forma como Juscelino conduzia o governo, mas principalmente – e aí está a especificidade de meu objeto – por se tratar de um estudo comparativo entre dois representantes da imprensa da época, ajudará a perceber em que medida os veículos de comunicação podem influenciar na interpretação dos fatos. Penso ainda que a opção por um determinado objeto de pesquisa, por parte do historiador, tem sempre ligações, conscientes ou não, com questões que lhe falam de maneira particular. Vivi os “anos JK” e pelo fato de ter tido vínculos familiares com aquele governo, fui socializada em um ambiente que valorizava a figura de JK e seus feitos. O que me ficou como memória foram os “anos dourados” e o “presidente bossa-nova”, além da presença semanal da *Manchete* e de *O Cruzeiro* em minha casa. Procurarei neste trabalho fazer uma leitura crítica daqueles tempos e daquele governante. Meu objetivo é perceber, através do estudo comparativo entre as formas como as duas revistas apresentavam JK e seu governo, em que medida tais meios de comunicação, dando ou não relevância a determinados eventos relacionados ao governo naquele período, construía a imagem pública daquele presidente.

Para entender melhor a utilização das imagens nas fotorreportagens, foram privilegiados os estudos de Phillippe Dubois em *O ato fotográfico e outros ensaios*, assim como os de Pierre Sorlin em *Indispensáveis e enganosas, as imagens, testemunhas da história*, artigo publicado no n. 13 de *Estudos Históricos* e ainda a

entrevista com Phillippe Dubois, realizada por Marieta de Moraes Ferreira e Mônica Almeida Kornis em 2 de setembro de 2003.

Minhas fontes principais foram exemplares das revistas *Manchete* e *O Cruzeiro*. Tive o privilégio de pesquisar os números de *Manchete* na própria sede da revista, no bairro do Flamengo, no Rio de Janeiro, no ano de 2000, quando a revista ainda era publicada. Apesar de não permitirem o acesso a seus arquivos, obtive especial autorização para pesquisar por intermédio de uma carta enviada pelo Departamento de História da PUC – RJ, solicitando a permissão para minha pesquisa. Os exemplares de *O Cruzeiro* foram pesquisados, parte na Biblioteca Nacional – Seção de Periódicos, parte na Associação Brasileira de Imprensa (ABI).¹ Utilizei ainda como fonte uma entrevista que realizei, em junho de 2000, com o Sr. Alvimar Rodrigues, editor de *Manchete* durante muitos anos, que teve oportunidade de acompanhar não somente as reportagens pesquisadas, como também de testemunhar a amizade que havia entre Juscelino e Adolpho Bloch.

A dissertação se divide em três capítulos. O primeiro capítulo trata de questões mais gerais, tais como os aspectos políticos, econômicos, culturais e sociais em relação aos “anos JK”. O segundo capítulo é dedicado ao tema da imprensa, seu papel, as transformações ocorridas no período, trazidas inclusive pelo processo de desenvolvimento e industrialização crescentes. O terceiro capítulo trata da análise e interpretação das reportagens selecionadas das revistas *Manchete* e *O Cruzeiro*, em inter-relação com os eventos do período JK que elegi de maior relevância para meu trabalho.

¹ Ao longo desta dissertação faço mais referências a fotorreportagens da revista *Manchete* do que a fotorreportagens de *O Cruzeiro*. Isto se deve ao fato de ter tido acesso a uma quantidade maior de material sobre a *Manchete*, dado que minha pesquisa acerca desta revista teve início por ocasião do meu trabalho final do curso de graduação em história, no ano 2000.

CAPÍTULO 1: Entre a utopia e a “história”: os “anos JK”

Cabia todo mundo no mesmo cordão que cantava “com o brasileiro não há quem possa” – trecho da marchinha composta para saudar a vitória dos canarinhos [seleção brasileira de futebol] na Suécia [Copa do Mundo de 1958], mas que poderia estar em qualquer brasão com as armas nacionais. (Santos, 1998: 10)

Escrever sobre o que também se convencionou chamar de "anos dourados" não é tarefa fácil. Como vimos, vários autores já se dedicaram ao tema. Assim sendo, procurarei traçar um panorama geral do que foi o Brasil da segunda metade dos anos 1950 e início de 1960, sem me aprofundar em nenhuma questão específica, ao mesmo tempo que vou me referir a pontos importantes do governo Juscelino Kubitschek, pois estão totalmente entrelaçadas a história do Brasil deste período e a história do governo JK.

A base partidária forte do governo Juscelino Kubitschek foi o PSD (Partido Social Democrático), pelo qual se candidatou à Presidência da República em 1955, vencendo as eleições em outubro, tendo como vice-presidente João Goulart (Jango), do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro). O PSD (Partido Social Democrático), do qual “[...] Juscelino participou ativamente dos trabalhos de criação [...]” (Pantoja, 2001: 2954), fundado em julho de 1945,

[...] foi o principal partido nacional no período de 1945 a 1965. Criado a partir das estruturas regionais de poder montadas pelo Estado Novo --- as interventorias ---, caracterizou-se por seu tom conservador, por um tímido reformismo social e por um papel central na administração pública. (Gomes e Araújo, 1989: 77)

O PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), criado em agosto de 1945,

[...] originou-se da estrutura sindical corporativa do Estado Novo e, junto com a UDN e o PSD, foi um dos mais importantes partidos brasileiros em termos eleitorais e em termos de ressonância política. Foi o partido que mais se utilizou do legado getulista, e cedo perdeu seu cunho sindicalista, embora nunca tenha abandonado seus vínculos com os órgãos públicos ligados à política previdenciária, assistencial e sindical. Em 1963 era o segundo maior partido no Congresso Nacional e a principal organização dentro da Frente Parlamentar Nacionalista, que lutava pelas reformas de base. (Gomes e Araújo, 1989: 77-78)

Alguns de seus membros atuavam no Ministério do Trabalho. Havia, por assim dizer, várias correntes no PTB, como por exemplo, os que pertenciam à chamada “esquerda nacionalista”, formada pela pequena burguesia intelectual e pela burocracia estatal e os “oportunistas”, que se ligavam à política de favores.

Embora representassem papéis políticos distintos dentro do sistema político, o PSD e o PTB formaram, *ao nível nacional*, uma aliança que, vigente com maior ou menor intensidade nos governos Dutra, Vargas, Kubitschek e Goulart, tornou-se a força política mais expressiva no período que se estende da criação à extinção daqueles partidos. (Benevides, 1976: 72)

De acordo com a mesma autora,

[...] a aliança atingiu seu ‘ponto ótimo’ --- como fator de estabilidade --- no Governo Kubitschek, pela convergência de interesses entre o cálculo político do PSD, o seu papel hegemônico ao nível governamental e as conveniências do PTB. Esta convergência começou a desmoronar no final do período [...] (Benevides, 1976: 59)

Isto se explica porque, por volta do final de 1959, as contradições entre estes dois partidos começaram a ser maiores que os benefícios obtidos pela aliança. O apoio do PTB às reformas agrária e tributária não agradava o PSD. Esta aliança (que tinha maioria parlamentar) garantia a legitimidade do governo Kubitschek e formava um bloco de apoio ao Executivo no Congresso (Câmara e Senado).

“Em troca” os partidos ganhavam o acesso ao poder através da participação no governo nos cargos já garantidos: o PTB ficava com o Ministério do Trabalho, controlando todos os Institutos de Previdência Social e os sindicatos e com o Ministério da Agricultura; o PSD “recebia” o Ministério da Fazenda [os três ministros da Fazenda do governo JK pertenciam ao PSD: José Maria Alkmin, Lucas Lopes e Sebastião Pais de Almeida] (predominava a política financeira do PSD), o das Relações Exteriores, o da Justiça (pelos Estados, todas as indicações para cargos e funções ligados ao Ministério da Justiça eram feitas pelo presidente do PSD ou por deputados pessedistas) e o da Viação e Obras Públicas, com grande peso político pela possibilidade de muitos empregos e manejo de altas verbas.

Esse ponto “de troca” deve ser enfatizado. Segundo depoimento do antigo ministro Abelardo Jurema, a aliança PSD/PTB funcionou bem no Governo Kubitschek porque todos os compromissos da campanha eleitoral quanto à distribuição de cargos *foram assegurados durante todo o período*. (Benevides, 1976: 76)

Durante o mandato de JK, o PSD ocupava a maior parte dos postos no governo e o PTB controlava a política trabalhista. Não se pode esquecer que o vice-presidente, João Goulart, era o líder nacional do PTB, exercendo papel importante nas questões relativas ao mundo do trabalho:

Ao nível do governo --- e reforçando o argumento da “eficácia” de uma aliança com o PTB --- é de crucial importância enfatizar o papel do vice-

presidente João Goulart controlando o Ministério do Trabalho e, portanto, os órgãos da Previdência Social e a política sindical em geral. Como líder nacional do PTB podia se impor quando das divergências no partido, *protegendo o presidente* do inevitável desgaste causado pelos conflitos de ordem trabalhista. (Benevides, 1976: 87)

O próprio Juscelino reconhecia a importância não só da aliança PSD/PTB como também da figura de Jango naquele momento. Já na época da candidatura, JK assim se pronunciara:

Como candidato tenho que pensar em termos de cálculo político. Esse cálculo político me obriga a uma aliança com o PTB e, dentro do PTB, o nome de João Goulart é o que reúne maiores possibilidades. Somente uma aliança muito poderosa poderá enfrentar a oposição e sair vitoriosa, e essa aliança exige a reconciliação entre o voto rural do PSD e o voto urbano do PTB. (Benevides, 1976: 95-96)

A oposição ao governo era representada principalmente pela UDN (União Democrática Nacional), que

[...] foi um partido nacional de oposição a Vargas e ao Estado Novo, criado em 1945 e extinto pelo Ato Institucional nº 2, de outubro de 1965. Esteve sempre entre os três principais partidos brasileiros do período e notabilizou-se pelo tom liberal de seu discurso e pelos ataques ao populismo personalista. Contudo, abrigou também experiências desse tipo, a exemplo do “lacerdismo” na Guanabara, envolvendo o estilo e a ação do governador Carlos Lacerda. (Gomes e Araújo, 1989: 82)

A aliança PSD/PTB existia no nível nacional, mas nem sempre se mantinha no nível estadual. O PSD era um partido oligárquico no nível de suas bases locais e liberal no

nível nacional (de cúpula). De qualquer forma, no governo JK, a aliança PSD/PTB atingiu seu ponto máximo e criou condições de estabilidade política:

[...] em termos de estabilidade política a aliança PSD/PTB foi muito mais eficiente enquanto aliança parlamentar, como o *bloco de apoio*, e não como uma aliança partidária propriamente dita. Adiantamos que não apenas a aliança, mas o próprio sistema partidário brasileiro não tinha condições de se impor a um governo que, além da capacidade pessoal de seu presidente (agressividade empresarial e habilidade política de conciliação), tinha uma vantagem considerável sobre todos os partidos: *os partidos não defendiam um programa bem definido e o governo já se apresenta, desde a campanha eleitoral, com um programa específico que podia ser usado em resposta às demandas difusas da sociedade.* (Benevides, 1976: 102)

A marca pessoal da administração do governo JK pode ser explicada pelo fato de que Juscelino tinha um programa de governo definido:

[...] “o caráter pessoal” da administração decorreu do fato de que o presidente já assumiu o mandato com um programa determinado (sua campanha eleitoral havia sido centrada no planejamento e no desenvolvimento), enquanto que os partidos, mesmo os da aliança situacionista, sem um programa de ação bem definido ficavam para sempre na dependência da iniciativa do Executivo. E sua ascensão ao poder correspondeu, na realidade, à ascensão de uma facção --- a aliança PSD/PTB ---, a qual representava interesses diferentes, porém convergentes quanto ao cálculo político-eleitoral [...] e quanto ao apoio à política desenvolvimentista do governo, graças à convergência dos interesses majoritários no Programa de Metas. (Benevides, 1976: 77)

A habilidade política de conciliação de que nos fala Maria Victoria Benevides era um traço muito forte na personalidade de Juscelino e ajudou a controlar a tensão entre as demandas da sociedade e a capacidade do governo em relação ao atendimento de tais demandas. Por exemplo, JK fazia concessões concretas ao movimento operário, como reajustes salariais que atenuavam a perda dos trabalhadores com a inflação. Promoveu alianças com o empresariado, que desde a época de campanha o apoiava, a quem convinha suas propostas de grandes empreendimentos. Ao mesmo tempo sabia lidar com os comunistas, desde que lhe dessem apoio e se subordinassem a ele. A relação que estabelecia com o arquiteto Oscar Niemeyer é um exemplo disto. Niemeyer, membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB), que já havia sido encarregado do projeto da Pampulha quando Juscelino era prefeito de Belo Horizonte, foi o arquiteto de Brasília. Outro exemplo foi a boa aceitação, por parte de JK, dos elogios que lhe fez Luís Carlos Prestes, líder comunista, por ocasião do rompimento do governo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) em 1959.

JK conseguiu também que as Forças Armadas fossem outra base de apoio ao seu governo. Havia uma coincidência em termos de propósitos no sentido de que o desenvolvimento era visto como um fator essencial para impedir a entrada das idéias comunistas. Para Juscelino, o Brasil somente chegaria a um pleno desenvolvimento por meio de uma industrialização diversificada e acelerada, que traria benefícios para todo o povo brasileiro; acabaria com a miséria e o progresso seria a garantia da ordem, pois o subdesenvolvimento levaria à subversão e ao comunismo. Além disso, JK concedeu um grande número de postos de relevo no governo aos militares. Não podemos nos esquecer que o contexto internacional é o da Guerra Fria, de um mundo politicamente dividido, bipolarizado.

Nesse ambiente, para o mundo ocidental, os conceitos democracia e comunismo foram carregados de significados opostos: o primeiro era sinônimo de capitalismo, e o último, de totalitarismo, ausência de liberdade política de expressão e participação. Forças antagônicas que

difícilmente conviveriam num mesmo espaço físico-social. (Reznik, 2004: 19)

O medo do comunismo estava presente no conteúdo ideológico que perpassava o projeto nacional-desenvolvimentista. O combate ao comunismo deveria ser feito pela via do desenvolvimento. O projeto desenvolvimentista de Juscelino visava dar conta do fim da miséria, visto que o desenvolvimento levaria à riqueza da nação brasileira, acabando assim com o quadro de extrema pobreza no qual se encontrava grande parte da população. Tal projeto se fazia acompanhar de uma afirmação da identidade nacional, através de um discurso populista diferente dos anteriores. Neste momento, é um discurso nacionalista que tenta mobilizar a todos em nome de uma soberania nacional. Esta só seria atingida com o progresso e a ordem.

A consolidação da democracia, que deveria se dar com o governo Juscelino Kubitschek, não poderia ser atingida sem que se levasse em consideração a questão da ordem. A luta contra a miséria é também uma luta a favor da democracia, pois, nas palavras de JK, “a verdade é que, em torno da fermentação da miséria tornada consciente, rondam os inimigos da liberdade.” A miséria poderia, desta forma, ser causa de agitações e conspirações. Além disso, a ordem é fundamental, pois, sem ela, um país não se desenvolve.

Nos anos que vão de 1954 a 1961, o crescimento industrial brasileiro foi muito significativo, baseado no processo de “substituição de importações”. A expansão industrial no país se deu em um ritmo bastante acelerado e o Estado passou a intervir cada vez mais na economia, tornando-se ainda centro político para onde convergiam as demandas dos setores produtivos. O projeto de Juscelino de acelerar a industrialização e o desenvolvimento para realizar o que havia sido o mote de sua campanha presidencial --- “cinquenta anos em cinco” --- não poderia se concretizar

sem a associação entre o Estado, os capitais privados e o capital estrangeiro. Assim se conseguiria a integração do Brasil às nações capitalistas.²

A Instrução n. 113, importante medida econômica tomada pela Superintendência da Moeda e do Crédito (Sumoc) em 17 de janeiro de 1955, no período do governo Café Filho, medida esta “*que atingiria o próprio padrão de acumulação capitalista brasileiro*” (Maranhão, 1996: 263) e que “[...] permitia investimentos estrangeiros diretos sem cobertura cambial, assegurando ao investidor estrangeiro a importação de equipamentos industriais segundo uma classificação prioritária dada pelo governo” (Maranhão, 1996: 264) foi mantida no governo JK. Ela dá impulso à indústria brasileira, assim como o Plano de Metas de Juscelino. Para Ricardo Maranhão, a legitimação do Estado, num momento de intenso desenvolvimento industrial, como no governo JK, pode se dar inclusive através do próprio “desenvolvimentismo”, que aponta para um Estado forte que tem condições de resolver os problemas da classe trabalhadora.

Pela primeira vez houve um planejamento econômico para viabilizar a industrialização --- o Plano de Metas, no qual a construção de Brasília era a meta-síntese. Conforme palavras do próprio JK, o Plano ou Programa de Metas tinha como objetivo “acelerar o processo de acumulação, aumentando a produtividade dos investimentos existentes e aplicando novos investimentos em atividades produtoras”. (Maranhão, 1988: 57)

O projeto nacional-desenvolvimentista propiciava que se pensasse que toda a sociedade se beneficiaria da riqueza gerada por tal desenvolvimento. “Crescer para depois dividir, esta era a questão.” (Velloso, 1991: 129) Crescer a qualquer custo porque a meta final é dividir os frutos desse progresso.

² Segundo o economista Dilson Funaro, “No ciclo detonado pelo Programa de Metas (1956-62), foram estes os números agregados do desempenho econômico brasileiro: PIB: taxa real média anual de crescimento de 7,8%; PIB *per capita*: crescimento real médio de 4,0%; Produto Industrial: 10,3% ao ano de expansão real; Produto Agrícola: 5,7% ao ano”. (Pinheiro, 2001: 46)

A habilidade política de conciliação de JK também se fez presente nos momentos de crise mais aguda, como por exemplo, por ocasião dos movimentos armados para derrubá-lo, tais como o levante de Jacareacanga, em fevereiro de 1956 e a rebelião de Aragarças, em dezembro de 1959. Nas duas situações, acabou por anistiar os revoltosos, passando para a história como o estadista da anistia. Durante o seu governo, houve ainda conflitos parlamentares, mas a coalizão PSD/PTB era cada vez mais eficaz. Exemplos disso foram a preservação dos interesses dos grandes empreiteiros pelo PSD e a força efetiva do PTB no Ministério do Trabalho, praticando o clientelismo, isto é, a troca de favores.

A estabilidade política associada ao desenvolvimento econômico e à democracia propiciou um “clima” favorável ao florescimento cultural. O sentimento de que era possível construir um Brasil melhor, moderno e progressista, de que o país realmente caminhava em direção ao crescimento econômico e, por conseqüência, ao bem-estar da sociedade em geral, foram fatores que em muito contribuíram para que houvesse um novo alento em termos de produção cultural, durante os chamados “anos JK”. A ditadura do Estado Novo havia terminado e, desta forma, a vitória da democracia enchia os corações de esperança. É o tempo da bossa nova, do Cinema Novo de Gláuber Rocha dando “[...] seus primeiros passos, apresentando e debatendo os problemas sociais e políticos do país numa nova linguagem cinematográfica, que levava o espectador à reflexão sobre esses problemas.” (Abreu, 1996: 14) Ao mesmo tempo, produzidas pela Atlântida,

As “chanchadas”, filmes que mesclavam comédia e musical, com grande sucesso popular e um dos fortes braços da indústria cultural dos anos 50, dominavam a produção cinematográfica da época, com um repertório intimamente ligado às questões do cotidiano, remetendo-se portanto ao ideário contido no projeto desenvolvimentista. Criticada pelos realizadores e adeptos do cinema moderno brasileiro nascente nos anos 50 cuja preocupação era a de registrar os problemas e as desigualdades sociais da nossa realidade, a chanchada passou a ser resgatada e

valorizada anos mais tarde pelo fato de se constituir como um cinema tipicamente voltado para o gosto popular – distinto nestes termos do modelo dominante do cinema norte-americano – apoiado com um humor irreverente na sátira do cotidiano e na crítica social. (Kornis, 2004: 1)

De certa maneira, pretendiam dar conta da integração do popular, questão "complexa e extremamente conflituosa." (Velloso, 1991: 129) Segundo Oliveira (2002: 357),

Acusadas de colaborar para o rebaixamento de nível do povo brasileiro, as chanchadas eram comédias musicais que, através do deboche, da sátira e da paródia, promoviam uma carnavalização do modo de vida das populações urbanas, principalmente do Rio de Janeiro. Seus astros, Oscarito, Grande Otelo, Zé Trindade, alcançaram grande penetração popular exatamente porque viviam tipos urbanos muito semelhantes ao público que ia ao cinema.

Outra modalidade de filme era apresentada pela Companhia Vera Cruz, empresa paulista, com produções caras, nos moldes de Hollywood e de boa qualidade técnica. "Sufocada" pela realidade do mercado, a Vera Cruz teve vida curta.

Nos palcos havia espaço tanto para o teatro de revista, que era pura diversão, com suas vedetes famosas, como para o Teatro de Arena de São Paulo, exemplo de uma "arte engajada" que se comprometia

[...] a patrocinar “um amplo movimento teatral de apoio e incentivo ao autor e obras nacionais, visando à formação de um numeroso elenco que permita a montagem simultânea de duas ou mais peças, levando o teatro às fábricas, escolas, faculdades, clubes da capital e do interior do estado, sem prejuízo do funcionamento normal do teatro, contribuindo assim para a difusão da arte cênica em meio às mais diversas camadas do nosso povo”. (Moraes, 1991: 48)

Em relação ao teatro de revista, escreve Oliveira (2002: 354): “Com cenários de fontes luminosas e muitas vedetes, fazendo uso da sátira e do deboche, intercalando texto e números musicais, o teatro de revista [que se inicia nos anos 30/40] pode ser considerado o precursor das chanchadas da Atlântida, que proliferariam na década de 1950.”

As interpretações sobre o que realmente seria o popular estavam na ordem do dia. O popular seria o autêntico “nacional”. Sua essência estaria ligada às tradições populares, que deveriam ser preservadas. O folclore devia ser valorizado. No ano de 1958, foi criada uma agência governamental, com o nome de Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Muitos folcloristas, como, por exemplo, Edison Carneiro e Câmara Cascudo, faziam a defesa de que a cultura popular autêntica era a expressa no folclore e que tinha que ser preservada:

Entendiam que era fundamental valorizar o caráter comunitário e a tradição oral tão característicos da cultura popular. Ou seja, defendiam os principais valores pertencentes ao universo tradicional que, como acreditavam, estava sob ameaça de desaparecimento. Com esse objetivo, os militantes do movimento de defesa do folclore conseguiram integrar muitos intelectuais à proposta de defesa da pluralidade regional, mas não conseguiram formular um projeto nacional de cultura brasileira que desse conta do tradicional e do moderno. (Oliveira, 2002: 359)

A outra corrente de interpretação sobre o popular era a dos chamados progressistas, que “[...] considerava o folclore uma sobrevivência do passado que estava fadada a desaparecer à medida que o país se modernizava. O folclore como área de ensino e de pesquisa foi mesmo excluído do campo das ciências sociais nas universidades.” (Oliveira, 2002: 359) A verdadeira cultura nacional teria que estar necessariamente ligada à urbanização e industrialização crescentes no país. Vários intelectuais que assim pensavam se encontravam no ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros).

Para eles, folclore era “sobrevivência” e cultura popular deveria ser transformadora - feita pelo povo e para dar consciência ao povo. O ISEB

Foi criado em julho de 1955 [pelo Decreto n. 37.608, de 14 de julho de 1955] como órgão do Ministério da Educação e Cultura. Foi um dos núcleos mais importantes da elaboração da ideologia nacional desenvolvimentista que marcou a política brasileira desde a morte de Getúlio Vargas (1954) até a queda de João Goulart (1964). Entre os formuladores dessa ideologia estão Hélio Jaguaribe, Cândido Mendes de Almeida, Guerreiro Ramos, Álvaro Vieira Pinto, Roland Corbisier e Nelson Werneck Sodré. (Velloso, 1991: 140)

Os isebianos vão se ocupar da temática da cultura brasileira com novo olhar. A cultura   analisada a partir de um quadro filosófico e sociológico, com inspira o na filosofia e sociologia alemãs, respectivamente Hegel e Manheim. Nesse sentido, cultura seria o que o espírito humano objetiva, um vir a ser. Valorizam “a história que está por ser feita, a a o social, e não os estudos históricos.” (Ortiz, 1994: 46)

O nacionalismo não estava mais centrado em sermos ou não uma na o, no problema da busca de nossas raízes. Todos já sabem que somos uma na o. A questão naquele momento era a da soberania nacional. Para tal, tínhamos que superar a condi o colonial, condi o de dependência, superar o subdesenvolvimento, o atraso, a miséria; assim, o Brasil passaria a ser sujeito de si mesmo.

Todos estes temas eram pensados pelos ideólogos (eles mesmos se definem assim) do ISEB. Dentre as categorias com as quais os isebianos trabalham, que vão sustentar o debate intelectual dos anos 1950 e que vão ajudar a apreender e compreender a realidade brasileira naquele momento, duas se destacam: aliena o e consciência. Aliena o seria a não consciência do seu próprio ser; seria dada pela dependência, pela não incorpora o do popular, pela miséria; estaria associada ao subdesenvolvimento. A consciência seria a apreensão da realidade, para romper com

o subdesenvolvimento, não importar mais a cultura, “produzir o próprio ser” e transformar a realidade para tornar a nação soberana. A cultura tem uma função, qual seja a da transformação da realidade. Para o ISEB, a subordinação cultural é um ponto decisivo que tem que ser superado.

O pensamento dos intelectuais do ISEB influenciou vários debates sobre a cultura no Brasil. Exemplo de tal influência é o livro de Roland Corbisier --- *Formação e problema da cultura brasileira* --- de 1958, que contém um tipo de argumentação que foi apropriada pelos meios do cinema, teatro, literatura e música. As teorias formuladas pelos isebianos, antes de exclusividade de tais intelectuais, vão sendo pouco a pouco absorvidas pela sociedade: o embate entre o que seria um “teatro nacional” *versus* um “teatro alienado”, que vai se dar mais tarde, tem seus fundamentos no pensamento do ISEB. Podemos também relacionar, quando surge a bossa nova, o questionamento sobre se a importação do *jazz* e do *bebop* norte-americanos pela música brasileira seria alienação ou não, aos conceitos produzidos por aqueles ideólogos. Se pensarmos no cinema, a questão que vai ser discutida com base em tais conceitos é se tal arte pode ser puro lazer ou se deve se ocupar de temas nacionais como a fome, etc.

No que se refere ao governo do presidente Juscelino Kubitschek, os isebianos apoiaram a política de desenvolvimento implantada por JK porque a consideravam muito voltada para as mesmas idéias que eram formuladas por eles. O governo JK sempre forneceu verbas para o órgão, ao mesmo tempo que a esquerda procurava ganhar hegemonia dentro da instituição. O ISEB formulava idéias e propostas de reforma em torno do eixo nacional desenvolvimentista. Os isebianos eram intelectuais reformistas e indicavam respostas para um momento específico da realidade brasileira.

Durante os chamados “anos JK”, o desenvolvimentismo e a industrialização tiveram crescimento acelerado e a urbanização se intensificou. Questão importante nos anos 1950, “A formação de um público urbano e a emergência de uma cultura de massa

iriam modificar substancialmente a sociedade brasileira.” (Velloso, 1991: 123) Nos anos 1950 / 1960, o Brasil vivia um processo crescente de urbanização. O Rio de Janeiro, capital federal até abril de 1960, crescia aceleradamente: a população da cidade, em 1950, se constituía de 2.303.063 habitantes. Em 1960, esta mesma população já é de 3.307.163 habitantes.³ As cidades se constituíam em locais de grande atração, onde havia a esperança de uma vida melhor --- novas oportunidades de vida, de emprego:

Foi assim que migraram para as cidades, nos anos 50, 8 milhões de pessoas (cerca de 24% da população rural do Brasil em 1950); quase 14 milhões, nos anos 60 (cerca de 36% da população rural de 1960) [...]

Nas cidades, em São Paulo, o centro do progresso industrial, mas também no Rio de Janeiro, a capital do Brasil até 1960, em Belo Horizonte, Recife, Salvador, Fortaleza, Porto Alegre, até em algumas cidades médias, a industrialização acelerada e a urbanização rápida vão criando novas oportunidades de vida, oportunidades de investimento e oportunidades de trabalho. (Mello e Novais, 1998: 581)

Em 1950, a cidade de São Paulo era menos populosa que o Distrito Federal: tinha 2,2 milhões de habitantes. Mas em 1953, com quase 2,7 milhões de pessoas, a capital paulista passou a ser a primeira cidade do Brasil em população; a quarta das Américas e décima-primeira em termos mundiais. Em 1960, o número de habitantes de São Paulo chegaria a 3,8 milhões. A isto se somou um crescimento urbanístico acelerado: somente no ano de 1954, foram empregados dez bilhões de cruzeiros em construção. Neste mesmo ano, São Paulo já se tornara o maior parque industrial da América Latina, possuindo 21 mil fábricas com quase um milhão de trabalhadores. O comércio prosperava com rapidez.

³ Dados retirados do capítulo VI (“As metrópoles do “boom” imobiliário”) da coleção *Nosso século*. São Paulo: Abril Cultural, vol. 8.

As massas urbanas são o principal suporte ao desenvolvimento. As transformações tecnológicas se refletiam nos modos de vida dos consumidores. Houve uma modernização dos padrões de consumo:

Duas grandes novidades da década de 1950, que mudaram decisivamente os hábitos dos brasileiros nos anos seguintes foram a televisão e o supermercado. A TV Tupi, dos Diários e Emissoras Associados de Assis Chateaubriand, foi a primeira emissora de televisão instalada no país, primeiro em São Paulo, em 1950, e em seguida no Rio de Janeiro, em 1951. Na época só havia três países no mundo com uma estação de televisão cada: os EUA, a Inglaterra e a França. Os programas eram transmitidos ao vivo, inclusive a propaganda comercial, e as emissões se limitavam a uma parte do dia, com longos intervalos entre as atrações --- seja porque os equipamentos entravam em pane, seja porque os estúdios precisavam ser preparados entre um programa e outro. (Alberti, 2002: 302-303)

Novas emissoras surgiram durante os anos 1950, inclusive em outras capitais, como Recife, Belo Horizonte e Curitiba. A programação incluía teatro, programas de auditório, programas infantis e de humor, muitas vezes com os mesmos artistas que já faziam sucesso no rádio, que apresentava novelas, cantores e cantoras cuja audiência era imensa. A televisão tornou-se cada vez mais importante como artigo de consumo e foi logo usada como canal publicitário. A capacidade de sedução da propaganda não pode ser negada. A publicidade dos anos 1950 teve papel importante como estímulo ao consumo.

Já os supermercados começaram em 1953. Foram inaugurados em São Paulo três estabelecimentos deste tipo para vender alimentos. Até 1959, mais dez estabelecimentos foram instalados no Rio de Janeiro e outras capitais. Assim como acontecia com a televisão, seu acesso se restringia a consumidores com bom poder aquisitivo.

Em relação à vida cultural paulistana, nos anos 50, inauguraram-se vários teatros e cinemas luxuosos com capacidade para grande número de espectadores. Em 1959, intensificou-se a construção da Cidade Universitária, em área de seis milhões de metros quadrados. Outras cidades do Brasil também viveriam o mesmo processo de urbanização crescente, tais como Belo Horizonte, Recife, Salvador e Curitiba.⁴ As transformações econômicas eram evidentes. O modelo desenvolvimentista que se apoiou no Estado, capital estrangeiro e empresa nacional intensificou a industrialização, a produção e o consumo. O desenvolvimento econômico propiciava benefícios:

Os conflitos do último governo Vargas não tinham desaparecido, mas eram amortecidos pelas altas taxas de desenvolvimento econômico, em torno de 7% ao ano, que distribuíam benefícios a todos, operários e patrões, industriais nacionais e estrangeiros. Os sindicatos tinham a presença de Goulart na vice-presidência como garantia de bom relacionamento com o governo: o salário mínimo real atingiu seus índices mais altos até hoje. Os industriais nunca tinham tido incentivos tão generosos. (Carvalho, 2001: 133)

Cresceram e se modernizaram várias indústrias, como as de alimentos, a têxtil, de confecções, de móveis. Além dos investimentos no setor de energia (Furnas é um exemplo), no de transportes (construção de rodovias pelo Brasil inteiro, facilitando a circulação do que se produzia), no de indústrias de base e outros, houve aumento na produção de bens duráveis. Enceradeiras, aspiradores de pó, ferros de passar roupa, liquidificadores, batedeiras de bolo, geladeiras, vitrolas hi-fi, televisões, automóveis, agora produzidos no Brasil, com preços mais baixos que os importados, faziam crescer o número de consumidores. Juntamente com o processo de urbanização e industrialização, havia a emergência de uma sociedade de massas. Tais fatores tiveram como uma de suas conseqüências a ampliação dos meios de comunicação.

⁴ Dados retirados do capítulo VI ("As metrópoles do "boom" imobiliário") da coleção *Nosso século*. São Paulo: Abril Cultural, vol. 8.

Nos anos 1940 e 1950, o rádio foi o principal instrumento de informação, sendo muito bem aceito pela população. O rádio havia sido introduzido no Brasil desde 1922. Mas foi na década de 1950 que cresceu o número de emissoras para o território nacional. Em 1944, haviam 106 emissoras; em 1950, eram 300.⁵ O rádio e a sua popularização não só foram capazes de convencer o público a comprar tal ou tal produto, como também, em certa medida, foram responsáveis pela propagação de certas opiniões e valores.

Além disso, o rádio propiciou que os indivíduos se sentissem integrados em uma mesma coletividade. Numa sociedade onde muitos eram iletrados, o sentimento de pertencer a uma mesma comunidade (inclusive política) pode ser constituído pela formação de um conjunto de ouvintes que partilha cotidianamente da mesma experiência. É importante notar que não somente o rádio, mas os meios de comunicação de massa em geral, tais como o cinema, a televisão, a imprensa, ajudam a formar o que se poderia chamar de cidadania cultural, isto é, acabam por fazer com que os cidadãos se reconheçam como parte de uma mesma cultura.

Com suas novelas e programas de auditório, nos quais os fãs “vibravam” com seus ídolos e viam neles um espelho no qual se miravam, o rádio constituía um canal aberto à participação popular, ainda que restrita às questões que diziam respeito a tais programas. Os cantores e cantoras do rádio simbolizavam, junto às massas, o ideal de êxito e felicidade que todos almejavam. O rádio também possibilitou um maior acesso à informação no sentido de um maior esclarecimento quanto às diretrizes políticas do Estado e, conseqüentemente, desenvolveu o espírito crítico e questionador da sociedade. Notadamente nos anos 1950 o rádio foi um importante elemento de mobilização no Nordeste, por exemplo.

Em 1949, foi inaugurada a primeira estação de televisão brasileira: “[...] a cadeia dos Diários Associados [leia-se Assis Chateaubriand] abriu uma nova frente de atuação inaugurando em São Paulo a TV Tupi, que foi a primeira estação de televisão da

⁵ Ver anexo 1.

América Latina, começando a funcionar em 1950.” (Ferreira, 2001: 1338) Assim descreve o início da televisão no Brasil o acadêmico e jornalista Murilo Melo Filho:

Dia 24 de fevereiro de 1949, anunciava-se com enorme estardalhaço a grande novidade da entrada no ar da PRF-3 Tupy de São Paulo, a primeira estação de televisão da América Latina e a quarta em todo o mundo, com um sistema baseado na tecnologia da RCA Victor, durante uma solenidade em que a única imagem aparecida na tela foi a do Frei José Mojica, cantando o bolero *Besame mucho*.

Inaugurava-se assim, naquele dia, a TV brasileira, ainda em preto e branco, porque a colorida, também pela mão de Chatô, levaria ainda vinte anos para aqui chegar. (Melo Filho, 2005: 41)

O próprio Assis Chateaubriand assim se pronunciou, a 18 de setembro de 1950, sobre a entrada da televisão no Brasil: “Vamos saudar a inauguração do mais subversivo instrumento da comunicação deste século!”⁶ Entretanto, na época, o alcance da televisão era significativamente menor que o do rádio. Por esta razão, os anunciantes preferiam ainda, como órgãos de publicidade, os jornais e o rádio, ao invés da televisão. Nos anos 1950, houve um aumento do número de jornais e revistas.

O tipo de propaganda que se veiculava, através dos meios de comunicação de massa, era no sentido de que todos aqueles produtos anunciados tornavam a vida melhor e se baseava no modelo norte-americano de viver – o chamado *american way of life* – ao qual a propaganda fazia crer que o brasileiro também poderia chegar. Todos desejavam consumir e o crescimento da população urbana e da renda urbana levou a um aumento do consumo de bens e serviços. O consumo destes bens era também sinal de prestígio, de *status* – o que tenho ou posso chegar a ter.

⁶ Disponível em http://www.geocities.com/marenostrum_br/chateaubriand.htm; Acesso em 27 de abril de 2006.

O inegável desenvolvimento econômico, a industrialização acelerada, aliados a tudo de “novo” que estava acontecendo no plano cultural se somaram à liberdade e estabilidade políticas e à consolidação do regime democrático durante o governo JK. Tais fatores acabaram por criar um clima de esperança e confiança em um futuro promissor para o Brasil, o que levou a memória nacional a registrar os “anos JK” como os “anos dourados” da nossa história e o presidente Juscelino Kubitschek como figura vitoriosa dentro deste contexto.

CAPÍTULO 2: A imprensa brasileira nos anos 50

O processo de desenvolvimento econômico, a afirmação dos valores democráticos e a efervescência cultural que impregnou os vários campos artísticos foram fatores fundamentais para estimular a transformação dos padrões da imprensa brasileira [nos anos 1950], propiciando alterações em diferentes periódicos e possibilitando o lançamento de novas publicações. (Ferreira, 1996: 154)

Conforme visto no capítulo anterior, várias mudanças significativas ocorreram na sociedade brasileira durante as décadas de 1950 e 1960. Tais mudanças causaram também alterações na imprensa, conforme nos relata Alzira Alves de Abreu:

A imprensa, que até os anos 30-40 dependia dos favores do Estado, de pequenos anúncios populares ou domésticos e da publicidade das lojas comerciais, teve essa situação alterada. Nos anos 50 começaram os investimentos no setor publicitário e teve início a implantação no país de grandes agências nacionais e estrangeiras de publicidade; os anúncios nos jornais se diversificaram, encontrando-se desde anúncios de automóveis, eletrodomésticos, produtos alimentícios e produtos agrícolas até anúncios de produtos artesanais os mais variados. (Abreu, 1996: 16)

Juntamente com estes fatores, 1951 foi o ano tanto da criação da primeira escola de propaganda, a Casper Líbero, em São Paulo, quanto da fundação da Associação Brasileira de Agências de Propaganda. Os meios de comunicação se beneficiaram dos novos recursos financeiros trazidos pela publicidade, que possibilitaram inclusive, ao final dos anos 1950, a modernização, do ponto de vista gráfico, dos jornais e revistas. Inserida no processo de industrialização crescente, a imprensa cada vez mais atuava como indústria, se adequando a novas técnicas de produção e de administração que de certa forma garantissem seu lugar na sociedade de consumo que aí se configurava.

Também o modelo de jornalismo foi se modificando: se antes era um jornalismo de opinião e de crítica, cuja influência era francesa, pouco a pouco o que passa a vigorar é o modelo norte-americano, que informa e transmite a notícia de maneira objetiva e impessoal. Além de todos os fatores já abordados, considero importante ressaltar o que nos ensina Alzira Alves de Abreu:

[...] contribuíram para as rupturas que ocorreram na imprensa os acontecimentos políticos traumáticos que tiveram lugar nessa década. A crise política que levou ao suicídio de Getúlio Vargas em 1954 pode ser vista como um divisor de águas. A imprensa, que nos meses que precederam o 24 de agosto exacerbou a linguagem violenta e apaixonada utilizada no tratamento dos temas políticos, a partir desse acontecimento buscou maior objetividade na construção e transmissão da notícia. (Abreu, 1996: 10)

A imprensa de oposição teria se sentido co-responsável pelo que aconteceu em relação ao episódio do suicídio de Vargas. Dado que a imprensa é formadora de opinião pública, passou a haver um certo receio de que críticas muito acirradas por parte da imprensa pudessem levar a situações que prejudicassem o país em sua vida política e, a partir daí, foi surgindo um novo estilo de jornalismo, com uma linguagem voltada mais para a informação do que para a opinião. Menos polêmica e mais imparcial ao transmitir a notícia, ao registrar um fato ou evento.

O modelo norte-americano não foi adotado somente em relação à linguagem, mas também no que se refere à estruturação do texto. Uma das técnicas introduzidas foi a do *lead*:

O *lead* era a abertura do texto, o primeiro parágrafo, que devia resumir o relato do fato principal, respondendo a seis perguntas básicas: quem?, fez o quê?, quando?, onde?, como? e por quê? Símbolo máximo do jornalismo moderno, o *lead* veio substituir o “nariz de cera”, texto

introdutório longo e rebuscado, normalmente opinativo, que antecedia a narrativa dos acontecimentos e que visava a ambientar o leitor. (Ribeiro, 2003: 149)

O primeiro jornal brasileiro a fazer uso do *lead* foi o *Diário Carioca*, tendo sido ainda o pioneiro na utilização do copidesque na redação. As transformações ocorreram ainda em relação ao fotojornalismo. De simples ilustração a fotografia passou a ser também informação. Isto foi facilitado pelo tamanho das câmaras de formato 135, que permitiam maior mobilidade do fotógrafo e pelo tipo de filme que, prescindindo do uso do *flash*, possibilitava que o profissional conseguisse captar imagens que registravam o instante, o que estava acontecendo em um dado momento, com maior discrição.

Ainda nos anos 1950, profissionais mais especializados provenientes das faculdades de filosofia foram lançados no mercado, o que também contribuiu para que a linguagem jornalística sofresse mudanças. Estes jornalistas tinham boa remuneração e o reconhecimento social de sua profissão. O aumento dos salários propiciou que o jornalismo passasse a ser um emprego atraente ao invés de uma ocupação por vezes provisória.

Além dos fatores mencionados, podemos afirmar que a introdução do curso superior de jornalismo foi ponto fundamental em todo este processo. As duas primeiras universidades a oferecer tal curso, no Rio de Janeiro, foram a Universidade do Brasil, atual UFRJ, em 1948 e a Pontifícia Universidade Católica, em 1951.⁷ Estes profissionais foram aproveitados não somente nos jornais mas também nas revistas que fizeram sucesso nos anos 1950, tais como as dedicadas ao cinema, das quais um exemplo foi *Cinelândia*, as que relatavam as vidas dos artistas de rádio e da TV, sobre os quais a curiosidade do público se voltava, além das revistas femininas, que continham reportagens sobre moda, culinária e beleza, como *Capricho*, criada em

⁷ Dados retirados do artigo "Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950". In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n. 31, 2003, p. 153.

1952. Ao lado destas e com propostas editoriais diversas dos periódicos acima citados, podemos ressaltar o sucesso de duas revistas ilustradas que pontificaram neste período e que são emblemáticas para o estudo a que este trabalho se propõe: *O Cruzeiro* e *Manchete*.

2.1 Fotografia: registro, testemunho, ilustração?

Muitos debates já aconteceram em relação à fotografia. Os questionamentos persistem: até que ponto a fotografia pode ser vista como um “espelho do real”? Considerando-se as possibilidades de se jogar com as luzes e sombras, com os claros e escuros, não podemos desconstruir este pensamento e perguntar até que ponto ela é interpretação do real ou mesmo transformação deste? Ela é prova irrefutável do que ocorreu? Pode ser vista como fonte de informação? Pode servir como testemunho de um fato? Se pode ser manipulada, como acreditar no que ela nos mostra?

Estudiosos do assunto, tais como Pierre Sorlin, Phillippe Dubois e Arlindo Machado, já se debruçaram sobre estes temas, analisando-os sob diferentes pontos de vista. Segundo Sorlin, por exemplo, “Só vemos numa foto aquilo que desejamos ver. A foto, em si, não passa de uma provocação, de um chamado. E conforme a disposição em que nos encontramos, vamos experimentar reações completamente diferentes.” (Sorlin, 1994: 89)

Dubois, fazendo o que ele chama de “pequena retrospectiva histórica sobre a questão do realismo na fotografia”, nos aponta que

[...] a fotografia, pelo menos aos olhos da *doxa* e do senso comum, *não pode mentir*. Nela a necessidade de “ver para crer” é satisfeita. A foto é percebida como uma espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que atesta indubitavelmente a existência daquilo que mostra. (Dubois, 1994: 25)

As análises dos especialistas acabaram por demonstrar que, entre outros aspectos, a fotografia pode atuar como coadjuvante na apresentação ou interpretação de um fato, tal como acontece no fotojornalismo. Entretanto, fotos não refletem mecanicamente a realidade. Temos que levar em conta que haverá sempre a intermediação do fotógrafo, sujeito do ato de fotografar, mediador entre a lente e o objeto a ser registrado. O real é construído então pela visão do fotógrafo. As fotografias são passíveis de serem modificadas, “reinventadas”, com os recursos disponíveis, por meio das intervenções feitas pelo fotógrafo.

Segundo Helouise Costa e Renato Rodrigues,

O fotojornalismo no Brasil teve um desenvolvimento similar ao ocorrido na Europa e Estados Unidos, salvo as especificidades do nosso universo cultural. Inicialmente a fotografia servia de mera ilustração, documentando o texto e tornando-o mais agradável. Posteriormente ela passou a criar o acontecimento, disputando com o texto a primazia no relato dos fatos. (...) A fotografia na imprensa brasileira surgiu no início do século: **Revista da Semana** em 1900, **Ilustração Brasileira** em 1901 e **Kosmos** em 1904. (Costa e Rodrigues, 1995: 119)

Nas páginas da *Revista da Semana* é que o fotojornalismo se firmaria em definitivo no começo do século XX:

O uso de fotografias, ao lado de caricaturas e de textos leves com sabor de crônica, assinados por autores consagrados, fez dela um enorme sucesso, que perdurou por mais de meio século. Servia-se aos leitores um pouco de tudo – de vistas de cidades a eventos como a Revolta da Chibata, desencadeada por marujos no Rio de Janeiro, em 1910, para protestar contra castigos corporais infligidos pelos oficiais. A *Revista da Semana* influenciou muitas outras. Uma delas, *Kósmos*, de 1904, viria aperfeiçoar a qualidade de impressão. Surgiu em bom momento para o jornalismo

fotográfico, num Rio que se modernizava. Nas revistas populares do início do século XX – *O Malho*, *Fon-Fon!*, *Careta* e *A Ilustração Brasileira*, sobretudo –, flagrantes difundiam os novos hábitos da sociedade, como freqüentar cafés ou ir aos *matches* de *football*.⁸

Mas a renovação do fotojornalismo entre nós “[...] se deu a partir da atuação de fotógrafos estrangeiros que implantaram aqui o modelo das grandes revistas ilustradas européias e americanas nas décadas de 1940 e 1950.” (Costa e Rodrigues, 1995: 124) Como já relatado, no Brasil, na década de 1950, o jornalismo passou por várias transformações, tais como a renovação da linguagem da imprensa, novas formas de abordagem e apresentação das notícias, que correspondiam às mudanças ocorridas na nossa sociedade. A fotografia adquiriu uma nova importância e o seu autor “imprimia” nela, por assim dizer, a sua marca ideológica, de acordo com o periódico para o qual trabalhava. O fotojornalismo que se encontrava nas revistas ilustradas passou a influenciar inclusive os fotógrafos em geral.

As fotos que acompanhavam as notícias não somente serviam como um resumo do acontecimento ao qual se referiam, dado que tornavam possível ao leitor “ver” o que havia se passado naquele momento da foto, (o que permitia um texto explicativo menor sobre o fato), mas também exerciam o papel de comprovar a veracidade das informações escritas sobre o acontecido. Este caráter de testemunho era muito valorizado tanto nas fotorreportagens em geral quanto naquelas que pretendiam ser veículo de propaganda do governo.

Além disso, novas técnicas fotográficas introduzidas no Brasil por fotógrafos estrangeiros que aqui vieram trabalhar provocaram transformações nas reportagens fotográficas: novas maneiras de fotografar, novos enquadramentos, novas formas de exibir as fotos que faziam com que elas quase que sozinhas compusessem uma reportagem, tudo isto conduziu a uma valorização cada vez maior da foto na imprensa. Tais inovações foram aproveitadas ainda no que se refere às

⁸ *A revista no Brasil*. São Paulo: Abril, 2000, pp. 92 e 95.

fotorreportagens que tratavam de assuntos ligados ao governo, como muito bem souberam fazer duas das mais significativas representantes da imprensa no período dos anos 1950 e 1960, as revistas ilustradas *O Cruzeiro* e *Manchete*.

2.2 *O Cruzeiro*

Fundada pelo jornalista e empresário Assis Chateaubriand, *O Cruzeiro* foi uma revista semanal ilustrada, com sede na cidade do Rio de Janeiro, chegando a seu apogeu nos anos 1950: em meados daquela década, atingiu a média de 550 mil exemplares, tiragem que seria mantida até o início dos anos 1960, sendo que a edição que circulou no mês de agosto de 1954, dois dias depois do suicídio de Vargas, chegou a setecentos mil exemplares. A revista *O Cruzeiro* foi editada também para outros países, em espanhol – *O Cruzeiro Internacional* – entre 1957 e 1965.⁹

Desejando publicar uma revista de circulação nacional, o jornalista português Carlos Malheiro Dias criou a Empresa Gráfica Cruzeiro S. A. Entretanto, não possuindo recursos para realizar o que pretendia, Malheiro Dias vendeu a empresa para Chateaubriand, que lançou o primeiro número de *Cruzeiro* em 10 de novembro de 1928, com uma tiragem de 50 mil exemplares, anexando esta revista a jornais que já possuía.¹⁰ Mais tarde o conjunto de suas empresas jornalísticas ficaria conhecido como Diários Associados. A revista só passaria a se chamar *O Cruzeiro* em 8 de junho de 1929, por ocasião de sua edição de número 31. O lançamento foi precedido de um espetacular anúncio: a 5 de novembro de 1928,

[...] quatro milhões de prospectos foram jogados do alto dos prédios da Cinelândia, Rio Branco e Ouvidor, no Centro da cidade do Rio de Janeiro. Anunciavam: “*Cruzeiro*, a revista contemporânea dos arranha-céus!” ou “Sábado! A revista *Cruzeiro* atravessará o Brasil de extremo a extremo”.

⁹ Dados retirados do verbete *O Cruzeiro* do *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930* / Coordenação: Alzira Alves de Abreu... [et al.]. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV; CPDOC, 2001, p. 1727-1729.

¹⁰ Ver anexo 2.

Impressão em quatro cores pelo sistema de rotogravura, diversas fotografias, a utilização de papel de melhor qualidade, grandes jornalistas nacionais e internacionais, circulação em todas as capitais e principais cidades do Brasil eram algumas das novidades apresentadas. (Velasquez, 2001: 1727)

Já no primeiro número, seus editores a declaravam uma revista moderna: “Depomos nas mãos do leitor a mais moderna revista brasileira. [...] **Cruzeiro** encontra já, ao nascer, o arranha-céu, a radiotelephonia e o correio aéreo: o esboço de um mundo novo no Novo Mundo.”¹¹ A duração da revista não pretendia ser efêmera e sim perdurar como um documento cuja importância estaria situada entre a de um jornal e a de um livro:

Em país da extensão desconforme do Brasil, que é uma amalgama de nações com uma só alma, a revista reúne um complexo de possibilidades que, em certo sentido, rivalizam ou ultrapassam as do jornal. O seu raio de acção é incomparavelmente mais amplo no espaço e no tempo. [...] O jornal de ontem é já um documento fóra de circulação: um documento de arquivo e de bibliotheca. O jornal dura um dia. [...] A sua [da revista] circulação não está confinada a uma area traçada por um compasso cujo ponteiro movel raro pôde exceder um círculo de raio superior á distancia maxima percorriavel em vinte e quatro horas. A revista circula desde o Amazonas ao Rio Grande do Sul, infiltra-se por todos os municipios, utiliza na sua expansão todos os meios de conducção terrestre, maritima, fluvial e aérea; entra e permanece nos lares; é a leitura da familia e da visinhança. A revista é o estado intermedio entre o jornal e o livro.¹²

¹¹ O *Cruzeiro*, n. 1. 10 de novembro de 1928. Disponível em http://www.memoriaviva.digi.com.br/ocruzeiro/10111928/101128_4.htm; Acesso em 12 de junho de 2006.

¹² Idem, *ibidem*.

O editorial ressalta ainda a relevância e a especificidade da junção entre texto e imagem: “O concurso da imagem é nella um elemento preponderante. A cooperação da gravura e do texto concede á revista o privilegio de poder tornar-se **obra de arte.**”¹³ (grifo meu) O editorial se encerra insistindo na modernidade de *Cruzeiro*, que acompanhava a modernidade de um Brasil que estava sempre se renovando:

Porque é a mais nova, **Cruzeiro** é a mais moderna das revistas. É este o título que, entre todos, se empenhará por merecer e conservar: ser sempre a mais moderna num paiz que cada dia se renova, [...] ser o documento registrador, o vasto annuncio illustrado, o film de cada sete dias de um povo, eis o programma de **Cruzeiro**.

[...] Esta revista será mais perfeita, mais completa, mais moderna amanhã do que é hoje.¹⁴

Seu primeiro diretor foi Malheiros Dias, que deixou a revista no início dos anos 1930. *O Cruzeiro* tinha correspondentes internacionais em várias cidades do mundo, tais como Paris e Nova Iorque. Sendo uma revista de variedades, *O Cruzeiro* incluía em suas matérias desde moda, cinema, palavras cruzadas, culinária, conselhos de beleza, até política, contos, crônicas e críticas sobre teatro. Em 1934, Dario de Almeida Magalhães passou a presidir a revista e, a partir de então, representantes da nossa literatura, das artes plásticas (como Manuel Bandeira e Cândido Portinari) e nomes que se tornariam muito conhecidos no jornalismo, como David Nasser e Carlos Castelo Branco, viriam a colaborar com aquele semanário.¹⁵ Segundo Marieta de Moraes Ferreira,

O sucesso da revista deve ser creditado a uma intensa busca de um estilo ágil, a uma apresentação gráfica arrojada, às colunas especiais e às

¹³ Idem, *ibidem*.

¹⁴ Idem, *ibidem*.

¹⁵ Dados retirados do verbete *O Cruzeiro* do *Dicionário histórico-biográfico pós-1930* / Coordenação: Alzira Alves de Abreu... [et al.]. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV; CPDOC, 2001, pp. 1727-1728-1729.

grandes reportagens. Algumas seções contribuíram para a afirmação do estilo de *O Cruzeiro*, como “Pif-Paf” de Millôr Fernandes, “O Amigo da Onça” de Péricles, ou “Café Society” de Jacinto de Thormes, o principal cronista social dos anos 50. Mas foram principalmente as grandes reportagens as responsáveis por sua grande popularidade, ao explorar temas que mexiam com a opinião pública.¹⁶

A fase áurea de *O Cruzeiro* foi atingida a partir de 1943, quando Frederico Chateaubriand dirigiu a revista. É deste período a contratação de jornalistas como Néelson Rodrigues, Hélio Fernandes, Joel Silveira e do fotógrafo Jean Manzon, responsável pela renovação estética das fotorreportagens em *O Cruzeiro*, introduzindo uma linguagem visual inédita no fotojornalismo brasileiro. Eram fotos elaboradas, com utilização de tripés e *flashes*.

Nascido em 1915, o francês Jean Manzon chegou ao Brasil em 1942. Já havia trabalhado na *Paris Match* e *Vu*¹⁷, revistas francesas que marcaram época. Em nosso país, foi chamado para montar o departamento de fotografia e cinema do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão subordinado diretamente à Presidência da República, importante instrumento de propaganda do governo no período estadonovista. Por indicação de David Nasser, foi contratado por *O Cruzeiro* em 1943, formando com Nasser uma dupla que se tornou famosa no que concerne às grandes reportagens, geralmente acerca de assuntos polêmicos. No início da década de 1950, Manzon foi trabalhar para *Manchete*, terminando assim a parceria com Nasser.

Depois da entrada de Jean Manzon em *O Cruzeiro*, foram muitos os fotógrafos que fizeram parte da equipe da revista. Entre eles se pode destacar Henri Ballot, José

¹⁶ Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/> ; Acesso em 21 de janeiro de 2006.

¹⁷ “A revista **Vu**, lançada em 1928 por Lucien Vogel, passou a empregar os melhores fotógrafos da época, muitos deles vindos da Alemanha. A utilização da fotografia em **Vu** rompeu definitivamente com os padrões tradicionais da fotografia de imprensa, pois a revista, como indica o seu próprio nome, fora criada com o objetivo de priorizar a imagem.” (Costa e Rodrigues, 1995: 117)

Medeiros, Indalécio Wanderley, Salomão Scliar, Jean Solari, Eugênio Silva, Luís Carlos Barreto, Flávio Damm, para citar apenas alguns.¹⁸

A partir da década de 1940, o uso que *O Cruzeiro* fazia das fotografias era inovador. Importava mais o conjunto de fotos que faziam parte de uma mesma reportagem do que a valorização de cada foto individualmente. De acordo com um grupo de editores de *Life*, revista que influenciou o fotojornalismo no Brasil no período, as imagens devem ser organizadas de forma a privilegiar o assunto ao qual elas se referem, com vistas ao sucesso da fotorreportagem:

A criação de uma fotorreportagem requer a organização de um certo número de imagens sobre um mesmo tema de modo que elas dêem uma visão mais profunda, mais ampla, mais completa e mais intensa do assunto do que qualquer imagem isolada poderia dar. [...] Elas não podem mais ser encaradas como entidades isoladas, como trabalhos de arte individuais, mas antes como partes de um todo. Para que uma fotorreportagem tenha êxito, o todo tem que ser mais importante do que a soma de suas partes. (*Time-Life* apud Lacerda, 1994: 261)

O Cruzeiro ainda foi responsável por mudar a forma pela qual o repórter fotográfico era visto pela sociedade. No início do século XX, um fotógrafo de revista era totalmente despreparado e o equipamento de que dispunha era de baixa qualidade:

Os nossos primeiros repórteres fotográficos eram provenientes das classes populares, pessoas sem formação e com instrumental técnico inadequado à sua atividade. Durante quarenta anos essa foi a realidade da fotografia de imprensa no Brasil. A situação só se modificou a partir da reformulação da revista **O Cruzeiro** na década de 1940, o que modificou

¹⁸ Informações retiradas de Costa, Helouise e Rodrigues, Renato. *A fotografia moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN/Funarte, 1995, p. 120.

definitivamente o estatuto social do fotógrafo de reportagem. (*Time-Life* apud Lacerda, 1994: 119)

A modernização da revista *O Cruzeiro*, com novos usos da fotografia em termos editoriais, com as reportagens sobre temas os mais diversos, desde os desfiles de moda aos crimes explorados com sensacionalismo, mas que eram assuntos que iam de encontro ao gosto do público, tudo isto levou ao inegável sucesso daquele semanário, que chegou a atingir 700 mil exemplares vendidos em 1952.¹⁹ Sem dúvida alguma, sua importância foi relevante. Segundo depoimento de um dos editores da revista *Manchete*, Alvimar Rodrigues, *O Cruzeiro* levava ao público as notícias de uma forma mais acabada do que o rádio da época. Isto acontecia porque as transmissões radiofônicas não podiam ser feitas diretamente da rua e sim do estúdio, ao passo que *O Cruzeiro* enviava seus repórteres ao local e trazia aos leitores os fatos de maneira mais completa, por vezes até “espetacular”. De acordo com Alvimar Rodrigues, “O rádio dava as notícias muito rapidamente. *O Cruzeiro* mostrava o David Nasser fazendo sensacionalismo com um crime ocorrido em Copacabana, mostrava o Jean Manzon saltando de pára-quedas numa tribo indígena, eram reportagens; não precisava de beleza”.²⁰ Mais tarde, entre 1959 e 1961, *O Cruzeiro* entrou em decadência. A queda na qualidade da revista foi acompanhada pela queda nas vendas. Acabou sendo suplantada por sua maior concorrente, *Manchete*,

[...] revista que se fez veículo da ideologia do desenvolvimentismo no Brasil. Em suas páginas exaltou o governo Juscelino Kubitschek, acompanhando sistematicamente suas realizações e de modo particular a construção de Brasília. Vários fotógrafos de **O Cruzeiro** passaram a trabalhar para a **Manchete**. Entre eles podemos citar Jean Manzon, Indalécio Wanderley e Salomão Scliar. (Costa e Rodrigues, 1995: 123)

¹⁹ Informações retiradas de Costa, Helouise e Rodrigues, Renato. *A fotografia moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN/Funarte, 1995, p. 121.

²⁰ Alvimar Rodrigues, em entrevista à autora. Rio de Janeiro, 19 de junho de 2000.

2.3 *Manchete*

A revista *Manchete* foi idealizada e fundada em abril de 1952, por Adolpho Bloch, que foi seu primeiro diretor – presidente e distribuída nas bancas de todo o país. A intenção era lançar uma revista em estilo inteiramente novo, com alta qualidade gráfica, muitas reportagens a cores, investindo enfaticamente no aspecto visual. Em texto publicado no primeiro número de *Manchete*, em 26 de abril de 1952 e assinado pela direção, intitulado “Um momento, leitor”, está explicitada a proposta editorial da revista, assim como o “porquê” do título.

Segundo seus diretores, a palavra *manchette*, que, de acordo com o “*Nouveau Dictionnaire Français – Portugais*” de autoria de Valdez, entre outros significados, possui, no sentido tipográfico, o de nota marginal, não se encontrava incluída no Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa, revisto por Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira. Diante deste fato, a direção da revista decidiu não só considerar a palavra *manchette* incorporada ao nosso idioma como também achou por bem eliminar um *t* que não era necessário à sua correta pronúncia. Prosseguem esclarecendo que nota marginal passou a significar primeiro plano, cabeçalho, valorização dos temas, do ponto de vista visual, a partir da escolha do tamanho e da família dos tipos e que *Manchete* tinha justamente a intenção de “ser uma revista de primeiros planos”²¹. E que portanto,

Depois de trinta anos de trabalho como gráficos resolvemos condensar numa revista semanal os resultados da nossa experiência técnica, convocando, para aproveitá-la, uma equipe de escritores, jornalistas, fotógrafos e ilustradores de primeira ordem. **Manchete** nasce no momento exato em que nos consideramos aparelhados para entregar ao Brasil uma revista de atualidades, correta e modernamente impressa. Em todos os números daremos páginas a cores --- e faremos o possível para que essas cores se ponham sistematicamente a serviço da beleza do Brasil e das

²¹ *Manchete*, n. 1. 26 de abril de 1952.

manifestações do seu progresso. O Brasil cresceu muito, suas mil faces reclamam muitas revistas, como a nossa, para espelhá-las. **Manchete** será o espelho escrupuloso das suas faces positivas, assim como do mundo trepidante em que vivemos e da hora assombrosa que atravessamos. Neste momento os fatos nacionais e internacionais se sucedem com uma rapidez nunca antes registrada. Os jornais nunca tiveram uma vida tão curta dentro das vinte e quatro horas de um dia. Este é o grande, o sonhado momento dos fotógrafos e dos repórteres exercitados para colher o instantâneo, o irrepetível. Depois virão os historiadores. E agora prossiga, leitor...²²

Quando da criação de *Manchete*, o repórter fotográfico já gozava de uma situação de prestígio perante a sociedade e possuía conhecimento específico voltado para sua profissão. De fato, a equipe que compunha aquele novo semanário era composta por profissionais notoriamente competentes e que se consagraram como figuras lembradas até nossos dias devido à excelência de seu trabalho. Exemplos disso são os repórteres Nahum Sirotsky, que chegou a ser diretor de *Manchete*, Newton Carlos e Murilo Melo Filho (que mais tarde também veio a se tornar diretor de *Manchete*), os fotógrafos Jáder Neves, Gervásio Baptista e Indalécio Wanderley (os dois últimos haviam sido de *O Cruzeiro*) e, dentre vários editores, Justino Martins. Este ocupou tal cargo de 1959 até sua morte, em 1983, desenvolvendo o que ele próprio chamou de "beleza estética na informação".²³

Cercada por grandes nomes da imprensa dos anos 1950 e dando cobertura aos acontecimentos relevantes no país e no exterior, a *Manchete* logo se tornou uma das revistas de maior circulação no país, na época. Tinha sucursais, representantes e correspondentes nas principais cidades do Brasil e do mundo, tais como São Paulo, Paris, Lisboa, Londres, Tóquio, Buenos Aires, Montevideu e Nova Iorque. Sua grande concorrente era *O Cruzeiro*, revista também de circulação nacional e que já era sucesso quando *Manchete* foi lançada. *O Cruzeiro* reportava as notícias, muitas

²² Idem, ibidem.

²³ *A revista no Brasil*. São Paulo: Abril, 2000, p. 197.

vezes enviando seus jornalistas aos locais onde os fatos aconteciam, possuía excelentes articulistas e continha um número tão grande de páginas recheadas de anúncios que, por vezes, “[...] o leitor ficava em dúvida sobre se determinada matéria publicada pela revista era uma reportagem informativa ou um anúncio pago, disfarçado de jornalismo.” (Morais, 1994: 188)

Segundo o editor Alvimar Rodrigues, “[...] o Adolpho, com a visão grandiosa que tinha, ele quis lançar essa revista [*Manchete*] como alguma coisa de muito melhor do que era a grande revista da época, que era *O Cruzeiro*”.²⁴ De fato, a *Manchete*, ao ser lançada, rapidamente suplantou o sucesso de *O Cruzeiro*, pois se apresentava valorizando um outro aspecto visual, o colorido, a paginação, inovando, desta forma, a maneira de se apresentarem os fatos que mereciam, segundo seu enfoque, serem elevados à condição de notícias que deviam ser reportadas a seu público naquela semana. Tornou-se, assim, uma das mais expressivas representantes da imprensa dos anos 1950 / 1960. Segundo avaliação feita oito anos após o seu lançamento, a revista *Manchete* estava atingindo o seu propósito inicial. Em sua edição de 30 de abril de 1960, ostentando na capa os dizeres: “Brasil capital Brasília – A maior reportagem sobre o novo Distrito Federal”, encontramos o seguinte editorial:

Oito anos atrás, a 26 de abril, surgia o primeiro número de MANCHETE, com a promessa de tornar-se uma revista do Brasil para o mundo. Os irmãos Bloch foram os seus idealizadores e Henrique Pongetti o seu primeiro diretor. Naqueles dias de 1952, tinha apenas 40 páginas mas já contava a atualidade em vibrantes reportagens. De então para cá, o ritmo dinâmico que tem impulsionado a imprensa brasileira exigiu para MANCHETE a construção de um moderno parque gráfico, que, hoje, se estende por mais de 50 mil metros quadrados, em Parada de Lucas. Nossos objetivos, porém, ainda são mais amplos. Dentro de três meses começaremos a imprimir 32 páginas em cores nas novas rotativas eletrônicas que estão sendo montadas. Ao mesmo tempo, passaremos a

²⁴ Alvimar Rodrigues, em entrevista à autora. Rio de Janeiro, 19 de junho de 2000.

dispor de uma fábrica própria de tintas de impressão --- a "Blocolor"---, o que nos possibilitará tiragens de 500 mil exemplares diários. MANCHETE poderá, assim, atingir os mais distantes pontos do País e do estrangeiro. A promessa do primeiro editorial está, portanto, sendo cumprida: uma revista do Brasil para o mundo.²⁵

Em outubro de 1992, por ocasião do quadragésimo aniversário da revista, foi editado um número especial, no qual *Manchete* se declara seguidora das suas primeiras intenções: “[...] Quarenta anos depois, MANCHETE tem o orgulho de se apresentar coerente com a linha de otimismo e confiança no desenvolvimento do Brasil traçada em seu primeiro número.”²⁶

Com efeito, *Manchete*, ao ser lançada, “apostava” no crescimento econômico do Brasil, cujo processo de industrialização já estava em curso e na afirmação do país como potência, não só em relação à América Latina como também aos países considerados desenvolvidos. Tal otimismo não se arrefecera em quarenta anos, pois, em outubro de 1992, a revista voltava a se referir a um Brasil moderno e grandioso. Ainda neste mesmo número, é o próprio Adolpho Bloch quem “explica” que estilo de revista queria criar e a escolha do título:

[...] Em 1950, cansado da lupa de gráfico, desejava editar uma revista no gênero da *Paris-Match*. Precisava de um bom título para ela. Meu primo, Pedro Bloch, sugeriu: MANCHETE! E acrescentou: --- “Veja bem, Adolpho, se seu nome aparece em manchete isso significa que você é uma notícia importante.” Imediatamente mandei registrar o título. Henrique Pongetti e Dirceu Nascimento foram os primeiros diretores.²⁷

A *Paris-Match*, a que se referia Bloch, era uma revista francesa de alta qualidade, requintada, cuidadosamente impressa em sofisticado papel cuchê. De seus quadros

²⁵ *Manchete*, n. 419. 30 de abril de 1960, p. 7.

²⁶ *Manchete*, edição especial. outubro de 1992.

²⁷ Idem, *ibidem*.

fizeram parte importantes repórteres, dentre os quais o fotógrafo Jean Manzon, a quem já nos referimos anteriormente.

Em conformidade com o que se propunha, a revista *Manchete* não poderia deixar de acompanhar de perto e registrar o que acontecia em relação à política no Brasil. No que se refere à trajetória do presidente Juscelino Kubitschek, a *Manchete*, através das reportagens, exerceu papel importante na construção e consolidação da imagem de JK como governante carismático (no sentido weberiano²⁸ do termo) e empreendedor, capaz de conduzir o Brasil a passos largos rumo ao “ progresso ” e ao mais alto nível de “ civilização ”, o que possibilitaria ao país a sua inclusão no rol das nações desenvolvidas.

Não foi por acaso que a revista *Manchete* desempenhou este papel junto ao governo JK. A relação de amizade que se formou entre Juscelino e Adolpho Bloch e que foi se tornando cada vez mais sólida, apoiada na mesma crença em um Brasil grande, em um futuro promissor, na construção de um novo país, contribuiu, sem dúvida, para que *Manchete* valorizasse a figura do presidente sob múltiplos aspectos. Segundo Alvimar Rodrigues, editor de *Manchete*,

[...] inegavelmente, o Adolpho tinha uma admiração profunda pelo Juscelino e o Juscelino retribuía isso à altura; eram realmente amigos. [...] Ele [Bloch] era um homem sentimental até o último fio de cabelo, embora não perdesse por esse sentimentalismo a noção pragmática, a noção do negócio, a noção de ganhar dinheiro; mas era um sentimental. [...] Esse sentimento de crença no futuro que JK também tinha, eu falo com a maior tranqüilidade, havia. Outras relações, políticas, econômicas, possivelmente. Mas que havia uma relação de sentimento, de amizade e mútua admiração, não há nenhuma dúvida. [...] O Adolpho queria era cidade; ele queria coisa construída, se possível, ele construir e o que ele

²⁸ Para Max Weber, o líder carismático é capaz de obter obediência não pelo conformismo, mas pelo convencimento. Não é por tradição ou em virtude de alguma lei que os homens o obedecem, mas porque crêem nele

pôde construir, ele construiu e sempre de maneira grandiosa; nisso eles [Bloch e JK] se pareciam demais.²⁹

Na edição especial de outubro de 1992, há uma breve "explicação" do que foi a ligação entre Brasília e *Manchete*, que teriam crescido juntas:

A história de MANCHETE está ligada à história de Brasília. [...] Documentando semanalmente, através de fatos e textos que se tornaram históricos, as diversas etapas da construção da Capital da Esperança, a revista cresceu entre os leitores, adquiriu maioria técnica e ficou indissolúvelmente comprometida com os temas que fizeram JK edificar, no coração do cerrado, a sua meta-síntese: o otimismo, a confiança no futuro e no Brasil. A 21 de abril de 1960, dia da inauguração da nova capital, o povo brasileiro compreendeu que Brasília e MANCHETE cresceram juntas.³⁰

Creio que se pode afirmar que a imagem de JK e *Manchete* também "cresceram" juntas. Levando em consideração as mudanças ocorridas na imprensa nos anos 1950, conforme visto neste capítulo, podemos perceber o quanto *O Cruzeiro* (embora tenha iniciado sua circulação em 1928) e *Manchete* se beneficiaram de tudo aquilo que tais transformações propiciavam: maiores recursos advindos da publicidade, novas técnicas de redação, novos modelos de câmaras fotográficas, jornalistas mais habilitados, fotógrafos com experiência profissional de alta qualidade. Desta forma as duas revistas foram capazes de construir, através das fotorreportagens que preenchiam páginas e páginas daqueles semanários, a imagem pública de Juscelino Kubitschek. Motivadas por interesses diversos, cada uma delas desempenhou este papel de forma diferente, conforme será analisado no capítulo seguinte.

²⁹ Alvimar Rodrigues, em entrevista à autora. Rio de Janeiro, 19 de junho de 2000.

³⁰ *Manchete*, edição especial. outubro de 1992.

CAPÍTULO 3: Assim a *Manchete* e *O Cruzeiro* apresentavam JK

Neste capítulo, pretendo analisar algumas reportagens das revistas *Manchete* e *O Cruzeiro*, com o objetivo de perceber como cada um destes periódicos, à sua maneira, construiu a imagem pública de JK, entrecruzando as reportagens com fatos ocorridos em relação ao governo Juscelino. Serão abordadas questões políticas e econômicas relevantes, que permitam evidenciar as formas como aqueles semanários apresentavam a figura daquele presidente frente a tais questões.

O tratamento que a *Manchete* deu ao presidente Juscelino nunca se apresentou de forma fria e impessoal. A relação que se criara entre este e Adolpho Bloch e que foi se tornando cada vez mais sólida, levou a que a *Manchete* desse um destaque todo especial à figura de JK.

A revista não somente se ocupava com o que dizia respeito à atuação deste como homem público, mas também, ao enfatizar as suas características pessoais, construía uma imagem de Juscelino como homem simples, homem do povo, homem que, embora tendo alcançado o mais alto posto político do país, fazia parte do mesmo povo que constituía a nação brasileira. Em inúmeras reportagens, Juscelino é valorizado como estadista, como homem de ação, como excelente executivo, o mais capaz naquele momento de levar o Brasil a se desenvolver em todo o seu potencial, a se projetar no cenário mundial, a ser respeitado como nação autônoma e soberana.

Ao mesmo tempo, *Manchete* ajudava a construir a imagem do presidente sorridente, que parecia, na maioria das vezes, incansável, sempre disposto a ir ao encontro do povo e estender-lhe a mão. O gesto de aceno que se perpetuou quase que como uma “marca registrada” de JK nos comícios e nas mais variadas ocasiões de contato com as massas, foi registrado inúmeras vezes pelas câmeras dos fotógrafos de *Manchete*. Além de ilustrar muitas reportagens, tais fotos transmitiam, freqüentemente com mais força que os textos, a impressão de simpatia e de abertura a uma proximidade, até mesmo física, com o povo do qual Juscelino fazia parte.

A *Manchete* mostrava o crescimento do país e a posição que o Brasil passara a ocupar no plano internacional. Apesar de em tais notícias, por vezes, não estar citado explicitamente o nome do presidente Juscelino Kubitschek, o texto conduzia o leitor a entender que a condução do país por JK beneficiava a nação e a estava levando a um futuro promissor. Enaltecia o presidente como chefe de Estado e ressaltava suas qualidades político-administrativas, sua habilidade em solucionar conflitos e se relacionar com os mais variados setores que importavam na construção de um Brasil melhor, além de sua inegável capacidade em se relacionar com as massas.

3.1 O candidato Juscelino vai à procura do povo

A *Manchete* já dava destaque à figura de Juscelino quando de sua candidatura à presidência da República, no ano de 1955, auxiliando, através de suas reportagens, a promovê-lo como candidato que vai à procura do povo, diretamente, em vários recantos do país e que transmite uma mensagem de esperança aos brasileiros, esperança esta que sabemos ser um dos pontos importantes no discurso juscelinista.

Ao se aproximar da população, Juscelino, cuja oratória era “capaz de entusiasmar as multidões”, (Maranhão, 1988: 17) conseguia se comunicar com o homem simples do povo, com alegria e infundir-lhe confiança no destino do país. Ele se colocava como um homem igual aos outros; afinal, sua trajetória de vida se iniciara como menino pobre, órfão de pai e que precisara trabalhar como modesto telegrafista para se sustentar enquanto fazia o curso de medicina em Belo Horizonte. Se chegara a ocupar o posto político mais relevante do país, isto não significava que havia deixado de ser “um homem como os outros”³¹, nem que havia abandonado seus hábitos simples como, por exemplo, descalçar os sapatos sempre que a ocasião o permitia. Tais características, como também a sua maneira muito particular de chegar ao povo e a facilidade de comunicação com as massas foram pontos que a revista *Manchete* sempre procurou destacar na figura de JK.

³¹ *Manchete*, n. 148. 19 de fevereiro de 1955, p. 12.

Em janeiro de 1955, em uma seção intitulada “A marcha da sucessão – “Ballet” dos Candidatos”, as referências ao estilo do candidato que, pessoalmente, vai ao encontro do povo e cuida, ele próprio, ativamente, de sua luta para chegar ao Palácio das Águias, são claras:

Sem esperar a Convenção Nacional do PSD o Sr. Juscelino Kubitschek atirou-se, como havia previsto esta seção, à conquista do povo. E para falar a verdade, neste momento só lhe resta mesmo uma atitude heróica de contato com todos os brasileiros para uma ocupação, palmo a palmo, do território político transbordante de impecilhos e imprevistos. [...] Não se encastelou ele em Belo Horizonte para aguardar, mineiramente, brasileiroamente, que os convencionais homologassem o seu nome em fevereiro próximo. O Governador Mineiro é como certos escritores que redigem o livro, passam a limpo na máquina de escrever, encomendam a edição, escrevem o prefácio, redigem a orelha da capa e levam os pacotes para as livrarias em consignação, depois da obra revista e impressa. [...] E aí se encontra ele, percorrendo os Estados, consciente no seu desejo, levando esperança e confiança aos brasileiros do interior.³²

Com este texto, a revista *Manchete* nos aponta JK como o homem de ação que não se conforma em esperar que os fatos aconteçam. Ele se lança, em “atitude heróica”, na batalha pela sua candidatura à presidência da República, mesmo sabendo que iria encontrar pelo caminho inúmeros “impecilhos e imprevistos”. Isto não o desencoraja; muito pelo contrário, faz com que cuide pessoalmente e de perto de todos os pontos que permitiriam que a sua vontade de governar o país se concretizasse, tal como alguns escritores que, desejando ver sua obra sendo lida, tratam, eles mesmos, de todos os detalhes para que esta possa chegar ao alcance do público.

De acordo com *Manchete*, havia uma certa dificuldade em se encontrar um candidato que fizesse face aos pontos positivos que favoreciam o governador de

³² *Manchete*, n. 143. 15 de janeiro de 1955, p. 18.

Minas. Após analisar as mais variadas possibilidades de nomes para competirem com o sr. Juscelino Kubitschek na batalha pela presidência da República, a revista conclui:

De qualquer forma se apresenta difícil uma solução eleitoral para ameaçar a candidatura Juscelino Kubitschek. Esta é a realidade nua e crua. O pessedista se lançou com uma boa base eleitoral, que é o seu Estado (1 milhão de votos, no mínimo) e se encontra capacitado para aglutinar outras forças populares. [...] E talvez a indecisão que vem marcando os seus adversários seja mesmo um fator de vitória. [...] E enquanto o governador de Pernambuco conversa, o governador de Minas, sem deixar de lado o recurso de conversar pessoalmente com líderes civis e militares, trata de impulsionar sua candidatura.³³

O aspecto conciliatório da figura de JK, que conversava “pessoalmente com líderes civis e militares”, é freqüentemente apontado pelos estudiosos de seu governo e de sua personalidade como fator relevante no que se refere à sua maneira de conduzir a política. Ao longo deste trabalho, mostrarei que a *Manchete* também não deixa de se referir em algumas reportagens a esta marca pessoal de Juscelino.

De acordo com a preocupação da revista *Manchete* em sempre mostrar o aspecto de homem simples, que provinha do povo e que estava sendo apoiado por este, encontramos nas páginas daquele periódico, ainda na época da campanha presidencial, o próprio Juscelino se colocando como um homem comum:

“Um homem como os outros” --- assim se definiu a si mesmo o sr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, no discurso em que agradeceu a indicação de seu nome como candidato do Partido Social Democrático à Presidência. Ex-telegrafista, ex-médico da Força Policial de Minas Gerais, sabe o governador mineiro que toda a sua força vem do apoio que lhe tem

³³ Idem, *ibidem*.

dado o povo. “Mas este homem comum, este homem simples que fizestes hoje vosso candidato à Presidência da República tem algumas idéias”.³⁴

JK, ao mesmo tempo que se colocava como “homem comum”, dizia ter “algumas idéias”, idéias inovadoras que ele desejava que transmitissem a imagem do candidato mais adequado ao cargo que estava em vias de disputar.

Após Juscelino ter vencido as eleições, o que se deu em outubro de 1955, a revista *Manchete* entrevistou o presidente e trouxe na capa uma foto sua. A reportagem em questão, que ocupou algumas páginas, foi assinada por Evandro Carlos de Andrade e fotografada por Gervásio Baptista que, conforme já foi dito, se consagrou como nome de grande valor no campo da fotorreportagem.

3.2 O Cruzeiro apóia o candidato Juscelino

A revista *O Cruzeiro*, embora com interesses diversos dos de *Manchete*, também se mostrou favorável ao candidato Juscelino:

O Cruzeiro apoiou a candidatura de Juscelino Kubitschek e após sua eleição continuou a promover o presidente, registrando sua vida em família, seu encontro com personalidades e até publicando suas memórias da infância em Diamantina. A revista inaugurava, através de sua “missão” junto a Juscelino, um novo tipo de relação entre a imprensa e o homem público, apresentando-o como um “cidadão comum” e ao mesmo tempo enaltecendo suas qualidades de chefe de Estado.³⁵

Este “novo tipo de relação entre a imprensa e o homem público” ao qual se refere Marieta de Moraes Ferreira também foi utilizado pela *Manchete*, conforme se pode observar ao longo deste trabalho.

³⁴ *Manchete*, n. 148. 19 de fevereiro de 1955, p. 12.

³⁵ Disponível em <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/html/>. Acesso em 21 de janeiro de 2006.

O periódico *O Cruzeiro*, que fazia parte dos Diários Associados, do poderoso Assis Chateaubriand, dono de vários meios de comunicação – jornais, revistas, estações de rádio e televisão –, não teria podido se manifestar a favor de Juscelino sem a aquiescência de seu proprietário. Chateaubriand desejava (e conseguiu) financiamentos facilitados do governo JK.

A respeito das relações entre os atores políticos e a imprensa nos anos 1950, a professora Ana Paula Goulart Ribeiro, em seu artigo intitulado *Jornalismo, literatura e política* (Ribeiro, 2003: 156), defende a hipótese de que o papel da política sempre foi muito importante no que toca à própria sobrevivência dos órgãos de comunicação, pois estes, para financiar o seu desenvolvimento, necessitavam de empréstimos concedidos por estabelecimentos oficiais de crédito. Em troca, tais órgãos apoiavam os grupos políticos que lhes tinham favorecido.

A mesma autora cita um depoimento do jornalista Hélio Fernandes, que é proprietário do jornal *Tribuna da Imprensa* desde 1962, em entrevista concedida ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC):

Na medida em que um órgão de comunicação cresce e se transforma em empresa, passa a ter necessidades tão grandes quanto uma fábrica de camisas, uma siderúrgica, uma fábrica de cimento. Algumas empresas no Brasil nesses últimos 20 anos [depoimento da década de 1970] não faliram porque eram jornais; se fossem indústrias estariam falidas. As aproximações e “desaproximações” com o poder são, portanto, em jornalismo, muito normais. (Hélio Fernandes apud Ribeiro, 2003: 157)

Em relação ao governo JK, além dos favorecimentos econômicos, Chateaubriand ainda gozou de outros benefícios, como, por exemplo, ter ocupado o posto de embaixador do Brasil na Inglaterra, cargo este que fora “negociado” com antecedência com Juscelino pelo próprio Chatô, de acordo com o que ele mesmo relatou:

Desejo que os brasileiros saibam que não foi o governo quem me convidou para a missão que vou ter em Londres, na cabeça do Império. Fui eu quem, desde 1953, admitindo a hipótese de o governador Kubitschek vir a ser o presidente da República, lhe pedi que me reservasse a embaixada de Londres, caso pudesse merecer a confiança para exercê-la. Ele disse que sim, e que tão logo o embaixador Souza Leão se aposentasse, faria o expediente necessário junto ao Foreign Office para saber se eu era ali persona grata, a fim de poder ser nomeado pelo governo federal. (Morais, 1994: 600)

3.3 A seção “Política”

Uma das seções que a revista *O Cruzeiro* apresentava sistematicamente se intitulava “Política”. Os comentários que naquelas páginas se faziam eram sempre referentes a temas políticos relevantes naquela semana, tais como o posicionamento do governo a respeito de tal ou qual assunto, as opiniões dos partidos, a situação político-militar, as dificuldades enfrentadas pelo presidente, as crises que atingiam o governo e matérias semelhantes. Faziam parte desta mesma seção pequenas notícias sobre política, agrupadas no que poderíamos chamar de uma “subseção” que tinha por título “Em confiança”.

Na edição de 28 de janeiro de 1956, aquele semanário se referiu à campanha que Juscelino empreendera com vistas à presidência da República, como “campanha das mais difíceis da história política do Brasil”³⁶ em uma página da seção “Política”, cujo título foi “A batalha que Juscelino ganhou”. *O Cruzeiro*, desta forma, valorizava o fato de JK ter sido o vencedor daquele pleito.

³⁶ *O Cruzeiro*, n. 15. 28 de janeiro de 1956.

3.4 A viagem antes da posse

Juscelino empreendeu uma viagem aos Estados Unidos e a alguns países da Europa, durante o mês de janeiro de 1956, com o objetivo de estabelecer contatos com os dirigentes de tais nações e também com os grandes responsáveis pelos setores industriais e comerciais daqueles países, para que se interessassem em investimentos no Brasil, dada a política desenvolvimentista que era uma tônica no plano de governo de JK. Por ocasião de seu retorno, a revista *Manchete* fez uma reportagem mostrando a sua chegada e também se referindo às visitas feitas durante tal viagem. Em relação ao seu contato com o povo naquele momento, a revista enfatizou a alegria com que milhares de pessoas saudaram o seu desembarque e a reciprocidade entre os cumprimentos do povo e do presidente. Podemos perceber, pelo texto, o “estilo” de comunicação que Juscelino adotava ao se relacionar com o público, que o tornava, sem dúvida, a figura simpática que ficou na lembrança de muitos dos que o conheceram:

[...] Cercado de mãos por todos os lados, o sr. Juscelino Kubitschek agitava as suas, efusivamente, na tentativa de retribuir os cumprimentos com que o saudava a multidão. Durante cerca de três horas, tanto no aeroporto do Galeão, onde desembarcou, como ao longo de todo o percurso até a Cinelândia, um mundo de braços se levantou em volta do presidente, executando, improvisadamente, o estranho e inédito ballet de mãos que exprimiam as boas-vindas ao sr. Juscelino Kubitschek, na festa em que o povo transformou a sua chegada triunfal.³⁷

Quanto às visitas feitas aos países estrangeiros, a *Manchete* deu relevo, não somente às relações estabelecidas por JK no plano político como também procurou mostrar o presidente em momentos nos quais se evidencia a sua figura de “um homem como os outros”, conforme, já vimos, ele mesmo se definira.

³⁷ *Manchete*, n. 197. 28 de janeiro de 1956, p. 6.

Em abril de 1930, Juscelino, já formado em medicina, com o objetivo de se especializar em urologia, fora para Paris, fazendo, naquela ocasião, o curso do professor Maurice Chevassu no hospital Cochin. (Pantoja, 2001: 2952) Ao visitar aquela cidade, já como presidente eleito do Brasil, a *Manchete* informa, na legenda de uma foto onde se vê JK e seu antigo mestre, que “A primeira visita sentimental do sr. Juscelino em Paris foi ao seu antigo professor, M. Maurice Chevassu”.³⁸

Suas qualidades também não passaram despercebidas pelo noticiário francês. O jornal *Le Monde* assim se referiu a Juscelino: “O balanço da estadia do presidente eleito do Brasil em nosso país é incontestavelmente positivo. Por sua cordialidade e seu dinamismo, o sr. Juscelino Kubitschek conquista a simpatia de todos os que dele se aproximam.”³⁹

A *Manchete* informava, ainda nesta mesma reportagem, que o correspondente da revista em Paris, Justino Martins, acompanhou Juscelino à Alemanha e à Itália, como convidado especial. Segundo aquele semanário,

No aeroporto do Düsseldorf, o mundo oficial da República Federal Alemã aguardava o sr. Juscelino Kubitschek. [...] Em Bonn, o presidente concedeu uma entrevista à Associação Comercial alemã, que o recebeu com entusiasmo [...] Ainda na Alemanha, o presidente visitou quatro grandes usinas siderúrgicas da bacia do Ruhr e foi recebido por Adenauer, que o apresentou aos líderes industriais alemães.⁴⁰

No Vaticano, JK foi recebido pelo Papa Pio XII em uma audiência com maior duração do que geralmente estabelecia o protocolo. Ao invés dos quinze minutos habituais, foram concedidos quarenta e cinco minutos ao presidente eleito. *Manchete* diz que tal encontro

³⁸ Idem, p. 8.

³⁹ *Le Monde* apud *Manchete*, n. 197. 28 de janeiro de 1956, p. 8.

⁴⁰ *Manchete*, n. 197. 28 de janeiro de 1956, p. 10.

[...] culminou com um discurso em que Sua Santidade mostrou-se perfeitamente informado sobre as coisas do Brasil, referindo-se, a seguir, à eleição do sr. Juscelino Kubitschek “cujos altos méritos e superiores qualidades administrativas foram reconhecidos e consagrados pela Nação Brasileira através do voto”.⁴¹

Ilustra esta página uma grande foto de Pio XII em conversa com JK, com a seguinte legenda: “O Papa Pio XII louvou os propósitos do sr. Juscelino de empregar esforços para elevar o nível de vida das classes mais humildes.” Como sabemos, o discurso nacional-desenvolvimentista de Kubitschek trazia em seu bojo a perspectiva de novas oportunidades de emprego, o que acarretaria, conseqüentemente, um aumento do nível de vida da população e o combate à miséria. Desde 1952, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) era a “grande responsável pela orientação mais participativa da Igreja nas questões político-sociais.” (Abreu, 1996: 13-14) A Igreja Católica começou a ser menos conservadora e alguns grupos que faziam parte dela se voltaram contra a injustiça social, promovendo o debate em torno do assunto e agindo concretamente em relação a isso:

Neste sentido, grupos e associações como a ACB (Ação Católica Brasileira), em 1950, a JEC (Juventude Estudantil Católica), a JUC (Juventude Universitária Católica) e a JOC (Juventude Operária Católica) organizavam-se e reorganizavam-se de modo a contribuir e potencializar a ação junto à nação. Tais iniciativas acabam por declinar, já na década de 1960, na AP (Ação Popular), grupo catalisador da esquerda católica, estruturado sobre as bases do socialismo humanista, cujo objetivo era conscientizar e organizar a população. (Silva, 2003: 151)

Dando continuidade à cobertura feita à viagem de JK à Europa, a revista *Manchete* enfatizava o lado humano de Juscelino quando de sua visita ao cemitério brasileiro de Pistóia, na Itália (onde estavam enterrados os soldados brasileiros mortos naquele

⁴¹ Idem, ibidem, p. 13.

país durante a Segunda Grande Guerra), ao relatar que “[...] o sr. Juscelino Kubitschek pronunciou (quase chorando) um breve discurso em que jurou ‘aos pés de vossos túmulos que jamais trairei a minha missão de tudo fazer para o engrandecimento do nosso país’”⁴² A revista, com tal reportagem, levava aos leitores a imagem de um presidente que valorizava o civismo, fazendo questão de homenagear seus conterrâneos que haviam lutado e perecido pela paz mundial e que prometia, de maneira solene, nunca se afastar de seu propósito de construir um Brasil grande. Segundo suas próprias palavras, esta era a sua “missão”.

A *Manchete* também se referiu ao fato de que os grandes jornais italianos registraram a vida de JK, a partir de sua infância, tendo um vespertino de Roma dito que “Juscelino é fã de futebol [como um homem do povo] e deve a sua sorte ao telégrafo”. Para o povo do país que, até nossos dias, é considerado “o país do futebol”⁴³ — o Brasil -- um governante fã deste esporte seria visto, com toda a certeza, como próximo das massas, participante das torcidas comumente inflamadas dos nossos estádios. A *Manchete*, ao destacar tal informação veiculada pelo jornal romano, reforçava ainda mais a imagem de JK como homem simples do povo. Além disso, a notícia de que Juscelino devia “sua sorte ao telégrafo” fazia crer que todo aquele que escolhesse o caminho do trabalho, independentemente de qual fosse este, poderia chegar a alcançar cargos de importância, inclusive na política.

Esta mesma viagem, na qual Juscelino percorreu doze países, foi acompanhada por uma equipe de *O Cruzeiro*, da qual faziam parte o jornalista Hélio Fernandes, viajando no avião da comitiva oficial e o fotógrafo Eugênio Silva (que estava na revista desde 1947), que desde a época em que JK fora prefeito de Belo Horizonte o acompanhava fazendo a cobertura fotográfica de suas viagens.

⁴² Idem, *ibidem*, p. 15.

⁴³ Para maiores informações, ver Helal, Ronaldo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*: Mauad.

3.5 A festa da posse

Em 31 de janeiro de 1956, Juscelino assumiu a presidência da República e a sua posse foi reportada pela *Manchete* com várias fotos de autoria de muitos profissionais, tais como Armando Nogueira, Gervásio Baptista, Hélio Santos, Juvenil de Souza e Orlando Machado. Sob o título “Posse festiva de Juscelino e Jango”, a revista descreveu a cerimônia, informando que compareceram, além de outras autoridades, senadores e deputados em sua maioria, fazendo a ressalva de que haviam pouquíssimos da UDN e relatou também como se deu o percurso dos carros oficiais em direção à Câmara dos Deputados e a sua volta até o Palácio do Catete:

[...] Contido por cordões de isolamento, o povo se comprimia ao longo do percurso. Era gente pendurada nos postes e árvores, gente sentada nas calçadas, acenando bandeirolas e faixas de saudação à dupla J-J. De quando em quando, incidentes de exaltados abriam claros na multidão, provocando a intervenção da polícia e de militares que, diga-se de passagem, agiam em massa e com energia. A cidade estava enfeitada de escudos e bandeiras e, à saída do carro presidencial, da Câmara para o Catete, os sinos da igreja de São José repicaram e os canhões dos fortes saudaram os Presidente e Vice-Presidente empossados com tiros de estilo.⁴⁴

Apesar do título que encabeça esta página – “Os sinos e as fortalezas saudaram o presidente”, o que a reportagem procurava enfatizar era a presença maciça do povo, que “se comprimia ao longo do percurso”, que se pendurava tanto nas árvores quanto nos postes porque, segundo a legenda de uma das fotos, “o poste de sinalização oferece um ângulo melhor”. O povo queria ver de perto o seu novo presidente, aquele que vinha do povo, homem simples que havia sido eleito pelo voto popular. Segundo a *Manchete*, nas ruas as pessoas agitavam bandeiras e exibiam faixas cumprimentando Juscelino e Jango.

⁴⁴ *Manchete*, n. 198. 4 de fevereiro de 1956, p. 7.

As fotos que acompanham a reportagem da posse mostram um Juscelino sorridente, feliz, no Palácio Tiradentes, acenando após prestar “[...] com voz firme e clara”⁴⁵ o compromisso constitucional, no qual prometeu “[...] promover o bem geral do Brasil, sustentar-lhe a união, a integridade e a independência”.⁴⁶

A festa que se realizou mais tarde no Palácio do Catete foi também amplamente fotografada por *Manchete*, em reportagem intitulada “J – J recebem no Catete”, na qual se dá destaque à presença de autoridades estrangeiras e se diz que “Após um dia grandioso e intenso, JK recebeu o mundo (59 países) no Catete”.⁴⁷ Esta é uma reportagem onde as fotos são a tônica, em contraposição a textos muito pequenos. A informação para o leitor é passada muito mais pelo visual do que por palavras. As fotos, as legendas das fotos e o breve texto que acompanham esta reportagem evidenciam o aspecto luxuoso do local que, segundo o relato de *Manchete*, “[...] estava intensamente iluminado”⁴⁸ para o encontro de tantos representantes de nações estrangeiras, que vieram ao Brasil para prestigiar a posse do novo presidente. De fato, em várias das fotografias apresentadas pela revista, os lustres acesos aparecem com destaque. A este “acontecimento ultra-elegante”⁴⁹ compareceram altas autoridades de países amigos. Dentre estas figuras, estão fotografados, por exemplo, o vice-presidente dos Estados Unidos, Nixon, apresentando a JK a filha do ex-presidente norte-americano, Theodore Roosevelt.⁵⁰ Para comprovar a elegância e o luxo de tal festividade, as casacas que “circularam em grande estilo”⁵¹ e as taças (provavelmente de champanhe) que “se tocam como saudação ao novo presidente da República, Sr. Juscelino Kubitschek”⁵² também não escaparam dos registros dos fotógrafos.

⁴⁵ Idem, ibidem, p. 2.

⁴⁶ Idem, ibidem.

⁴⁷ Idem, ibidem, p. 33.

⁴⁸ *Manchete*, n. 199. 11 de fevereiro de 1956, p. 32.

⁴⁹ Idem, ibidem.

⁵⁰ Ver anexo 3.

⁵¹ *Manchete*, n. 199. 11 de fevereiro de 1956, p. 33.

⁵² Idem, ibidem.

Algumas páginas adiante, ilustrando reportagem sobre “o grande banquete da posse”, a imagem de um Juscelino sorridente, portando a faixa presidencial e de sua esposa, sra. Sara Lemos Kubitschek, ocupa todo o espaço de uma página.⁵³ O mesmo destaque é dado em relação à foto do presidente discursando às delegações estrangeiras, onde este aparece entre o vice-presidente, Jango e um representante do clero, o Núncio Apostólico, Monsenhor Lombardi. Aí é evidente o trabalho cuidadoso do editor, na escolha das fotos, do seu tamanho, para chegar ao efeito desejado junto ao leitor. Segundo o depoimento do editor executivo de *Manchete*, Alvimar Rodrigues, o papel que o editor exercia era mais criativo, em comparação com os dias de hoje (depoimento do ano 2000). Em sua tarefa, o editor era

[...] assessorado pelos paginadores, mas, na época, o editor era assim o diretor de cinema, para fazer uma comparação. Ele é que estabelecia: a foto vai ser assim. Hoje é um pouquinho diferente, um pouco diferente porque com o computador a coisa fica muito presa a esquemas mecânicos, então perde um pouco daquela criatividade. [...] O editor, o editor na época, não agora, era como se fosse o diretor do filme, seria o Gláuber Rocha ou seria o Waltinho Moreira Salles. Hoje, com o computador, a coisa não é bem assim não.⁵⁴

Em relação a esta mesma festa na qual foi oferecido o banquete da posse, que se realizou no Palácio do Itamaraty, o jornalista Luiz Maklouf Carvalho, em seu livro *Cobras criadas*, (2001: 328-329) conta uma história que teria acontecido durante aquela recepção. Segundo seu relato, Assis Chateaubriand compareceu ao evento e chamou uma equipe de fotógrafos de *O Cruzeiro* para que cantassem perante as autoridades presentes a famosa canção *Peixe vivo*, que era tão cara a Juscelino. De acordo com Maklouf, o repórter fotográfico Eugênio Silva descreveu tal fato em um artigo seu sobre Chatô intitulado *Memórias do Velho Capitão Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, Chatô, para os íntimos, por um seu fiel escudeiro*, publicado no

⁵³ Ver anexo 4.

⁵⁴ Alvimar Rodrigues, em entrevista à autora. Rio de Janeiro, 19 de junho de 2000.

Estado de Minas em 30 de junho de 1988. O coro de cantores improvisados à última hora foi composto, nas palavras de Eugênio, por ele próprio e mais Luciano Carneiro, o alemão Ed Keffel, João Martins e José Amádio, tendo todos cumprido a tarefa e divertido muito o “Velho Capitão”. Não é difícil imaginar o impacto causado por tal “apresentação musical” em meio a uma festa solene de posse do novo presidente da República e seu vice, festividade cercada de gala e rígido protocolo. Mas Chatô, o grande “comandante” de *O Cruzeiro*, não era afeito a obedecer regras.

3.6 Trajetória de JK por *O Cruzeiro*

Na edição do dia quatro de fevereiro de 1956, isto é, poucos dias após a posse, em concordância com a imagem pública de Juscelino que a revista *O Cruzeiro* queria construir, aquele semanário dedicou uma reportagem de dez páginas à trajetória de JK, com ênfase no período em que ele viveu em Diamantina, onde nascera, tendo de lá saído pela primeira vez na juventude, para estudar em Belo Horizonte. A maioria das fotografias que fazem parte desta reportagem, cujo título é “Juscelino – Nonô da mestra [a mestra é D. Júlia, mãe de Juscelino e professora] – o menino pobre de Diamantina é o PRESIDENTE do BRASIL”, foram tiradas em Diamantina, por ocasião da visita feita por JK àquela cidade logo após a vitória eleitoral e são de autoria de Eugênio Silva. O texto da reportagem é de Olavo Drummond, na época deputado da Assembléia Legislativa de Minas Gerais. Pelo próprio título da fotorreportagem, percebe-se qual o sentido que a revista quer dar à trajetória do presidente. O subtítulo é ainda mais explícito: “História do menino pobre que se tornou presidente da República”.⁵⁵

As primeiras palavras do texto se referem à D. Júlia, apresentada como pessoa simples, que não fala muito, de caráter austero e reservado e que criara os dois filhos – Naná e Nonô – apelidos de Maria da Conceição e de Juscelino, dentro desta atmosfera de simplicidade. Segundo a reportagem, não foi fácil “quebrar” a barreira de discrição de D. Júlia para fazer com que ela comentasse sobre a família, que viveu

⁵⁵ Ver anexo 5.

momentos bons mas também momentos difíceis naquela cidade. Pouco a pouco, aquela que havia sido a mestra de tantas crianças de Diamantina e que já se encontrava com oitenta anos de idade, mas, nas próprias palavras de *O Cruzeiro*, “com uma lucidez admirável”⁵⁶, acabou contando sobre os filhos e não conseguiu disfarçar o orgulho que sentia a respeito de Juscelino.

A reportagem prossegue registrando a persistência como forte característica da personalidade de JK que, tendo somente quatro anos, resolvera ser médico e, vinte anos após, se formou em medicina. De acordo com as palavras de sua mãe, “O menino nunca deixou nada pelo meio.”⁵⁷ Este comentário pode nos remeter, hoje, a uma reflexão sobre Brasília. O persistente Juscelino não abandonou o projeto de construir uma nova capital. Apesar de todas as críticas e dificuldades enfrentadas, ele continuou até o fim. Brasília foi construída e inaugurada antes do término de seu mandato, conforme havia prometido, ainda em campanha.

O texto da reportagem se refere também à popularidade de Juscelino em sua cidade natal, que teria se iniciado na Igreja, local por excelência para se conquistar popularidade na época de sua infância, onde o garoto Juscelino ajudava as missas e participava de outras cerimônias religiosas. Desde então, o seu nome e sua figura nunca mais deixaram de ser populares. Mas JK se esforçou para que isto assim permanecesse. Quando foi governador de Minas, viajou muito pelo interior do Estado. Segundo *O Cruzeiro*, “Governou [...] fora do Palácio. Ia ao casarão da Praça da Liberdade apenas para tomar providências e receber visitantes.”⁵⁸ E desta forma continuou sendo, inclusive depois de presidente, o Nonô de Diamantina. Três fotos que constam desta reportagem atestam a capacidade de Juscelino em se comunicar facilmente com o povo. Elas mostram JK sorridente, abraçando de maneira carinhosa uma senhora idosa, que aparenta ser uma pessoa simples e a legenda que encima as

⁵⁶ *O Cruzeiro*, n. 16. 4 de fevereiro de 1956, p. 4.

⁵⁷ *Idem*, *ibidem*.

⁵⁸ *Idem*, *ibidem*, p. 12.

fotos informam que “Maria de Jesus, diamantina, 104 anos, fêz questão de votar no seu presidente”.⁵⁹

Os repórteres relatam ainda que estiveram no quarto da casa onde JK passou os anos da infância e adolescência. O fotógrafo de *O Cruzeiro* registrou o presidente à janela. A foto ocupa a página inteira e a legenda que acompanha esta foto é significativa: “Uma janela e muitos planos. Ela ficou como um marco na vida de Juscelino. Quando fala sobre sua carreira, êle diz que tudo está ligado a êste quarto de infância.”⁶⁰ O tipo de discurso aí estabelecido mostra uma forma de entender a trajetória de vida como linear e como um conjunto de fatos que se ligam desde o começo (a infância) até o momento presente (a presidência) passando por todas as etapas da sua carreira. Um dos aspectos que a revista queria enfatizar era que JK, embora sendo agora presidente, continuava o homem simples que sempre fora. Juscelino não mudara (assim como não mudara a janela de madeira do seu antigo quarto de infância): “O retângulo de madeira sofreu chuvas e tempestades e não mudou. Nem tampouco o homem, que naquele momento de retôrno, ao nosso lado parecia reviver os duros momentos de menino pobre.”⁶¹

Juscelino na juventude continuou a enfrentar dificuldades. Trabalhou como telegrafista para custear seus estudos de medicina em Belo Horizonte. Lá residiu primeiramente em uma “pensão de terceira classe”⁶², conforme informa a reportagem e depois na pensão da Dona Cota.⁶³ Prosseguindo no relato da história de vida do presidente, *O Cruzeiro* apresenta um pequeno texto que a revista nomeia como

⁵⁹ Ver anexo 6.

⁶⁰ Ver anexo 7.

⁶¹ *O Cruzeiro*, n. 16. 4 de fevereiro de 1956, p. 7.

⁶² Idem, ibidem.

⁶³ Segundo o jornal *Estado de Minas* de 1º. de novembro de 2005, “Ana Vieira da Fonseca, a dona Cota, nasceu no distrito de Glauro, perto de Ouro Preto. [...] em 1910, pegou os oito filhos e veio a pé se estabelecer em Belo Horizonte, quando montou a pensão na antiga Avenida Liberdade, hoje João Pinheiro, esquina com Guajajaras. A casa, com seis quartos, foi residência de figuras ilustres da época como Odilon Bherens, Júlio Soares, José Maria Alkmin e Pedro Nava, amigo inseparável do futuro presidente da República. [...] [JK] Morou pouco tempo com dona Cota já que, segundo registros históricos, quando se formou em medicina pela UFMG, já não estava mais na pensão.”

“Juscelino na intimidade”⁶⁴, sucintas informações acerca da rotina diária de JK, rotina muito voltada para o governo, a política e a família. Informa que ele lê todos os jornais diariamente e que faz questão de uma imprensa livre. Descreve ainda seus hábitos e costumes simples, como, por exemplo, descalçar o sapato do pé esquerdo quando estava viajando ou em ambientes íntimos. No carro, sua preferência era sentar ao lado do motorista; se estava se locomovendo oficialmente, ia no banco de trás, porém contrariado. É enfatizado também seu relacionamento com a família, sua admiração pelas qualidades da esposa e a dedicação que Juscelino devota às duas filhas, Márcia e Maristela. Além destas características, *O Cruzeiro* desejava demonstrar que Juscelino era adepto da “transparência” na política: “Não é homem de segredinhos. Entende que tudo que tem relação com a vida pública pode ser dito em voz alta.”⁶⁵

O caminho percorrido por Juscelino em sua vida política, desde os seus primeiros tempos na chefia do Gabinete Civil do Governador Benedito Valadares até sua eleição para presidente da República, foi condensado em uma página desta reportagem, ressaltando sua grande capacidade como administrador, tanto quando ocupava o cargo de prefeito de Belo Horizonte quanto depois como governador de Minas. Segundo *O Cruzeiro*, a administração que JK implantara “[...] nem os mais intransigentes adversários conseguiram desacreditar perante a opinião pública do País [...]”⁶⁶

Também faz parte desta reportagem a foto, que se tornou famosa, de Juscelino e a jabuticabeira, que foi clicada por Eugênio Silva.⁶⁷ A descrição do fato está no texto:

Quando o repórter estêve na casa da Rua S. Francisco [onde JK nascera] pôde ver a célebre árvore. Juscelino também foi. À sombra da velha amiga não se conteve: subiu [de terno e gravata] no primeiro galho e catou as

⁶⁴ *O Cruzeiro*, n. 16. 4 de fevereiro de 1956, p. 9.

⁶⁵ *Idem*, *ibidem*.

⁶⁶ *Idem*, *ibidem*, p. 10.

⁶⁷ Ver anexo 8.

melhores frutas. Foi naqueles troncos que êle decorou os clássicos e se tornou dono da Geografia e da História Pátria.⁶⁸

A narração do retorno à mesma árvore da infância, acompanhado do registro fotográfico, constrói, “eternizando”, a imagem do presidente que dá valor às coisas simples da vida, como colher diretamente da árvore os frutos que tanto apreciava. A roupa (a aparência) não é mais a do menino pobre de Diamantina; mas o espírito é ainda o mesmo. Publicando a história de vida de Juscelino, da sua meninice à sua chegada à presidência da República, enfatizando seus hábitos simples, sua infância sem recursos, seus esforços em relação aos estudos, sua capacidade política e ainda mostrando que este homem, agora presidente, voltava aos tempos de infância, à sua terra natal para rever os lugares e as pessoas que lhe são caros, que fizeram parte de seu passado, *O Cruzeiro* estava construindo uma imagem de JK “homem como os outros”, figura muito próxima daqueles que o tinham levado à vitória eleitoral.

3.7 “Juscelino quer ser ‘juscelinista’”

Neste mesmo número, na seção denominada “Política”, são abordadas questões que se referem às dificuldades que Juscelino sabia que teria de enfrentar como chefe do governo. Com o sugestivo título “Juscelino quer ser ‘juscelinista’”, o que se afirma no texto é que, muito embora JK e Jango tivessem sido eleitos “[...] na faixa de propaganda da redenção do getulismo pessedista e trabalhista”⁶⁹, o presidente entendia que não podia ficar restrito às influências das forças que então dominavam a política brasileira. Ele almejava chefiar a nação de maneira pessoal e independente, a fim de conseguir realizar o que planejava para seus cinco anos de governo. Segundo *O Cruzeiro*, “A ambição do Sr. Kubitschek é inaugurar um período ‘juscelinista’ da vida nacional, contando por dominar a opinião pública dos grandes centros urbanos pelas realizações com as quais lançaria o País numa intensa fase de progresso

⁶⁸ *O Cruzeiro*, n. 16. 4 de fevereiro de 1956, p. 12.

⁶⁹ *Idem*, *ibidem*, p. 102.

material.”⁷⁰ Entretanto, *O Cruzeiro* aponta problemas em relação à própria base parlamentar que apoiava Juscelino, isto é, o PSD e o PTB. E no tocante à UDN, partido de oposição, as declarações do Senador Juraci Magalhães, um dos vice-presidentes do partido, eram no sentido de que a UDN havia recebido solicitações para colaborar no governo e que, em sua opinião, “[...] isso não acontecerá, na medida que possa eu influir para evitar essa colaboração”⁷¹.

Curiosamente, as fotos que ilustram esta seção neste número da revista são todas referentes à viagem empreendida por Juscelino aos países estrangeiros, pouco antes de sua posse.⁷² Na edição de 3 de março de 1956, tal seção tem como título “Cabe a Juscelino levantar a tutela”. O que se discute são os conflitos internos em relação às forças militares e a importância de alguns chefes dos altos comandos, tanto por parte do Exército, quanto da Marinha e Aeronáutica, no tocante à manutenção da ordem e da estabilidade político-militar.⁷³

O governo JK estava iniciante e a questão da consolidação do regime democrático, notadamente após o episódio de Jacareacanga, no qual houve a tentativa de derrubada do governo, era prioritária. A rebelião que se passara no norte do país evidenciava que determinados setores das forças armadas não estavam satisfeitos com a vitória de Juscelino e Jango. Diante de todos estes fatos, a figura do general Lott, ministro da Guerra, se destacava, no sentido de manter a legalidade constitucional. Entretanto, a sua posição e atuação despertavam o sentimento de que ele tinha em suas mãos a tutela do governo. Juntamente com ele mais dois generais detinham o poder militar no Exército: os generais Zenóbio da Costa e Odílio Denis. O primeiro destes, afirma *O Cruzeiro*, “[...] é, sem dúvida, ponto de aglutinação de fôrças do Exército.”⁷⁴ Entretanto, alguns generais haviam se posicionado contrários ao movimento de 11 de

⁷⁰ Idem, *ibidem*.

⁷¹ Idem, *ibidem*.

⁷² Ver anexos 9 e 10.

⁷³ Ver anexos 11 e 12.

⁷⁴ *O Cruzeiro*, n. 20. 3 de março de 1956, p. 109.

novembro (que garantiu a posse de Juscelino e Jango) e no texto se chama a atenção para estas tensões dentro daquela instituição.

Os comentários prosseguem no sentido de mostrar que a Marinha e a Aeronáutica também tinham problemas, divisões internas. Porém, o fato de que o governo legítimo, eleito pelo povo, havia sido restaurado, fez com que a opinião pública se colocasse contra intervenções militares, o que exigiu prudência por parte dos chefes militares em relação a seus posicionamentos. E, neste sentido, o general Lott parecia ser o militar mais indicado para lidar com a situação. O papel dos comandantes militares naquele momento era o de manter a estabilidade. O papel que cabia ao presidente era o de administrar com eficiência o governo e demonstrar de imediato, nestes primeiros meses de sua gestão, sua capacidade de se impor à opinião militar e de lidar com as questões econômicas e financeiras que se lhe apresentavam. Segundo *O Cruzeiro*,

Candidatando-se ao govêrno como administrador, o Sr. Juscelino Kubitschek recebeu, ao subir ao Catete, uma tarefa política que supera pelas suas dificuldades a tudo quanto se propôs até aqui em nosso país a um homem público investido do supremo poder.

Por enquanto, o comando militar mantém-se como fator de estabilidade e de conservação [...]. Cabe ao Sr. Juscelino Kubitschek tornar definitiva a situação atual.⁷⁵

3.8 O levante de Jacareacanga

Quando ocorreu a rebelião de Jacareacanga, importante movimento por parte de oficiais da Aeronáutica que desejavam a derrubada do governo de Juscelino, logo no mês seguinte à sua posse, *O Cruzeiro* enviou repórteres que produziram extensa cobertura do episódio, com fotorreportagens plenas de informações detalhadas, desde a saída dos oficiais do Campo dos Afonsos até o momento em que três deles já

⁷⁵ Idem, ibidem.

estavam refugiados na Bolívia, após a rebelião ter sido sufocada. A revista abriu espaço em vários números consecutivos para a narrativa dos acontecimentos, com muitas fotografias, algumas ocupando uma página inteira e as legendas “explicavam” as fotos usando expressões tais como “flagrante sensacional”⁷⁶. A forma com que *O Cruzeiro* apresentou o assunto valorizava os rebeldes, principalmente o chefe do grupo, o major Haroldo Coimbra Veloso.

Na edição do dia 3 de março de 1956, o título da reportagem sobre a revolta é “A romântica rebelião” e traz uma foto (que ocupa uma página inteira) do major Veloso, deitado em um banco, foto esta que tem como legenda: “MAJOR HAROLDO VELOSO. CHEFE DA REBELIÃO DAS SELVAS. Oficial de poucas falas, cabelos revoltos, jovem ainda, louro e de olhos azuis.”⁷⁷ Esta apresentação do líder rebelde, que abre por assim dizer a reportagem, induz o leitor a formar uma imagem do major certamente não como um guerrilheiro que desejava causar desordem, mas como um oficial que lutava por uma causa na qual acreditava. O texto desta reportagem é de Jorge Ferreira e as fotos são de José Medeiros. A narrativa se inicia com as lembranças de Jorge Ferreira do ano de 1953, quando este repórter estivera no local onde estava sendo construída a Base Aérea do Cachimbo, em companhia do fotógrafo Henri Ballot, também de *O Cruzeiro*. Naquela época, chegaram até as “miseráveis barracas de oficiais, soldados, trabalhadores e máquinas da FAB.”⁷⁸ Ali, foram apresentados a um homem que estava descalço, vestia calção e uma camisa aberta e que lhes estendeu a mão amigavelmente – era o major Veloso.

Em seguida, o texto discorre sobre a construção daquela Base Aérea, das dificuldades enfrentadas até que ficasse pronta, no Brasil Central, em janeiro de 1954. A figura do major Veloso aí é a de maior importância. Segundo a reportagem, ele

[...] foi a alma e o cérebro da construção do Cachimbo. Isolado da família durante meses a fio, longe das comodidades do asfalto do Rio de Janeiro,

⁷⁶ Ver anexo 13.

⁷⁷ Ver anexo 14.

⁷⁸ *O Cruzeiro*, n. 20. 3 de março de 1956, p. 117.

devorado pela malária, pelos insetos, pelas formigas, judiado pelo meio, e às vezes até pela infâmia, jamais fraquejou. Ele amava a sua obra, ele amava o seu sertão. Era, antes de tudo, um forte.⁷⁹

Este homem (que as palavras da reportagem fazem lembrar a figura do sertanejo representante do homem brasileiro, segundo Euclides da Cunha⁸⁰) é ainda apontado por *O Cruzeiro* como possuidor de um coração generoso, amigo, um verdadeiro irmão, capaz de gestos nobres, que prestava socorro aos doentes, dava comida a quem tinha fome, enfim, um amigo de todos. Além disso, era um verdadeiro representante da FAB – pioneiro, desbravador, simples, modesto. Por tudo isso, o repórter se perguntava o que teria levado este major a tomar a atitude que tomou, indo com seu companheiro capitão José Lameirão até Santarém e, mais tarde, a Jacareacanga. Começa a narrar então como tudo começara. É interessante notar que *O Cruzeiro* enviara alguns repórteres para a região, assim como havia ainda a presença de repórteres de um jornal da cadeia dos Diários Associados, à qual *O Cruzeiro* pertencia. A legenda de uma das fotos da reportagem, na qual se vêem Arlindo Silva e o major Veloso, esclarece:

O Cruzeiro em Santarém – Arlindo Silva, nosso enviado especial, aparece na foto com o Major Veloso, em Santarém, antes da retirada do seu contingente. O CRUZEIRO enviou 4 repórteres à região rebelada. No próximo número, publicaremos ampla reportagem dos últimos acontecimentos. Esta foto, e a outra do canto superior, na página ao lado, foram batidas por Raimundo Costa. O repórter Carlos Platilha, que também se encontra junto aos rebeldes, é quem tem fornecido as

⁷⁹ Idem, *ibidem*.

⁸⁰ Euclides da Cunha (1866-1909), consagrado escritor brasileiro, em sua obra *Os Sertões* “elege”, por assim dizer, a figura do sertanejo do norte como representante de uma raça forte, onde está guardada a verdadeira essência nacional. Euclides elabora esta construção afirmando que aquele homem, por ter ficado isolado, não foi obrigado a se adaptar à civilização e que o meio em que vivia lhe favoreceu, tornando-o mais forte.

informações à Meridional. Ambos pertencem ao jornal Associado “A Província de Belém”.⁸¹

O Cruzeiro apresentou ainda nas edições de 10 de março de 1956 e de 17 de março de 1956, a “saga” de Jacareacanga. Denominando-a de revolução e fazendo uma dramatização dos acontecimentos, deu sempre relevo às figuras de Veloso e também de seu companheiro capitão Lameirão, como ainda do major Paulo Vítor da Silva, oficial que prestava serviços na Diretoria de Aeronáutica Civil (DAC) e que teria decidido se juntar a eles. A partir da edição de 10 de março, o nome do repórter Luciano Carneiro passa a constar das reportagens. Neste número, a história é contada com detalhes, incluindo os antecedentes da rebelião e, segundo *O Cruzeiro*, “o verdadeiro sentido da aventura”.⁸²

No meio da revista, foi incluído um caderno extra sobre a queda de Jacareacanga, que poderia (e deveria) ser destacado, dada a importância do assunto. Com muitas fotos, incluindo algumas nas quais se vêem os repórteres e fotógrafos de *O Cruzeiro*, como que para comprovar a presença destes no local, a reportagem se desenrola com mínimos detalhes. Reproduz inclusive o diálogo entre o brigadeiro Cabral (a bordo de um avião “Beechcraft”) e o capitão Lameirão (que já se encontrava em Jacareacanga, após ter saído de Santarém com Veloso e Paulo Vítor) a propósito da rendição dos rebeldes. Os repórteres Arlindo Silva e Luciano Carneiro estavam a bordo do avião e possuíam um fone de ouvido, com o qual escutavam o diálogo.⁸³

A propósito deste fato, Luiz Maklouf Carvalho (2001: 329-330) narra o que acontecera em relação a estas reportagens. Arlindo Silva teria sido o primeiro dos repórteres a partir para Belém, ainda no início do movimento e improvisou uma dupla com o fotógrafo Raimundo Costa. Luciano Carneiro teria chegado dias depois a Santarém, onde também já estavam os colegas fazendo a cobertura dos acontecimentos. Quando houve o diálogo entre o brigadeiro Cabral e os rebeldes e

⁸¹ *O Cruzeiro*, n. 20. 3 de março de 1956, p. 118.

⁸² *O Cruzeiro*, n. 21. 10 de março de 1956, p. 6.

⁸³ Ver anexos 15 e 16.

que tanto Arlindo quanto Luciano se encontravam em companhia do brigadeiro, com um fone de ouvido, o repórter Arlindo copia o diálogo. Luciano pede o fone, começa a anotar o que ouve e não o devolve a seu colega. Quando voltam para Santarém, Luciano diz a Arlindo que vai a Belém para revelar logo as fotos e mandá-las para o Rio de Janeiro, para que constassem já da próxima edição. Quando Arlindo volta a Belém, após ter permanecido em Santarém para o término da reportagem, é informado que Luciano já estava no Rio e assinara o material somente em seu próprio nome. E mais: o material já estava sendo impresso. Segundo Maklouf Carvalho, Arlindo chegou a pedir demissão, pois não queria mais trabalhar em companhia de Luciano. Porém, como recompensa, teve páginas à sua disposição em outro número para relatar a rebelião como quisesse. Quando aconteceu outra revolta contra o governo JK, em 1959, a de Aragarças, o crédito da reportagem foi para a equipe de *O Cruzeiro*.

Enquanto *O Cruzeiro* deu relevância à figura de Veloso – o principal ator político segundo aquelas reportagens – a *Manchete* priorizou a questão da anistia aos rebeldes. Juscelino, após a rendição dos rebeldes e a prisão de seu líder, segundo a *Manchete*, aplicou um “golpe de mestre [...] nos seus adversários”.⁸⁴ A revista abriu duas páginas de reportagem para abordar o assunto da anistia aos revoltosos proposta pelo governo ao Congresso. Nelas discute, em texto assinado por Murilo Melo Filho, os dois projetos de anistia: o apresentado por Juscelino e Vieira de Melo, líder da maioria na Câmara e o que Sérgio Magalhães, deputado federal pelo PTB propunha, que incluía uma extensão da anistia aos comunistas. Com o título “Anistia: com ou sem Prestes?” e apresentando, em uma das páginas, uma foto de JK como “o anistiador” e, na outra, fotos de Luís Carlos Prestes, Veloso, Lameirão e Vítor (os dois últimos, companheiros de Veloso na rebelião), *Manchete* apresenta um Juscelino conciliador, mas que, ao mesmo tempo, age com rapidez e segurança em relação aos seus opositores:

⁸⁴ *Manchete*, n. 205. 24 de março de 1956, p. 39.

[...] os srs. Juscelino Kubitschek e Vieira de Melo mostraram à oposição que ela, se quiser combatê-los, não pode continuar dormindo: a política, na era atômica, tem de ser feita com agilidade e rapidez. Os opositores não tiveram tempo sequer de exigir a anistia. Pois muito antes da prisão do major Veloso, já o Catete madrugava no assunto.⁸⁵

Este sempre foi o “estilo juscelinista” de fazer política. Como homem de ação, o presidente JK estava sempre atento às manobras e tentativas de derrubá-lo, por parte de grupos que eram contrários ao seu governo. Somente assim poderia responder adequadamente a tais situações, com “agilidade e rapidez”, pois já nos encontrávamos na “era atômica”, onde não é mais possível “continuar dormindo” ao invés de agir. As palavras de Juscelino sobre a anistia constam da reportagem em questão, em letras de tamanho maior que as do texto de Murilo Melo Filho, chamando, desta forma, a atenção do leitor:

Procurei apenas abrir o caminho ao desarmamento dos espíritos. Com isto quis dar ao país a demonstração de que ao governo interessa grandemente um clima de paz e de concórdia para que ele possa trabalhar em benefício dos brasileiros. [...] Precisamos esquecê-los [movimentos revolucionários passados] para começar vida nova.⁸⁶

Manchete está apresentando o presidente calmo, conciliador, que propôs a anistia para os rebeldes de Jacareacanga por desejar “grandemente” para seu país um ambiente pacífico, que permitisse ao governo trabalhar em prol do Brasil e do seu povo. A imagem que a revista está ajudando a construir é a do governante que condena as agitações e desordens porque estas impedem o desenvolvimento do país e que anseia para que o Brasil possa “começar vida nova”, a partir do novo governo que acabara de tomar posse.

⁸⁵ Idem, *ibidem*.

⁸⁶ Ver anexo 17.

3.9 “JK rompe a cortina do petróleo”

Já no início de sua gestão, JK viajou à Amazônia, em visita aos poços de perfuração de petróleo de Nova Olinda. Em reportagem assinada por Evandro Carlos de Andrade e intitulada “JK rompe a cortina do petróleo”, a *Manchete* relata a viagem do presidente, ressaltando sua curiosidade acerca das possibilidades petrolíferas da região, o que significa reforçar a imagem do presidente que quer desenvolver o potencial de riqueza do país. De acordo com sua imagem de governante simpático, comunicativo e que valorizava o trabalhador,

[...] sua reação [durante a visita], identificável por palavras e gestos, foi de franco entusiasmo pelos trabalhadores da Petrobrás. [...] Depois de trafegar sobre 3 quilômetros de estrada barrenta para alcançar o poço de Abacaxis, escondido no meio da selva, e de agüentar no lombo uma daquelas chuvaradas características da região, para ver esguichar o óleo dourado do poço pioneiro NO – I – AZ, Juscelino tomara pela frente uma aula de geologia em grande estilo [...] ⁸⁷

Tais palavras nos chamam a atenção para o presidente sempre ativo, que não se importava de percorrer estradas cheias de barro para conhecer de perto o que se estava fazendo no país para o seu enriquecimento. A figura do executivo de ação que *Manchete* nos apresenta vai até o “meio da selva”, se necessário for, e é capaz de “agüentar no lombo uma daquelas chuvaradas” típicas da Amazônia, para ver “esguichar” o petróleo daquele primeiro poço de Nova Olinda. Este mesmo JK voltado para as questões das riquezas do Brasil é o presidente que não se descuidava do diálogo com o clero, setor com o qual Juscelino sempre mantivera ótimo relacionamento e que era uma de suas bases de apoio.

⁸⁷ *Manchete*, n. 210. 28 de abril de 1956, p. 9.

3.10 Encontro dos Bispos do Nordeste

Em maio de 1956, realizou-se em Campina Grande, na Paraíba, o Encontro dos Bispos do Nordeste do Brasil, convocado pelo bispo-auxiliar do Rio de Janeiro, Dom Helder Câmara, na qualidade de secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Vários ministros do governo de Juscelino Kubitschek estiveram presentes ao Encontro, que tinha como objetivo conseguir soluções para os problemas mais gritantes do Nordeste e de sua população. Dom Helder estava preocupado com a situação sócioeconômica da região, porém sabia que, sem o auxílio do governo, a Igreja pouco poderia fazer. Procurou o presidente JK, sugerindo que técnicos e diretores de repartições que atuassem sobre o Nordeste participassem do Encontro, no que foi de imediato atendido. A revista *Manchete*, que, em junho de 1956, dedica três páginas ao tema, enfatiza a imagem do chefe de governo que prontamente age, convocando inclusive uma reunião sete dias antes do Encontro, com ministros de Estado, diretores e técnicos, como, por exemplo, Celso Furtado, economista do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e a presença de Dom Helder. Nesta ocasião, Juscelino solicitou vários relatos importantes acerca de questões referentes ao Nordeste

[...] E, revolucionando os meandros da informação no Brasil, exigiu que aquelas informações lhe fossem prestadas dentro de 48 horas. Na quarta-feira seguinte, em novo encontro, o Presidente tinha em mãos os dados de que necessitava e que, segundo Dom Helder Câmara, se tivessem sido solicitados pelas vias burocráticas, teriam levado seis meses para serem fornecidos.⁸⁸

Podemos perceber, pelo texto de *Manchete*, não somente o governante de ação, mas também aquele que é inovador, que “revoluciona” os meios de se conseguir informações no nosso país e que não é afeito à burocracia. JK é um presidente que, como se lê em muitos textos que se referem a ele, “tem pressa”. Na mesma

⁸⁸ *Manchete*, n. 216. 9 de junho de 1956, p. 47.

reportagem, há comentários sobre as críticas feitas ao posicionamento da Igreja Católica em relação ao governo, dada essa união com setores públicos na busca de soluções para os problemas do Nordeste. Porém, a *Manchete* se apressa em esclarecer que o clero somente vigiaria que as promessas governamentais fossem cumpridas:

[...] Poder-se-ia pensar que o clero se tornava fiador do Governo JK. Mas, Dom Helder Câmara, na solenidade de instalação do Encontro, pôs os pontos nos *ii*, afirmando que o clero brasileiro não se tornava fiador das providências sugeridas ao poder público, ficando, entretanto, com o compromisso de exercer uma severa vigilância para que todas as promessas feitas fossem cumpridas.⁸⁹

As conclusões a que se chegaram no Encontro acabaram por surtir efeito, pois, mais tarde, o presidente Juscelino lançaria a Operação Nordeste (Openo), cujas bases se encontravam nas sugestões dos grupos de estudos presentes àquele Encontro. E, em fevereiro de 1959, Juscelino propôs ao Congresso Nacional a criação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), que se tornaria realidade através da Lei no. 3.692, de 15 de dezembro de 1959⁹⁰, cujo objetivo foi promover o desenvolvimento do Nordeste.

Há uma concordância, em relação à *Manchete*, na forma pela qual a revista *O Cruzeiro* noticiou o Encontro dos Bispos. Em sua edição de 30 de junho de 1956, com reportagem de Alencar Monteiro, cujo título é “Colaboração entre a Igreja e o Estado”, o texto aponta a importância de D. Helder Câmara e do governo na participação daquela reunião:

⁸⁹ Idem, *ibidem*, p. 48.

⁹⁰ Dados retirados do verbete *Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene)* do *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930*/ Coordenação: Alzira Alves de Abreu... [et al.]. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV; CPDOC, 2001, p. 5619.

Foi D. Helder Câmara, Arcebispo Auxiliar do Rio de Janeiro, o inspirador do chamado Encontro dos Bispos do Nordeste, realizado em Campina Grande, entre 21 e 26 de maio. O trabalho planejado, os estudos elaborados, as medidas indicadas no texto das conclusões são de tal ordem, que de boa-fé não se pode descrever no êxito deste certame, primeiro passo seguro para a tão discutida e pouco acreditada recuperação econômica da região nordestina.

Longe de significar uma conferência a mais, este Encontro, de cerca de vinte prelados no centro do Nordeste, contou com a participação de uma legião de técnicos de todos os ministérios interessados na solução de nossos problemas econômicos. E mais ainda; depois do discurso do Sr. Juscelino Kubitschek ficou a impressão de que realmente o Encontro alcançou a meta desejada.⁹¹

Assim como a *Manchete*, o semanário *O Cruzeiro* também “explica” o papel da Igreja em relação ao governo: “A Igreja não quer se intrometer em assuntos do Estado; quer, apenas, dar a sua colaboração nas soluções dos problemas”.⁹²

3.11 Crises e tensões

O mês de maio de 1956 não se encerrou calmamente. O Rio de Janeiro foi palco, nos dias 30 e 31, de uma série de manifestações, por parte da União Metropolitana dos Estudantes (UME), em aliança com as lideranças secundaristas, contra o aumento de 100% nas tarifas dos bondes, que havia sido concedido pelo então prefeito Negrão de Lima.⁹³ Em vários pontos da cidade, aconteceram depredações, confrontos violentos com a Polícia, tendo *O Cruzeiro*, em sua edição de 16 de junho de 1956, comentado sobre o assunto na seção denominada “Política”. Juscelino, com a habilidade política que lhe era peculiar, após tomar as providências necessárias para sufocar o

⁹¹ *O Cruzeiro*, n. 37. 30 de junho de 1956, p. 119.

⁹² *Idem*, *ibidem*, p. 120.

⁹³ Ver anexo 18.

movimento, “promoveu uma reunião de apaziguamento com os líderes estudantis.” (Pantoja, 2001: 2961)

Como se pode observar, JK, ao mesmo tempo que levava avante seus projetos governamentais, com vistas ao nacional-desenvolvimentismo, enfrentava crises e tensões, às quais tinha que dar solução. Entretanto, de acordo com a avaliação feita pelo deputado Martins Rodrigues, então secretário-geral do PSD, em depoimento à *Manchete*, na edição de 14 de julho de 1956, o governo de JK ia bem. Em resposta à pergunta “Como vai o Govêrno?”, o deputado aborda primeiramente os problemas que Juscelino enfrentou em relação à sua posse e que teriam acarretado dificuldades para que o presidente pudesse, de imediato, dar impulso à sua administração e à execução dos seus planos governamentais. Segundo Martins Rodrigues, a primeira empreitada que Juscelino teve de levar a cabo

[...] consistiu em formar um clima de estabilidade para o govêrno, para que pudesse agir com a desenvoltura que requer o seu “plano nacional de desenvolvimento”, e também para convencer a uma certa parcela da opinião pública, não de todo despicienda, de que se empossara no govêrno para permanecer, e não de modo instável e precário. O govêrno conquistou confiança geral na sua estabilidade e na sua capacidade de duração. Sob êsse aspecto, portanto, é indiscutível que o govêrno vai bem, e essa é a base para a construção do resto.⁹⁴

O deputado prossegue tecendo considerações sobre as realizações administrativas de JK e sobre as questões econômicas, sempre evidenciando o dinamismo do presidente e sua impaciência em solucionar os problemas do país. Finaliza declarando que

Podemos, em conclusão, dizer, com justiça, que o govêrno vai bem. Resta-lhe fazer a crítica dos próprios erros e equívocos, para corrigir as falhas verificadas e prosseguir, escrupulosamente, na tarefa de executar,

⁹⁴ *Manchete*. 14 de julho de 1956, p. 49.

sem descanso, o que o povo pede dos governantes: ordem, trabalho, probidade e civismo.⁹⁵

Não se pode esquecer que esta é a fala do secretário-geral do PSD, partido pelo qual Juscelino se candidatou à Presidência da República e que foi a base partidária forte que neutralizava, por assim dizer, os problemas que se apresentavam no governo JK. O que a revista *Manchete*, ao publicar este depoimento, está transmitindo é a imagem do governante que, apesar dos percalços iniciais de seu mandato, conseguiu, conjugado com a estabilidade política, impulsionar vários dos seus projetos governamentais.

Ainda no ano de 1956, Juscelino enfrentou mais uma crise, que se referia à posição que o general Lott ocupava no governo. O general era considerado *persona non grata* pela oposição que o estava sempre atacando. No mês de agosto,

Diante dos violentos ataques a Lott efetuados pela *Tribuna da Imprensa* sob a orientação de Lacerda, alguns oficiais decidiram, em 24 de agosto, apreender o jornal, cabendo ao general Augusto Magessi Pereira, chefe de polícia do Distrito Federal, a iniciativa de impedir sua circulação. (Pantoja, 2001: 2961)

O Cruzeiro, em sua edição de 8 de setembro de 1956, na seção de “Política”, referiu-se ao caso da apreensão daquela tiragem do principal órgão de imprensa oposicionista, considerando que, naquele caso, havia se tornado patente o predomínio do poder militar sobre o civil. Além do texto, há duas fotos: uma delas é de JK, com a legenda: “JK: Poder Civil” (se encontra na página 126 da revista); a outra é do general Lott, com a legenda: “General Teixeira Lott: Poder Militar” (se encontra na página 127 da revista). A revista não só se utilizou do texto para transmitir seu posicionamento a respeito do assunto, mas ainda fez uso da fotografia com legenda para enfatizar sua mensagem.

⁹⁵ Idem, *ibidem*.

Segundo Aline Lopes de Lacerda, a “montagem [das fotos] ao longo das páginas, trabalho fundamental na produção de sentido [...] sugere um conhecimento específico por parte do responsável pela diagramação da obra [no caso, a revista].” (Lacerda, 1994: 246) Tanto *O Cruzeiro* quanto a *Manchete* possuíam bons diagramadores, que sabiam como lidar com as imagens para que estas auxiliassem na construção de um determinado tipo de discurso. Tais recursos foram utilizados pelos dois periódicos no que se refere aos temas ligados a Juscelino. A revista *Manchete*, por exemplo, sempre que noticiava algum fato ligado ao presidente JK, usava a fotografia para enfatizar a atuação daquele governante, tanto no que dizia respeito às questões do desenvolvimento do país quanto em relação a outras questões que, de acordo com as reportagens daquele semanário, para Juscelino também eram relevantes.

3.12 O JK “homem como os outros” e o político atuante

A *Manchete*, ao reportar uma enchente que houve em dezembro de 1956, na cidade de Passa Quatro, em Minas Gerais, registrou o acontecimento com fotos, além de informar que haviam sido enviados gêneros alimentícios, recursos médicos, etc. para as vítimas e assim se referiu à atuação de JK: “[...] o presidente da República (JK iniciou sua carreira política em Passa Quatro, na revolução de 1932, quando era simples major-médico da Polícia Militar de Minas), determinou a construção de 50 casas, pela Fundação da Casa Popular, para abrigá-las [as vítimas].”⁹⁶

O texto acima tem um significativo título: “JK não se esqueceu”. Isto quer dizer que, apesar de ter se tornado presidente da República, o mineiro Juscelino não mudara. Continuava a se lembrar da pequena cidade do interior onde começara sua carreira como político, nos anos 1930, ocasião em que “era simples major-médico da Polícia Militar de Minas”. O então presidente não iria deixar desabrigados os habitantes daquela cidade, atingidos pela tragédia. É esta figura humana, solidária, que não esquecia suas raízes, que se comovia com o sofrimento dos seus concidadãos e os auxiliava, que a revista *Manchete* queria destacar.

⁹⁶ *Manchete*, n. 246. 5 de janeiro de 1957, p. 10.

Ao mesmo tempo, era preciso mostrar que o nosso presidente era o político indicado para tornar o Brasil uma “grande potência internacional”. A *Manchete*, em janeiro de 1957, ao se referir a uma avaliação do ano de 1956 no mundo, se refere à América Latina como local de muitas revoluções – “revolução três vezes ao dia”⁹⁷ - porém como que “isola” o Brasil nesse quadro e o eleva à condição de “líder do bloco”. Segundo a revista, deve-se à atuação política brasileira a criação, à volta do Brasil, de

[...] uma zona de influência que, se ampliada, poderá dar a todo o continente a aglutinação necessária para desenvolver-se.

Os acordos com o Paraguai, as conversações com a Bolívia, e as atuais negociações com o Uruguai são sintomas de que o nosso país caminha no sentido de tornar-se grande potência internacional.⁹⁸

Embora o nome de Juscelino não esteja explícito no texto, está claro que a responsabilidade pela posição ocupada pelo nosso país é do governante, que sabemos tinha em mente, como um de seus objetivos, transformar o Brasil em potência internacional respeitada pelas demais nações. De quando em quando, a *Manchete* abria espaço para uma avaliação das realizações governamentais. Tais reportagens eram geralmente feitas sob a forma de entrevistas com JK, nas quais o presidente expunha suas idéias, não só “julgando” o seu próprio governo até aquela data, mas também falando sobre seus planos para o futuro do país. Desta forma, não somente Juscelino tinha oportunidade de apresentar os seus feitos ao povo brasileiro, o que reforçava naturalmente o sentimento de otimismo e esperança em um Brasil cada vez mais progressista, moderno e grandioso, como também era enfatizado o aspecto de um governante muito próximo ao povo, por duas vias: ao fazer um “balanço” do que se passara, ele estava prestando contas do que fizera, o que significava que, para ele, importava que a população estivesse a par do que acontecia na área governamental; por outro lado, a sua figura era sempre apresentada de forma muito humana, simples e simpática --- sem dúvida, um homem do povo.

⁹⁷ Idem, ibidem, p. 18.

⁹⁸ Idem, ibidem.

Um exemplo deste tipo de reportagem é a que *Manchete* apresentou, em fevereiro de 1957, na qual o presidente falou com exclusividade àquela revista, fazendo uma avaliação do primeiro ano de seu governo. Conforme informava aquele semanário, durante a entrevista JK não escondia "sua preocupação pelo estado de saúde de sua filha Maristela, que acabara de ser operada das amígdalas."⁹⁹ Como uma espécie de "introdução" à entrevista propriamente dita, a *Manchete* discorre sobre detalhes pessoais do dia a dia de Juscelino. Conta, por exemplo, a seus leitores, que JK

Continua com os mesmos hábitos alimentares. Prefere ainda um "chico-angu" (frango ao molho pardo, com couve mineira e angu), um mexido de carne e vagem, com ovos. Não gosta de "mayonnaise", detesta creme de aspargos. Não bebe a não ser champanha nas recepções, quando permanece todo tempo com a mesma taça na mão.¹⁰⁰

A figura que a revista se propõe a destacar, antes da do executivo, é novamente a de "um homem como os outros": ele é um pai como os outros, que se preocupa com a filha recém-operada; ele não deixara de lado os hábitos que adquirira durante a infância e a adolescência passadas no interior de Minas Gerais, haja visto as suas preferências em relação à comida. *Manchete* evidencia que Juscelino "gosta e conta anedotas, ri como um colegial quando a história é boa."¹⁰¹ Ele é como muitos brasileiros e, por não ser afeito às formalidades,

[...] é um dos poucos presidentes que atende diretamente a alguns chamados [telefônicos]. Em seu gabinete de trabalho tem no mínimo 5 telefones e à sua cabeceira um aparelho cujo número ele comete a imprudência de revelar a muitos amigos, tendo, por isso mesmo, que trocá-lo regularmente.

[...] Aos íntimos ele confessa que é um rebelde ao cerimonial. Não gosta de casaca, "black-tie", ou fraque. O protocolo cerceia sua liberdade de

⁹⁹ *Manchete*, n. 250. 2 de fevereiro de 1957.

¹⁰⁰ *Idem*, *ibidem*.

¹⁰¹ Ver anexo 19.

movimentos, sua gesticulação exuberante, a palavra fácil de orador de comício."¹⁰²

Para reafirmar o que dizia no texto, a revista exhibe fotos de autoria de Jáder Neves, nas quais se vê JK saboreando sua "dieta simples", pois "ele não perdeu o gosto mineiro pelo angu e pela couve cortada fininha"¹⁰³. Outras imagens mostram ora a fisionomia de um presidente cansado pelo trabalho incessante, ora a figura simples do homem que, por baixo da mesa, aproveita para tirar o sapato, gesto que Juscelino gostava de repetir, todas as vezes que isto era possível. Além da entrevista, durante a qual o presidente, conforme as palavras da chamada de capa deste número de *Manchete*, "julga a si mesmo" (e ao seu governo), a reportagem traz os depoimentos de Geraldo Carneiro, encarregado de Audiências e de José Moraes, secretário de Imprensa de JK. Sob o título "Como vemos JK", as palavras destes dois colaboradores do presidente são enaltecidas.

Para o presidente Juscelino, segundo Geraldo Carneiro, "[...] todos os problemas são urgentes e todas as pessoas são importantes [...]"¹⁰⁴. O seu secretário de Imprensa se refere à sua "inteligência poderosa e rápida" e ao seu "coração generoso, [...] incapaz de sentir uma necessidade alheia sem o impulso de satisfazê-la." Ele é o homem do "riso franco, [da] palavra amável".¹⁰⁵ Com a publicação das opiniões de tais auxiliares, a revista ressaltava tanto o aspecto do chefe de Estado que toma decisões a cada minuto quanto o lado do "homem da simpatia", características que a *Manchete* não cansava de valorizar ao se referir a Juscelino Kubitschek.

3.13 A troca de ministros

JK se viu frente aos mais variados problemas em muitos momentos de seu governo. Em junho de 1958, "[...] alegando, o desejo de se desincompatibilizar para concorrer

¹⁰² *Manchete*, n. 250. 2 de fevereiro de 1957.

¹⁰³ Ver anexo 20.

¹⁰⁴ *Manchete*, n. 250. 2 de fevereiro de 1957, p. 15.

¹⁰⁵ Idem, ibidem.

às eleições legislativas de outubro próximo --- mas na verdade desgastado pelas dificuldades em obter financiamentos no exterior Alkmin pediu demissão do Ministério da Fazenda. Substituiu-o quatro dias depois Lucas Lopes [...]” (Pantoja, 2001: 2963) Apesar do ministro Alkmin ter pedido demissão do cargo no dia 21 de junho, a revista *O Cruzeiro*, em sua edição do dia 7 do mesmo mês, já se referia ao tema da possível mudança de ministros na pasta da Fazenda. Na seção “Política”, os comentários eram acerca da saída ou não de Alkmin e de que Lucas Lopes estava sendo cogitado para ser o novo ministro.¹⁰⁶

Na edição de 5 de julho de 1958, *O Cruzeiro* registra a cerimônia de transmissão do cargo no Palácio da Fazenda, em reportagem cujo título é “Ministro da Fazenda começou com um novo plano cafeeiro”. O texto se refere aos discursos proferidos pelos dois ministros. Alkmin, segundo a revista, “Fêz um retrospecto de sua atuação à frente dos negócios financeiros do País. Recordou a luta que manteve em vários setores da economia nacional.”¹⁰⁷ As palavras de Lucas Lopes, conforme o relato de *O Cruzeiro*, foram no sentido de

[...] demonstrar que não haveria modificações na política econômica e financeira. Procuraria [...] reduzir o ritmo inflacionário e equilibrar a balança de pagamentos. Quanto à política do café [...] deverá a mesma ser conduzida dentro de um clima de cooperação entre os países produtores e consumidores, tendo em vista a defesa dos preços do produto e uma remuneração justa para os cafeicultores.”¹⁰⁸

O ministro recém-empossado teria finalizado sua fala informando que em poucos dias estariam terminados os estudos para um novo plano cafeeiro. Desta reportagem constam fotos dos dois ministros discursando e confraternizando. Neste mesmo número, na seção “Política”, os principais assuntos abordados são a reforma

¹⁰⁶ *O Cruzeiro*, n. 35. 7 de junho de 1958, p. 100.

¹⁰⁷ *O Cruzeiro*, n. 39. 5 de julho de 1958, p. 29.

¹⁰⁸ *Idem*, *ibidem*.

ministerial e a Operação Pan-Americana (OPA)¹⁰⁹. Com o título “Reforma política visando às “metas”, *O Cruzeiro* aborda as questões da substituição dos ministros da Fazenda e do Exterior e da posição dos nacionalistas em relação à OPA. Segundo aquele semanário,

O SR. JUSCELINO Kubitschek superou, no momento crucial da substituição de ministros, a querela entre nacionalistas e partidários da cooperação estrangeira em nosso desenvolvimento econômico, com o lançamento da sua arrojada operação pan-americana, mediante a qual colocou o problema da política de colaboração com os Estados Unidos em termos irrecusáveis, deslocando o eixo dos debates.¹¹⁰

Outro dos comentários que *O Cruzeiro* faz sobre a OPA é que, de acordo com o pensamento de JK, a política continental que seria implantada por tal programa poderia resolver os problemas do desenvolvimento nacional. *O Cruzeiro*, ao se referir a Lucas Lopes, entre outras observações, afirma que “[...] seu empenho será, fundamentalmente, o mesmo do Sr. Alkmim: fornecer ao Govêrno recursos para o financiamento das metas.”¹¹¹ Nestas páginas, a revista apresenta Juscelino como um governante flexível, enfatizando a sua habilidade política para superar os problemas que surgiam, inclusive as questões referentes aos diferentes grupos que participavam do governo, fossem nacionalistas ou favoráveis à colaboração do capital estrangeiro.

3.14 A propósito da OPA

Em 4 de agosto de 1958, o secretário de Estado norte-americano, John Foster Dulles veio ao Brasil. Em virtude de forte esquema de segurança, que apareceu em fotos de José Medeiros que acompanharam o texto de Armando Nogueira na reportagem de

¹⁰⁹ Operação Pan-Americana (OPA): “Programa multilateral de assistência ao desenvolvimento econômico da América Latina, submetido pelo governo do presidente Juscelino Kubitschek à apreciação do governo dos Estados Unidos em 1958.” (Kramer, 2001: 4183)

¹¹⁰ *O Cruzeiro*, n. 39. 5 de julho de 1958, p. 76.

¹¹¹ Idem, *ibidem*.

O Cruzeiro sobre a visita, a estada do secretário no Brasil foi tranqüila. Segundo a revista, após JK ter falado sobre os objetivos da OPA, relacionando subdesenvolvimento e segurança da América Latina, Dulles disse considerar “[...] impressionante e verídica a frase: “as zonas subdesenvolvidas são em potencial as zonas ocupadas pelo inimigo”¹¹² De acordo com aquele semanário, a viagem do representante do governo norte-americano pareceu proveitosa em termos da OPA. Por outro lado, a *Manchete* de número 351, editada em 10 de janeiro de 1959, em reportagem sobre o ano de 1958, assim se referiu à OPA:

No setor da política externa, o “grande acontecimento” foi a OPA, lançada por JK e cujos objetivos são vistos, ou melhor, apresentados, de maneiras radicalmente diferentes, pelo Brasil, signatário, e pelos Estados Unidos, destinatários da Operação. Mr. Foster Dulles veio ao Rio (agosto), a ver se esquematizava as pretensões brasileiras, articulando-as à contrapartida norte-americana. Não houve acordo, porém. A Operação Pan-Americana não passou de notícia e assim passa a 1959.¹¹³

Em relação ao encontro havido entre JK e Dulles em agosto de 1958, houve um episódio que ficou bastante conhecido e que causou muita polêmica. Enquanto o presidente e o secretário norte-americano conversavam em um pequeno gabinete do Palácio das Laranjeiras, os fotógrafos brasileiros queriam entrar de vez em quando para tirar fotos. O secretário não concordou. Autran Dourado, que havia sido auxiliar de JK no governo de Minas Gerais e era seu secretário de Imprensa na Presidência da República, teve então

[...] a idéia de propor ao pessoal do Itamarati e aos americanos que, após o encontro, JK e Foster Dulles se assentariam um defronte do outro à grande mesa da sala do piano, ladeados por assessores diplomáticos, como se estivessem numa reunião preparatória. [...] Os assessores de

¹¹² *O Cruzeiro*. 23 de agosto de 1958, p. 34.

¹¹³ *Manchete*, n. 351. 10 de janeiro de 1959, p. 80.

ambos os lados já se encontravam sentados, aguardando que o presidente e Foster Dulles chegassem. Chegaram, defrontaram-se, e Juscelino fez um gesto de delicadeza com a mão direita, a palma para cima, para que Foster Dulles se sentasse primeiro. Nesse exato momento um fotógrafo do *Jornal do Brasil* bateu uma felicíssima foto do ponto de vista profissional, na qual o presidente aparecia de mão estendida para o representante da riquíssima nação americana.¹¹⁴ A foto foi publicada tendo como legenda um verso de uma música popular humorística, então na moda: “Me dá um dinheiro aí.” (Dourado, 2000: 85)

O Cruzeiro, em sua edição de 13 de setembro de 1958, na seção “Política”, publicou: “Em confiança: O Sr. Foster Dulles pediu à embaixada norte-americana no Rio de Janeiro que adquirisse para sua coleção particular quatro cópias da fotografia em que o Presidente Kubitschek aparece de pé, antes de cumprimentá-lo, a pedido dos cinegrafistas, fotografia que tanta celeuma causou.”¹¹⁵

3.15 David Nasser e o *Messias do trópico*

Na edição de 5 de julho de 1958 de *O Cruzeiro*, há um artigo escrito por David Nasser, intitulado “Messias do trópico”, onde ele comenta sobre Juscelino, notadamente em relação às questões financeiras e à mudança dos ministros da Fazenda. Com o estilo irônico que lhe era peculiar, critica a maneira como o presidente estava conduzindo a economia e analisa, a seu modo, as figuras de Alkmin e de Lucas Lopes. Segundo as palavras de Nasser, JK não era governante que soubesse lidar com um orçamento contido:

Juscelino, tudo indica, teria sido um enorme Presidente para os dias tranquilos, para os anos de fartura, das vacas gordas, dos cofres abarrotados. Não é homem que saiba lidar com os orçamentos

¹¹⁴ Ver anexo 21.

¹¹⁵ *O Cruzeiro*, n. 48. 13 de setembro de 1958, p. 74.

espremidos. [...] Um orçamento rígido pendurado a um govêrno como o de Juscelino é assim como uma baleia rebocada por um bote.¹¹⁶

A respeito de Alkmin, o jornalista opina que a política econômica do então ex-ministro diferia muito da forma com que JK desejava que as finanças fossem administradas. De acordo com Nasser, “[...] que fazia o amigo Juscelino enquanto Alkmin poupava? Fazia o inverso. O seu programa de realizações, se cumprido à risca, deixaria o Brasil de tanga. Mas não seria isso, a seu ver, um imperativo do desenvolvimento?”¹¹⁷ Mais adiante, no mesmo texto, o jornalista indaga sobre Lucas Lopes: “Quem é êsse novo Messias tropical que Juscelino foi arrancar do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico?”¹¹⁸ Na opinião de Nasser, enquanto

[...] Alkmin era, economicamente, o Anti-Juscelino [...] Lucas Lopes, não. Tem linhas modernas. É mineiro, mas não é avarento. E o de que o Brasil está realmente precisando em matéria de finanças é de um “new look”. Saudemos, portanto, com um crédito de confiança, o novo Messias do Trópico.¹¹⁹

3.16 Lucas Lopes e o Plano de Metas

Para entender melhor quem foi Lucas Lopes e sua atuação como um dos atores políticos que teve importância fundamental no governo do presidente Juscelino Kubitschek, é importante nos reportarmos à questão do Plano de Metas, no qual foi definida a política econômica de Juscelino. O Plano ou Programa de Metas, segundo Ricardo Maranhão (1988: 44), “[...] foi possível graças a um conjunto de determinações históricas da sociedade brasileira, no quadro de um processo de industrialização e de transformações capitalistas cujo início vem ainda dos anos 30.” De acordo com o mesmo autor, desde aquela década, a intervenção estatal na

¹¹⁶ *O Cruzeiro*, n. 39. 5 de julho de 1958, p. 104.

¹¹⁷ *Idem*, *ibidem*.

¹¹⁸ *Idem*, *ibidem*.

¹¹⁹ *Idem*, *ibidem*, p. 105.

economia se fez sentir. JK, em seu governo, “[...] ampliou intensamente essa participação, ao mesmo tempo que estimulou como nunca o investimento privado, abrindo principalmente as portas ao capital estrangeiro.”¹²⁰ (Maranhão, 1988: 46)

Considero importante a transcrição do relato feito pelo próprio Juscelino acerca de aspectos de financiamentos econômicos em seu governo:

Em 1956 as entidades internacionais tinham suas portas praticamente fechadas ao Brasil. Não possuíamos crédito sequer para cobertura de déficits cambiais, pois a quase totalidade de nosso ouro já se achava empenhada no exterior. Não houve como obter o financiamento das iniciativas de desenvolvimento econômico. A alternativa foi apelar para o crédito e o interesse dos empresários privados. A esses, substancialmente, deve o Brasil os investimentos industriais que, financiados pelo exterior ou em associação com os nossos empresários, totalizaram cerca de US\$ 2,5 bilhões em equipamentos e bens de produção. Desse total, aproximadamente US\$ 2 bilhões ingressaram no país sob a forma de financiamentos, dos quais a parcela de US\$ 1 bilhão, a metade portanto, foi amortizada entre 1956 e 1960. (Kubitschek apud Pinheiro, 2001: 47)

Juscelino cercava-se sempre de assessores e técnicos de alto nível, aptos a desenvolver projetos e políticas que faziam parte do programa de governo que pretendia levar adiante, que o ajudavam a transformar suas promessas de campanha em propostas concretas. Lucas Lopes foi um destes técnicos, um dos formuladores do Plano de Metas.¹²¹ Pela sua trajetória de vida se pode perceber que, à época da elaboração do Programa de Metas, ele se encontrava bem preparado para esta empreitada. JK conhecia o desempenho de Lucas Lopes em vários cargos que havia ocupado e também sua atuação como planejador competente, com experiência especialmente no que concernia ao setor de energia elétrica.

¹²⁰ Ver anexo 22.

¹²¹ Ver anexo 23.

Entre muitos trabalhos importantes, Lucas Lopes havia elaborado, juntamente com outros membros da Companhia Brasileira de Engenharia (CBE), o Plano de Eletrificação de Minas Gerais, tinha sido presidente da Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig) e participado da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos de Desenvolvimento Econômico¹²². Esta Comissão lançou a base instrumental para a criação do BNDE, em 1952. O trabalho desta Comissão mais as projeções e estudos conduzidos pela equipe mista da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina) – BNDE (Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico), publicados em 1955, concorreram para a definição do Plano de Metas. De acordo com Lucas Lopes, sua nomeação para a Comissão Mista assim se deu:

O Itamarati precisava preparar um documento básico sobre alguns aspectos da economia brasileira para levar para essa reunião [IV Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas], mas, como seu Departamento Econômico não tinha informações especializadas sobre energia elétrica no Brasil, fui convidado a escrever um *paper* sobre o assunto. Esse meu *paper* foi encaminhado, e algum tempo depois fui surpreendido com a notícia de que tinha sido criada a Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, para a qual haviam sido designados, como presidente, Ari Torres, e como membros, Valentim Bouças, Roberto Campos, Glycon de Paiva e Lucas Lopes. Fui chamado lá e me disseram: “Você foi nomeado para a Comissão Mista.” [...] Tornei-me, na comissão, informalmente responsável pelo setor de energia elétrica, mas na realidade fui responsável por quase tudo o que lá se

¹²² “Formada em 1951, a Comissão Mista Brasil-Estados Unidos reuniu técnicos americanos e brasileiros para realizar diagnóstico da economia brasileira e formular projetos visando ao financiamento do Banco Mundial e do Eximbank. A Comissão funcionou até 1953, tendo produzido 41 projetos, que envolveram investimentos de 387 milhões de dólares, especialmente nas áreas de transportes e energia elétrica. Cumprindo a função de assessoramento técnico, que também lhe cabia, a Comissão completou a formação de uma geração de *policy-makers*, que participou ativamente das políticas dos anos 50 e 60 (Lucas Lopes, Roberto Campos, Octavio G. Bulhões, San Tiago Dantas, Alexandre Kafka, Rômulo Almeida). Da CMBEU um grupo de técnicos passou ao BNDE e ajudou, sob a coordenação de Lucas Lopes e Roberto Campos, na formulação do Plano de Metas. (Leopoldi, 1991: 95)

estudou nessa área. Quando não tive participação direta, ao menos tive conhecimento. (Lopes, 1991: 116-117)

Por ocasião da campanha presidencial de Juscelino, Lucas Lopes decidiu escrever uma formulação básica de um programa de governo, a partir de idéias que eram levadas a Juscelino por um grupo de trabalho (do qual Lucas Lopes fazia parte) que se dedicava a pensar políticas e diretrizes que auxiliassem JK a definir aquele que seria o seu programa de governo. Este trabalho foi publicado em um livro que teve como título *Diretrizes gerais do Plano Nacional de Desenvolvimento* e foi assinado por Juscelino. Sobre esta publicação, Lucas Lopes disse:

Começava com um gráfico muito interessante, que mostrava como havia sido concebido o programa. Previa-se que no ano de 1955 se desenrolaria a campanha e se procederia à elaboração preliminar do Plano de Metas, até se atingir o momento da eleição. A partir da eleição, formar-se-iam as equipes para a elaboração de projetos de leis. Em 1956, já empossado, Juscelino deveria em primeiro lugar continuar o combate à inflação que vinha sendo desenvolvido pelo governo Café Filho, e dar início a um período de planejamento de detalhe dos projetos. A execução real dos grandes projetos deveria se iniciar no princípio de 1957, para terminar no último ano de governo. [...] A experiência da Comissão Mista e do BNDE havia mostrado que não se deveria sair num atropelo de projetos, e sim fazer uma gradação das atividades. Isso de certa forma foi seguido, mas foi um pouco atropelado pela angústia do Juscelino de querer fazer tudo o mais depressa possível. Ele ficava angustiado de não ver as obras começarem imediatamente e percorria o Brasil prometendo isso e aquilo, sem muita preocupação com o que estaria ou não dentro do quadro geral. (Lopes, 1991: 167)

No período que se estendeu entre Juscelino ter sido eleito presidente (outubro de 1955) e sua posse (31 de janeiro de 1956), Lucas Lopes foi ministro da Viação e

Obras Públicas do governo Nereu Ramos e também organizou uma equipe que trabalhava no BNDE para especificar melhor as metas, chegando então à definição das trinta metas que comporiam o Plano e que, mais tarde, iriam ser acrescidas da chamada meta-síntese, que era Brasília. Imediatamente no dia seguinte à sua posse, JK promoveu uma reunião com seus ministros e alguns convidados para apresentação do seu programa de governo, inscrito em um texto, que se referia às trinta metas, e que fora escrito por Lucas Lopes. Nesta reunião, JK instituiu o Conselho do Desenvolvimento, diretamente subordinado ao presidente da República, com a finalidade de implementar o Plano de Metas e que se tornou o primeiro órgão central de planejamento de caráter permanente no Brasil. O Conselho era composto pelos ministros, os chefes das Casas Civil e Militar, o presidente do Banco do Brasil e o do BNDE, que seria o secretário executivo; como a presidência do BNDE coube a Lucas Lopes, ele se tornou o secretário do Conselho. Esta idéia do Conselho como órgão central de planejamento do governo era questionada por Lucas Lopes:

[O Conselho do Desenvolvimento seria o órgão central de planejamento] [...] para quem tivesse uma visão estatizante do país, coisa que Juscelino não tinha. Ele queria um conselho que fosse uma plataforma onde se discutissem algumas coisas que depois seriam postas em execução diretamente. (Lopes, 1991: 170-171)

Segundo Lucas Lopes, o Conselho do Desenvolvimento e o BNDE acabaram por formar uma unidade, dado que o BNDE ainda se encontrava numa fase inicial. No Conselho haviam grupos de estudo, dirigidos às várias metas, formados por técnicos especialistas em determinados assuntos; cada grupo tinha um coordenador. Característico destes grupos era

[...] o fato de que sua atividade se restringia ao estudo de questões, e não à implementação de políticas. Estas eram objeto dos grupos executivos, que também faziam parte do Conselho do Desenvolvimento e atuavam conjugados ao BNDE.

[...] Os grupos executivos representavam um experimento novo na administração brasileira, uma inovação que passava ao largo de uma reforma administrativa, de difícil trânsito pelo Congresso. (Leopoldi, 1991: 74-75)

Para implementar o Plano de Metas se faziam necessários financiamentos externos. Entretanto, os empréstimos norte-americanos ao Brasil tinham sido suspensos três anos antes do começo do governo JK, como parte da política do presidente Eisenhower. Mas Juscelino, logo após a eleição, viajou à Europa e aos Estados Unidos, visitando Eisenhower. Daí em diante, vários encontros proveitosos aconteceram, tais como a vinda do vice-presidente Nixon à posse de JK, a visita do vice-presidente brasileiro João Goulart aos Estados Unidos, acompanhado pelo diplomata João Batista Pinheiro, personagem importante nas negociações com o Eximbank. Segundo Lucas Lopes,

A escolha de João Batista Pinheiro para acompanhar Goulart foi excelente, especialmente por sua capacidade de expor o que estava acontecendo. Ele era um dos homens da equipe central do Conselho do Desenvolvimento, estava a par do Programa de Metas e mais tarde foi secretário executivo da meta de exportação de minério de ferro. Foi um excelente colaborador, extremamente prático, extremamente objetivo. (Lopes, 1991; 180)

A continuação do depoimento nos faz perceber não somente a importância da posição que Lucas Lopes ocupava junto ao governo de Juscelino, como também como ele próprio se via como figura com atuação autônoma e relevante:

Depois dessa visita de Goulart e João Batista Pinheiro, o Eximbank solicitou que o Brasil enviasse aos Estados Unidos um grupo de representantes credenciados para abrir de fato as negociações. Nesse

momento, eu, como presidente do BNDE, fui incumbido de chefiar o grupo que negociou com o Eximbank a reabertura dos financiamentos.

[...]

Essa negociação com o Eximbank teve uma repercussão muito grande. Estávamos realmente preparados e demos um *show*. Fizemos um *press release*, um comunicado oficial, assinado por mim e pelo Samuel Waugh [presidente do Eximbank], extremamente objetivo, explicando as metas do governo brasileiro. Avancei minhas posições de forma muito rígida. E o efeito foi muito salutar para que as pessoas entendessem o que era o Brasil depois da posse de JK. (Lopes, 1991: 180-181)

Desta forma, os projetos da Comissão Mista foram todos retomados e financiados. E em relação ao problema de se agravar o processo inflacionário no Brasil, naquele momento, segundo Lucas Lopes, esta não era a visão que o governo americano tinha a respeito do nosso país:

Logo que se caracterizou que o Brasil era bancável, assim que o Eximbank deu a luz verde para o acordo, o Banco Mundial começou a se mexer e pouco depois estava financiando Furnas. De modo que não houve lá nenhuma preocupação de que o programa de Juscelino pudesse ser descontrolado ou inflacionário. (Lopes, 1991; 183)

A autonomia exercida por Lucas Lopes e sua equipe em relação à política econômica parecia existir de fato em alguns momentos decisórios para o Brasil. Em seu depoimento, referindo-se ao documento firmado entre o governo brasileiro e o americano, ele diz: “[...] éramos nós que estávamos traçando a política de investimentos. Éramos o grupo do BNDE, que vinha desde a Comissão Mista, e nós é que estávamos tomando as decisões fundamentais de política econômica.” (Lopes, 1991: 184)

3.17 O Plano de Estabilização Monetária

Ao escolher Lucas Lopes para substituir Alkmin na pasta da Fazenda, Juscelino procurou muito mais um técnico do que um político, que o ajudasse a solucionar os problemas econômicos daquele momento (inflação, problemas com os cafeicultores, com os salários, entre outros). Lucas Lopes elaborou na ocasião, juntamente com Roberto Campos, um Plano de Estabilização Monetária (PEM) “[...] que defendia um rígido controle do orçamento e o combate à expansão da base monetária através de medidas radicais como o aumento de impostos, o controle das linhas de crédito do Banco do Brasil e a eliminação dos subsídios cambiais.”¹²³

A revista *Manchete*, em sua edição de 8 de novembro de 1958, publicou, em sua página 5, com o título “*Um nome em Manchete*”, um artigo assinado pelo ministro Lucas Lopes, (acompanhado de uma foto sua), onde ele explica o sentido do Programa de Estabilização Monetária, incentivando, por assim dizer, a população a entender e colaborar com o PEM, pelo bem do Brasil:

[...] para que se criem condições de estabilidade da moeda, será necessário eliminar uma série de distorções da economia, o que redundará na elevação de preços de várias utilidades e serviços.

Entretanto, nem todos os preços se elevarão e tão logo tenhamos equilibrado o orçamento da União e evitado excessiva expansão de crédito, assistiremos a uma estabilização generalizada de preços e custos.

[...] Temos que viver algum tempo com o maior espírito de economia e produzir ao máximo de nossas forças.

O Brasil bem merece êste sacrifício.¹²⁴

¹²³ Disponível em http://www.cpdoc.fgv.br/nav_jk/htm/o_Brasil_de_JK/ocustododesenvolvimentismo. Acesso em 28 de julho de 2006

¹²⁴ *Manchete*, n. 342. 8 de novembro de 1958, p. 5.

Na semana seguinte, a *Manchete* voltou ao assunto, desta feita em reportagem assinada por Murilo Melo Filho, com fotos de Gervásio Baptista. Informando que “Luta o Ministro da Fazenda contra o caos financeiro [e que] recauchutar o cruzeiro é a meta de Lucas Lopes”¹²⁵, a revista se refere ao PEM como um programa para reerguer a moeda e “consertar” os erros que foram cometidos pelo ministro Alkmin. Segundo a *Manchete*, o PEM “[...] representa a prova de que o Sr. Juscelino Kubitschek reconheceu a inocuidade, a inoperância e os erros de tudo quanto fôra feito no setor das finanças e da economia do País, ao longo de tôda a primeira metade do seu mandato.”¹²⁶

Aquele semanário, que sempre enaltecia o governo JK, não poderia fechar os olhos aos problemas do Brasil. Entretanto, ao dar voz ao próprio ministro autor do Plano, a quem são feitas perguntas ao longo da reportagem, a *Manchete* permite a seus leitores acompanharem quais seriam as medidas adotadas para o equilíbrio da economia, inclusive tranquilizando a população no que se referia aos aumentos no custo de vida. Quando o repórter perguntou se, quando o Plano entrasse em vigor (pois o Congresso ainda não o tinha aprovado), com os aumentos dos impostos de selo, consumo e renda, determinaria novos aumentos no custo de vida, Lucas Lopes respondeu: “Básicamente, não, em face do contrôle que será exercido sôbre a expansão monetária, que, como se sabe, não só nenhuma contribuição traz à solução dos problemas relativos ao aumento de produção, como ainda os agrava sèriamente”.¹²⁷

Em relação ao objetivo fundamental do Plano, disse o ministro: “Através de um esforço de estabilização” [...], “o programa visa a permitir que o desenvolvimento do País possa continuar em condições de equilíbrio econômico e estabilidade social”.¹²⁸ A reportagem informa também que a opinião dos opositores mais radicais acerca da votação da matéria no tempo que o governo desejava (isto é, até o dia 15 de

¹²⁵ *Manchete*, n. 343. 15 de novembro de 1958, p. 93.

¹²⁶ *Idem*, *ibidem*.

¹²⁷ *Idem*, *ibidem*.

¹²⁸ *Idem*, p. 94.

dezembro) era impossível. De acordo com a reportagem, esta linha de oposição “Acha, além do mais, que não tem nenhuma obrigação de salvar em poucas semanas um Governo que – segundo ela – se perdeu durante quase três anos.”¹²⁹ É interessante perceber que o repórter não parece concordar com estes opositores, na medida em que ressalva que este governo “segundo ela” (isto é, a maneira de pensar daqueles congressistas), teria errado até então.

A revista *O Cruzeiro* também abordou o assunto do PEM, em sua edição do dia 22 de novembro de 1958, em uma entrevista exclusiva feita pelo jornalista Carlos Castelo Branco com o presidente Juscelino Kubitschek, sobre os temas os mais variados. O título privilegia uma das questões tratadas, a da possível reeleição de JK, que declarou que nunca pensou nisto e que desautorizava “[...] qualquer gestão que porventura tenha sido feita por político de qualquer partido visando a sua continuação no poder.”¹³⁰ A reportagem informa que a entrevista ocorrera durante um almoço no Palácio das Laranjeiras e que outras pessoas teriam assistido à conversa: a esposa e as filhas do presidente, o chefe da Casa Civil, o secretário de imprensa e alguns assessores mais chegados. Uma das perguntas feitas se referiu ao PEM e sua possível incompatibilização com o Plano de Metas, hipótese que foi negada pelo presidente:

O Plano de Estabilização foi feito precisamente para garantir a realização das metas governamentais. Êle representa um esforço de organização da vida financeira, de maneira a propiciar os recursos indispensáveis aos investimentos de expansão nacional. O objetivo do Plano, assim, é a perfeita execução do programa de metas e compatibilizá-lo com a conjuntura econômico-financeira.¹³¹

Outros pontos foram abordados por Juscelino, tais como o nascimento da indústria automobilística no Brasil, considerada pelo presidente como fator indispensável ao

¹²⁹ Idem, *ibidem*.

¹³⁰ *O Cruzeiro*. 22 de novembro de 1958, p.112.

¹³¹ Idem, *ibidem*.

desenvolvimento em geral do país, o tema de Brasília “[...] que considero o empreendimento mais fascinante do meu Governo”¹³², a OPA, que, segundo JK, continuava se desenvolvendo de forma satisfatória e o assunto de seu novo mandato, que reafirmou não pleitear. Com esta entrevista que, segundo *O Cruzeiro*, foi conduzida de forma muito livre, sem que o repórter fizesse anotações (apenas uma reconstituição da conversa foi apresentada a Juscelino, que a aprovou), a revista abriu espaço para que o presidente se posicionasse a respeito de vários temas que, inclusive, geravam polêmica na época. Acompanhando a reportagem, na qual tudo que se lê é favorável ao governo, há uma foto de Juscelino, ao que parece, tomando um café após o almoço, com a fisionomia tranqüila. O que esta imagem e o texto transmitem ao leitor é que tudo caminhava bem então no Brasil.

Entretanto, nesta mesma edição, há um artigo de David Nasser com críticas a Juscelino e comentários a respeito de Lucas Lopes e o PEM. O jornalista, que costumava ser mordaz em seus textos, utiliza figuras da Bíblia em lugar dos atores políticos relevantes naquele momento. O título é “Evangelho de São Lucas”. Nasser faz uma crítica feroz a várias figuras ligadas à política e termina com um “depoimento” de Lucas (o evangelista), isto é, Lucas Lopes:

Não tarda que a minha cabeça de mineiro espalhador de verdades seja trazida numa salva de prata ao tetrarca Juscelino. Os meus planos serviriam para êle, serviriam ao seu Governo, se a mim, como Ministro das Finanças, como responsável pelos algarismos de uma nação que se afoga em algarismos, se desse a carta branca de decidir do que pode e do que não pode, do que deve ou não ser realizado, do que deve ou não ser adiado. Todos os planos são bons quando feitos por homens de boa vontade para homens de boa vontade. A experiência, a aplicação, tudo isto vai aparando as arestas. Mas, acaso pode o governo de um homem de dimensão bíblica, de uma “Bíblia” embora cabocla, amoldar-se a um

¹³² Idem, p. 113.

período de economia e de recuperação, um período que seria quase a página em branco de uma nação?

Nunca. Não é do gênio nem da formação de Juscelino.¹³³

Neste artigo, Nasser, entre outros pontos, está colocando a questão da autonomia que Juscelino concedia a seus colaboradores, fossem eles ministros ou não. Esta autonomia era sempre relativa, pelo próprio estilo de trabalhar de Juscelino. Lucas Lopes se referiu a isso, quando da entrevista realizada com ele pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas:

[Juscelino tinha o objetivo] de fazer um governo com uma certa participação de seus auxiliares, mas com uma grande concentração de decisões fundamentais. O governo JK não deixou os ministros livres para fazerem o que bem quisessem. Juscelino participou muito, através desses mecanismos de conselhos e de apresentação de documentos de trabalho. (Lopes, 1991: 171)

3.18 Avaliação do governo pela *Manchete*

Na linha de avaliação das atitudes governamentais de JK, a *Manchete* publicou, em 1959, uma reportagem de Murilo Melo Filho, decorridos três anos de mandato de Juscelino. Referindo-se, de início, aos problemas que o presidente enfrentara, a partir mesmo do momento de sua posse, que lhe fora assegurada pelos tanques que saíram da Vila Militar, o repórter trata da questão das metas que JK se propusera a atingir. A *Manchete* enfocava vários pontos já atingidos pelo governo em relação às metas, como por exemplo: aviões adquiridos para a defesa da nação, a construção da barragem de Três Marias, responsável por irrigar grande área, a aquisição do primeiro porta-aviões da Marinha brasileira, "uma belonave moderna, que aumenta

¹³³ Idem, p. 85.

nosso poderio"¹³⁴, a construção de estradas de rodagem e a implantação da indústria automobilística, com a fabricação no Brasil de veículos de vários tipos, inclusive caminhões. Com tal tipo de reportagem, a revista procurava destacar a imagem do Juscelino empreendedor, que apesar de todos os contratemplos que se lhe impuseram, não se intimidou e pôs em ação os seus projetos para o desenvolvimento do país.

Em relação à chamada meta-síntese, que era a construção de Brasília, *Manchete* chamava a atenção para o ritmo acelerado das obras e assim se referia ao presidente: "[...] O Sr. Juscelino Kubitschek compenetrou-se de que, perante a História, conquistou o seu lugar. Será um plantador de cidade."¹³⁵ Este "plantador de cidade", segundo a revista, havia conseguido atingir uma meta que, embora não estivesse citada no Plano, era a maior delas. Tratava-se "[...] da sobrevivência e consolidação do Poder Civil, que há três anos se mostrava débil e vacilante, mas que hoje está bem plantado em meio às sôfregas erupções militares."¹³⁶ Com esta observação, a revista conferia a Juscelino o lugar de responsável não só pelo progresso da nação brasileira, pela sua industrialização crescente, mas também pela solidez do seu regime democrático.

No que diz respeito ao desenvolvimento industrial, a fabricação de veículos era ponto importante e a inauguração da fábrica Volkswagen do Brasil não foi esquecida pela *Manchete*, que documentou o fato. Na ocasião, o professor Heinz Nordhoff, diretor-geral da Organização Mundial Volkswagen, foi condecorado com a Ordem do Cruzeiro do Sul pelas mãos do presidente Kubitschek. A produção, no Brasil, do chamado "carro do bom senso" significava que nosso país estava desenvolvendo sua indústria automobilística de acordo com os padrões europeus de funcionalidade e economia. Ao reportar a inauguração, inclusive com fotos (em uma delas, JK percorre de carro as instalações da fábrica), *Manchete* enfatizava, mais uma vez, a imagem de JK trazendo desenvolvimento e progresso, o que, em última análise, significava também geração de novos empregos e diminuição da pobreza no país.

¹³⁴ *Manchete*, n. 355. 7 de fevereiro de 1959, p. 7.

¹³⁵ *Idem*, *ibidem*, p. 10.

¹³⁶ *Idem*, *ibidem*.

Entretanto, a *Manchete* não pôde “fechar os olhos” às crises e agitações. Em sua edição de 6 de dezembro de 1958, a equipe da revista reportou os problemas causados pelo congelamento de preços e pelo custo de vida. Com fotos das agitações, passeatas e quebra-quebra, a *Manchete* cumpria seu papel de informar. Em 13 de dezembro de 1958, nas páginas desta revista, o cartunista Claudius “brincava” com os temas da crise e do congelamento de preços.¹³⁷

Em 1959, o governo teve que enfrentar novos problemas. As exigências do Fundo Monetário Internacional (FMI) em relação à política econômica adotada por Juscelino, para que o governo brasileiro pudesse dispor dos financiamentos daquele órgão eram, segundo JK, inaceitáveis. O presidente então, “montando uma cena dramática, que lhe valeu o aplauso dos nacionalistas que o criticavam pela internacionalização causada por sua política industrial, pediu o retorno da missão brasileira que negociava com o Fundo em Washington, e rompeu unilateralmente com o FMI em junho de 1959.” (Leopoldi, 1991: 83) Opondo-se a esta atitude, Lucas Lopes exonerou-se da pasta da Fazenda em 3 de julho de 1959.

Seguindo a linha do “prestar contas”, a *Manchete* entrevistou, em fevereiro de 1960, o presidente Juscelino Kubitschek, dando-lhe assim, a oportunidade de afirmar que a promessa que fizera ao assumir o governo, em 1956, de dar cinquenta anos de progresso ao país em cinco, estava sendo cumprida. Ao publicar as declarações de JK a respeito do sucesso de seu Plano de Metas, a revista dava relevo à figura do governante inovador, que estava mudando o Brasil e que era, sem dúvida, justamente por causa da sua luta pelo desenvolvimento, aquele que estava também em luta contra a pobreza, a miséria e o atraso social. Quando houve a inauguração de uma das principais etapas da construção da Barragem de Furnas, a mesma imagem é construída – a do desenvolvimentista – através de reportagem com fotos de Jáder Neves, na qual JK afirmava que “o Brasil não pode parar” e que “a Nação está achando o caminho do seu destino: destino de grandeza, destino de império”¹³⁸.

¹³⁷ Ver anexo 24.

¹³⁸ Kubitschek apud *Manchete*, n. 415. 2 de abril de 1960, p. 32.

Manchete informava, ainda, que JK salientara que a mentalidade do povo mudara porque o pessimismo se enfraquece no confronto com a confiança no futuro da nacionalidade. *Manchete* conduz, assim, seus leitores ao encontro de um grande líder, aquele que estava levando a nação a alcançar o seu "destino de império" e que entusiasmava os brasileiros a serem otimistas, a terem confiança no futuro do país. Um dos símbolos deste futuro era a nova capital, que estava sendo construída, não somente pelos candangos, os operários de Brasília, mas também pelas páginas de *O Cruzeiro* e, principalmente, de *Manchete*, como veremos a seguir.

3.19 Brasília

A mudança da capital federal para o planalto central havia sido prometida por Juscelino, na cidade de Jataí, em Goiás, a 4 de abril de 1955, por ocasião de um discurso pronunciado por ele durante a sua campanha eleitoral.¹³⁹ Como era de seu costume, JK dava direito ao público de lhe interpelar. Durante este comício, um ouvinte lhe perguntou: "—Já que o senhor se declara disposto a cumprir integralmente a Constituição, desejo saber: irá cumprir aquele dispositivo da Carta Magna que determina a transferência da capital da República para o planalto goiano?" (Melo Filho, 1997: 238)

O próprio Juscelino, tempos mais tarde, declararia que a pergunta fora embaraçosa. O então candidato já traçara, ajudado por uma equipe, o seu Programa de Metas, que não incluía, até então, a transferência da capital. Entretanto, respondeu: "-- Acabo de prometer que cumprirei, na íntegra, a Constituição e não vejo razão para ignorar esse dispositivo. Durante o meu quinquênio, construirei a nova capital e farei a mudança da sede do governo." (Melo Filho, 1997: 238) JK reconheceria, muito tempo depois, que tal afirmação fora até certo ponto política, mas que, daquele momento em diante e ao percorrer o país ao longo da campanha, constatando a existência de imensos "vazios populacionais" no território nacional, havia se fixado na idéia. Acrescentou,

¹³⁹ Ver anexo 25.

então, aos trinta itens do seu Plano de Metas, aquele que chamaria de Meta-Síntese: a construção da nova capital.

A revista *Manchete* dedicou inúmeras reportagens à "odisséia no Planalto", incluindo um número especial, editado por ocasião da inauguração de Brasília. Já em julho de 1958, aquele periódico publicava uma foto da Capela de Nossa Senhora de Fátima, primeira igreja de Brasília, projeto do arquiteto Oscar Niemeyer, com decoração de Volpi e que havia sido inaugurada em 30 de junho daquele ano. Noticiava ainda que a primeira missa naquela cidade fora "[...] rezada [a 24 de janeiro de 1956] ao pé de um cruzeiro tosco onde mais tarde seria celebrada a segunda primeira missa --- a oficial --- assistida pelo presidente Juscelino."¹⁴⁰ O sermão se referia a uma profecia de São João Bosco, que, em sonhos teria visto a nova capital do nosso país, uma grande civilização, com muitas riquezas, no Planalto Central. O que a revista estava querendo enfatizar era que tal sonho – de uma grande e rica civilização -- estaria se concretizando com a construção de Brasília. JK considerava o nome Brasília apropriado ao destino de integrar o Brasil, de ser o verdadeiro “coração do Brasil”. Segundo suas palavras,

O nome *Brasília* constou de uma emenda do deputado Pereira da Silva, do Amazonas, o qual, recordando a sugestão de Hipólito José da Costa, contida no *Correio Brasiliense*, editado em Londres, propusera essa denominação, aliás, perfeitamente adequada à destinação integracionista da nova Capital.

Brasília não iria se situar em local “imediate às cabeceiras dos grandes rios” – como havia sugerido Hipólito José da Costa – mas bem no coração do Planalto Central, o qual, por sua vez, é o coração do Brasil. (Kubitschek, 1978: 81)

Em fevereiro de 1959, a capa de *Manchete*, com os dizeres: "Balanço dos três anos de JK", era composta por uma grande foto de Juscelino à frente do mapa do Brasil,

¹⁴⁰ *Manchete*, n. 325. 12 de julho de 1958, p. 74.

no qual Brasília é a única cidade com o nome escrito em letras brancas destacadas.¹⁴¹ Isto já indicava a relevância que a revista desejava dar, não só à futura capital, como também, principalmente, à figura do presidente, cujo posicionamento na foto induz o leitor a ver ali o governante decidido, à frente do grande país que ele conduzia.

Murilo Melo Filho nos relata que, certa ocasião, ao regressar de Brasília, quando esta era ainda só

[...] chão, árvores raquíticas, retorcidas, com *joões-de-barro*, mato e poeira, muita poeira, provocada pelos tratores e escavadeiras (...) reuni-me com Adolpho, Oscar, Jaquito, Arnaldo Niskier, Justino Martins, R. Magalhães Jr. e Zevi Ghivelder, companheiros da *Manchete*, e disse-lhes: Vi o entusiasmo de Juscelino. Ele está determinado a construir Brasília e vai construí-la." (Melo Filho, 1997: 244)

Então, todas as semanas, Murilo Melo Filho e o fotógrafo Jäder Neves passaram a ir a Brasília, com a finalidade de trazer textos e fotos relativos ao andamento das obras, para serem publicados na *Manchete*. O número de leitores crescia, muitos deles interessados em "conferir" se o que parecia um sonho, uma utopia, estava se transformando em realidade. Desta forma, "[...] A tiragem da revista ia num crescendo permanente, enquanto suas oficinas se reequipavam e se modernizavam." (Melo Filho, 1997: 245) *Manchete* continuava na sua linha de valorizar a "odisséia" de Brasília, o que significava também valorizar a figura do seu grande empreendedor – o presidente Juscelino – ao mesmo tempo que se beneficiava com tais reportagens. Conforme observa Sheldon Maram, noticiar as realizações governamentais de Kubitschek era muito proveitoso para a revista: "Particularmente quando o assunto era Brasília, muitos desses números se esgotavam, tornando-se necessário tirar edições especiais para atender à demanda." (Maram, 1991: 117)

¹⁴¹ Ver anexo 26.

Na edição do dia 9 de abril de 1960, já se aproximando a data da inauguração da nova capital, a *Manchete* exibia como chamada de capa os dizeres: "Brasília - Despertar de uma nação". No interior da revista, duas fotos do Palácio da Alvorada, vendo-se, em uma delas, uma coluna em forma de monólito, com a inscrição:

Neste dia 30 de junho de 1958, inaugurou o Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, Dr. Juscelino Kubitschek, este palácio, denominado da Alvorada, residência do Chefe de Estado brasileiro e primeiro edifício erguido na nova capital da República.

A obra foi projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer¹⁴² e executada de 3 de abril de 1957 a 30 de junho de 1958 por engenheiros e operários irmanados todos no ímpeto criador que tornou possível fundar, no coração de nossa pátria, este centro de civilização que dá testemunho da energia e da capacidade realizadora dos brasileiros.

Companhia Urbanizadora da nova Capital do Brasil

[Novacap]¹⁴³

Ao selecionar esta foto para ser publicada, de forma inclusive a permitir a leitura da inscrição, *Manchete*, numa certa medida, se apropria das palavras gravadas na pedra, como que transformando-as em texto da revista. Tais palavras valorizam os construtores (engenheiros e operários), o espírito de união, pois estão "irmanados todos" na criação de Brasília, elege a nova capital como "centro de civilização" e afirma a "energia e capacidade realizadora dos brasileiros", à frente dos quais se encontra, na realização desta obra, o presidente Juscelino.

A assim chamada Edição Histórica, número especial sobre Brasília, publicado no dia 21 de abril de 1960, data da inauguração da nova capital, teve tiragem de 760 mil exemplares que se esgotaram em 48 horas. Houve leitores que chegaram a adquirir quatro a cinco exemplares para guardar como recordação ou enviar para parentes e

¹⁴² Ver anexo 27.

¹⁴³ *Manchete*, n. 416. 9 de abril de 1960, p. 12.

amigos residentes no exterior. Ao mesmo tempo, segundo Murilo Melo Filho, a concorrente *O Cruzeiro* se posicionava de maneira totalmente oposta à *Manchete*, em relação ao acontecimento que esta última destacava como o mais importante naquele momento na história do Brasil: "Enquanto revistas do mundo inteiro publicavam páginas e mais páginas sobre a inauguração da nova capital brasileira, nosso concorrente, *O Cruzeiro*, recusava-se a divulgar uma só linha sobre o assunto, argumentando que só o faria como matéria paga." (Melo Filho, 1997: 245) A respeito desta diferença na maneira pela qual as revistas *Manchete* e *O Cruzeiro* abordavam os acontecimentos relativos à Brasília, o próprio Adolpho Bloch, muitos anos mais tarde, em novembro de 1995, escreveu as seguintes palavras, que voltaram a ser publicadas em 1997, numa edição também especial, comemorativa dos 45 anos de *Manchete*:

Certa vez, eu procurara o Dr. Israel Pinheiro, presidente da Novacap, dizendo-lhe que faria toda a propaganda de Brasília sem qualquer interesse comercial. À mesma época, a revista *O Cruzeiro* só publicava matérias pagas sobre a construção da nova capital. Dizia eu que desejava pagar ao governo o privilégio de divulgar a epopéia que estava se realizando no Brasil Central.

[...] Durante a construção da cidade, eu fiz questão de inaugurar o primeiro escritório jornalístico da nova capital."¹⁴⁴

Por ocasião da construção de Brasília, a revista *O Cruzeiro* passava por dificuldades financeiras. Além disso, em fevereiro de 1960, Chateaubriand sofreu uma dupla trombose, que deixou como conseqüência uma paralisia quase total. Mesmo assim, continuou a escrever; mas não tinha mais condições de estar à frente da revista como antes. Pode-se concluir que a questão da matéria paga tenha a ver com estas circunstâncias.

¹⁴⁴ *Manchete*, edição especial. novembro de 1997, p. 250.

Entretanto, *O Cruzeiro*, embora não reportasse Brasília com a mesma assiduidade com que a *Manchete* o fazia e de forma muito menos “espetacularizada”, algumas vezes se posicionava claramente a favor da nova capital. Em sua edição de 19 de março de 1960, na seção “Política”, critica os udenistas, que sempre “[...] criticavam a construção de Brasília, que, segundo argumentavam, se tornara o maior foco de corrupção da nação.” (Moreira, 2005: 15-16) *O Cruzeiro* faz elogios à persistência de atores importantes na construção de Brasília e “prevê”, por assim dizer, sucesso nas vendas de terras na nova capital:

Os cálculos dos construtores e a obstinação do Sr. Israel Pinheiro, diretor da obra, venceram até aqui o pessimismo dos adversários. Consolidado o centro de Brasília, enxuto o cimento das grandes construções, abre-se o campo, agora, à iniciativa privada. Os planos de novos prédios são lançados e a venda de terrenos já dão a idéia do maior comércio imobiliário já feito, segundo os entendidos, em todo o Mundo.¹⁴⁵

Nesta mesma seção, ainda noticia que a inauguração seria transmitida por um canal de televisão pertencente à cadeia dos Diários Associados, da qual fazia parte aquele semanário:

[...] podemos informar [...] que a inauguração da cidade será transmitida pela televisão “Brasília”, dos “Diários Associados”, num “tour-de-force” dessa organização. Dêsse modo, os antimudancistas perderão um ponto no violento jôgo de levar a opinião a mergulhar num clima de negativismo em face dos êxitos arrasantes dos que batalham pela nova capital.”¹⁴⁶

O Cruzeiro se deteve também em apresentar um outro aspecto de Brasília, diverso da sua feição de cidade perfeitamente planejada em seu urbanismo e arquitetura. Na edição de 26 de março de 1960, há uma reportagem cujo título é “Brasília: Cidade

¹⁴⁵ *O Cruzeiro*, n. 23. 19 de março de 1960, p. 110.

¹⁴⁶ *Idem*, *ibidem*.

humana”. O que a revista deseja demonstrar, através do texto e de várias fotos, é que aquela cidade, além de moderna, está sendo preparada para fornecer a seus habitantes todas as condições necessárias à sua felicidade. A reportagem enfoca as questões de educação e saúde, informando o que já está em funcionamento e os planos para o futuro. A descrição é detalhada, tanto no que se refere às escolas, cursos que serão ministrados, etc. quanto ao setor de saúde: serviços de vacinação, controle de doenças endêmicas, rede hospitalar e outros.

Quando Brasília foi inaugurada, *O Cruzeiro* publicou uma edição especial, em 7 de maio de 1960.¹⁴⁷ Com o título “O futuro já tem capital: Brasília”, aquele semanário “apresenta” Brasília aos leitores com muitas fotos e as seguintes palavras:

O Brasil, com a sua nova Capital, deixa para trás o próprio tempo. Brasília saltou por cima do Século XX. É um poema com a marca da imortalidade. É de cimento e de sonho. Eis o que traduz a cobertura dos repórteres Ubiratan de Lemos, Audálio Dantas, Luiz Carlos Barreto, José Medeiros, Ronaldo Moraes, Paulo Namorado, Geraldo Viola, Rubens Américo e Lisl Steiner.¹⁴⁸

A reportagem inclui desde o instante mesmo em que JK declara inaugurada a nova capital, passando pelas notícias do que há em Brasília em termos de escolas, clubes, bares, farmácias, até restaurantes e sapatarias. Com muitas fotos que ilustram e comprovam a presença não só de altas autoridades como também do povo¹⁴⁹, a edição especial é repleta de elogios, inclusive ao presidente Juscelino.

Porém, a Edição Histórica de *Manchete* sobre Brasília, à qual já me referi anteriormente, enaltecia ainda mais a nova capital e aquele que a havia criado, o presidente responsável pelo crescimento do Brasil, Juscelino Kubitschek. Como é de se supor, aquele número especial da revista é fartamente ilustrado com fotos. Uma

¹⁴⁷ Ver anexo 28.

¹⁴⁸ *O Cruzeiro*. 7 de maio de 1960.

¹⁴⁹ Ver anexo 29.

delas retrata o sino que anunciou a morte de Tiradentes e que proclamou a inauguração de Brasília. A referência a este sino volta a aparecer nas páginas de *Manchete*, quarenta anos depois, em reportagem sobre o quadragésimo aniversário da capital da República, nas palavras do redator Dalmir Miranda: "[...] a nossa História simbólica e caprichosamente fazia uma volta: o mesmo sino que anunciou a morte de Tiradentes em 21 de abril e 1792, em Vila Rica, badalou para o mundo em 21 de abril de 1960, contando que Brasília era a nova capital do Brasil."¹⁵⁰

No número especial sobre Brasília, *Manchete* "marca" que "Começa aqui a nova História do Brasil: JK recebe as chaves da capital".¹⁵¹ Nesta mesma edição, a revista, como de hábito, dá ênfase à figura do presidente humano, publicando uma foto sua chorando "de alegria", pois como ele é um "homem como os outros", também se comove:

[...] Brasília exauriu-o. Mas no dia dos festejos, dava gosto vê-lo recorrer às suas últimas reservas físicas para superar a própria exaustão. Se estava cansado, ninguém, de longe, o notava, nem ele o dizia. Pois não faltou a uma só das solenidades programadas. Chegou sempre na hora exigida. Resistiu aos muitos motivos e ocasiões emotivas de chorar. As lágrimas só o venceram duas ou três vezes, quando se tornou humanamente impossível sopitá-las.¹⁵²

O homem Juscelino ficou exausto, entretanto, não deixou que o cansaço o vencesse. Sua alegria era tanta, que suplantou a exaustão e o levou, algumas vezes, a chorar de emoção.¹⁵³ Mais adiante, a revista explicava que JK tinha vindo de Minas Gerais e, portanto, havia se "acostumado a confiar no lance das bateias e, através, delas, no futuro."¹⁵⁴ Assim sendo, transmitia ao povo brasileiro uma mensagem de otimismo e

¹⁵⁰ *Manchete*, edição histórica. 21 de abril de 1960, p. 7.

¹⁵¹ Idem, ibidem.

¹⁵² Idem, ibidem, p. 12.

¹⁵³ Ver anexo 30.

¹⁵⁴ *Manchete*, edição histórica. 21 de abril de 1960, p. 12.

esperança. A *Manchete* ressaltava que, embora existissem os que discordavam com a pressa com que Brasília havia sido construída, isto fora necessário, pois

[...] para dominar o silêncio e o mistério daquele planalto inviolado, não poderia usar o carro de boi quando a humanidade já está na era do jato. Por isto Brasília foi construída com a pressa de uma geração que encontrou no Candango JK o portador do recado que ela tinha para dar ao futuro.¹⁵⁵

Manchete não só está concordando com a velocidade com que o novo Distrito Federal fora construído, como coloca Juscelino como líder da geração que estaria "inaugurando" uma nova história para o Brasil. Neste mesmo número, a revista relaciona a primeira missa de Brasília, que fora oficiada pelo Cardeal-Arcebispo de São Paulo, D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, no dia 3 de maio de 1957, com a primeira missa do Brasil, celebrada na Bahia, pelo frade franciscano Frei Henrique de Coimbra, em 1500. A assim chamada "Segunda Primeira Missa", assistida por cerca de 15 mil pessoas, inclusive 30 índios foi, segundo a *Manchete*, a primeira confraternização entre o governo, a Igreja e o povo em Brasília. À maneira dos nossos poetas românticos, a revista *Manchete*, comentando a simplicidade do cenário onde fora rezada a primeira missa de Brasília, se refere à "natureza selvagem convertida em templo"¹⁵⁶. Porém, como não estávamos mais nos tempos do Romantismo e sim nos "anos JK", anos de desenvolvimento e progresso, *Manchete* conclui que "[...] O templo era a própria natureza que o homem iria vencer e subjugar às exigências do progresso moderno."¹⁵⁷

Ainda nesta edição, *Manchete* como que reconstitui a "epopéia" de Brasília, isto é, a sua construção. Ao se referir ao Catetinho – primeira residência do presidente na nova capital, erguido em outubro de 1956 e que levou este nome em alusão ao palácio do governo no Rio de Janeiro -- a revista reproduz uma frase pronunciada por

¹⁵⁵ Idem, ibidem.

¹⁵⁶ Idem, ibidem, p. 42.

¹⁵⁷ Idem, ibidem.

JK em discurso proferido naquele primeiro "palácio" presidencial em Brasília, no dia 2 de outubro de 1956. Tal frase se tornou famosa e está inscrita em uma das paredes internas do Palácio da Alvorada e na fachada principal do Museu de Brasília:

Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu País e antevejo esta alvorada com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino.¹⁵⁸

A revista enfatiza o espírito otimista de Juscelino, a sua "confiança sem limites" no futuro da nação, no "grande destino" do Brasil. *Manchete* comenta ainda que

[...] seu nome [de JK] entrou para a História. A inauguração de Brasília, no dia exato e na hora exata, sem adiamentos e sem vacilações, representou no curso de toda a história brasileira um dos mais extraordinários exemplos de decisão e de capacidade realizadora.¹⁵⁹

Este presidente é também o homem de ação, que teve a coragem de realizar aquilo que desde os tempos da Inconfidência Mineira já se constituía em uma preocupação: a interiorização da capital. Esta idéia, recorrente em diversos momentos da história do nosso país, jamais se concretizara. Foi preciso um governante como JK para que isto se tornasse realidade. Após Brasília passar a ser efetivamente a capital dos Estados Unidos do Brasil, *Manchete* prosseguiu em sua linha de reportagens sobre o novo Distrito Federal, relatando sobre o dia a dia na nova cidade, principalmente no que se referia à vida política: o funcionamento do Congresso, JK recebendo visitas de governadores, de repórteres, assinando processos, discursando para o povo, fiscalizando obras.

¹⁵⁸ Idem, *ibidem*, p. 43.

¹⁵⁹ Idem, *ibidem*, p. 74.

Em um destes números, em reportagem de Murilo Melo Filho, com fotografias de Jáder Neves, o semanário relatava um dia de JK em Brasília, inclusive abordando sua vida com a família. As fotos são muito relevantes, algumas delas "falando" mais do que um texto poderia dizer. Em uma delas, Juscelino, sorridente, segura com carinho o rosto de sua filha Márcia, que lhe retribui o sorriso. Nesta mesma imagem, Juscelino tem um pé fora do sapato, atitude que já se tornara conhecida como um de seus hábitos.¹⁶⁰ Em outra foto, JK aparece recebendo uma americana de 11 anos, que queria conhecê-lo, em companhia da mãe. Por estas imagens, percebemos o desejo da revista em mostrar a figura de pai amoroso, homem simples (que descalça o sapato nas horas oportunas, conforme a legenda da foto), governante aberto a receber não só chefes de Estado, mas também visitantes não oficiais, como a menina da foto.

Esta edição de *Manchete* enfatiza ainda a estreita relação entre Juscelino e este periódico. O presidente aparece, em uma foto, junto a Leonardo Bloch, Pedro Jack Kapeler e Murilo Melo Filho, agradecendo a ajuda de *Manchete* para a construção da nova capital.¹⁶¹ A reportagem comenta que os senhores Leonardo Bloch e Pedro Jack Kapeler tinham ido ao Palácio, em nome de Adolpho Bloch, para entregar ao presidente a edição histórica sobre Brasília e que no portão já havia uma ordem pessoal de JK para deixá-los entrar. Segundo a revista, Juscelino

[...] abraçou-os carinhosamente. Agradeceu-lhes o trabalho de divulgação que a revista vem fazendo em torno de Brasília. [...] ficou satisfeito quando lhe foi dito que a edição estava sendo arrebatada das bancas, no Rio e em São Paulo.

Voltou-se para o Sr. Horácio Láfer, que ali também se encontrava, e recomendou-lhe a distribuição de MANCHETE por todos os consulados e embaixadas do Brasil no mundo inteiro. "Vamos mostrar a essa gente que sabemos fazer cidades e revistas."

¹⁶⁰ Ver anexo 31.

¹⁶¹ Ver anexo 32.

[...] "Vocês estão fazendo o máximo de beleza e técnica em matéria de revista. Meus parabéns."¹⁶²

Por esta reportagem, percebe-se claramente a relação de reciprocidade e proximidade entre JK e *Manchete*. A revista divulgava a obra de JK – Brasília -- e, por causa desta divulgação, as vendas cresciam e o presidente recomendava a sua distribuição pelo mundo inteiro, através dos consulados e embaixadas brasileiras. Era desejo de JK que os outros países pudessem constatar que "sabemos fazer cidades e revistas." Tais palavras queriam tornar evidentes, ao mesmo tempo, a capacidade da nação brasileira, que sabe "fazer cidades" e a capacidade de Bloch Editores, que sabe "fazer revistas". Segundo o próprio Adolpho Bloch, "Brasília e *Manchete* cresceram juntas", na efervescência dos anos 1950. De fato, o entusiasmo nacional – com a revista e com a nova capital – era inegável.¹⁶³

A posição que a *Manchete* ocupou nos meios de comunicação durante os "anos JK" e a aliança que se formou entre Adolpho Bloch e Juscelino Kubitschek, pelos motivos já expostos, possibilitou que a revista *Manchete* se tornasse um dos principais veículos de propaganda daquele presidente, enaltecendo-o sempre e construindo, junto às massas, uma imagem favorável de JK. Aquele semanário não só apresentava Juscelino como político atuante, o mais indicado para tirar o Brasil do subdesenvolvimento e elevá-lo à categoria de nação desenvolvida e soberana, como também enfatizava o seu aspecto "homem do povo".

A revista *O Cruzeiro* não apresentava Juscelino da mesma forma, não o apoiava de modo incondicional como a *Manchete*, porém não se colocava como oposição ao reportar fatos acerca de JK e seu governo e se pode afirmar que, de alguma maneira, em determinados momentos, *O Cruzeiro* ajudou a construir a imagem do presidente empreendedor que também era um "homem comum".

¹⁶² *Manchete*, n. 421. 14 de maio de 1960, p. 31.

¹⁶³ Informações retiradas da coleção *Nosso século*. São Paulo: Abril Cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Movida primeiramente pela paixão pela História, depois pelo próprio dever de ofício – ler, pesquisar, para depois contar novas histórias --, me dediquei a buscar nas páginas da *Manchete* e de *O Cruzeiro* subsídios que me permitissem estudar de que forma estes dois periódicos construíram, junto a seu público leitor, a imagem pública de JK e, em conseqüência, a memória do Brasil daqueles anos. As fotorreportagens que se referiam a Juscelino e seu governo se revelaram documentos preciosos para mostrar a força dos veículos de comunicação no reforço e até mesmo na construção de uma determinada história no imaginário de uma sociedade.

Apesar de reconhecer a inegável importância de Juscelino como governante e as qualidades inerentes à sua pessoa, não podemos concluir que somente otimismo e esperança “povoaram” os “anos JK”. Os “anos dourados” não são tão dourados assim e nem tranquilos. O governo JK enfrentou várias crises e sérios problemas, como, por exemplo, o crescimento da inflação. A idéia de que toda a sociedade iria desfrutar da riqueza que o nacional-desenvolvimentismo geraria não se concretizou. A entrevista concedida pelo ministro Lucas Lopes ao CPDOC ajuda a entender algumas das questões com as quais se defrontou o governo JK.

Em seu depoimento, Lucas Lopes faz críticas a Juscelino por este privilegiar o desenvolvimentismo, mesmo que viesse acompanhado de um processo inflacionário pois, segundo Lucas Lopes, o crescimento às custas de problemas tais como emissão de moeda e endividamento externo acabava por tornar inviável dar prosseguimento à política desenvolvimentista. No dia em que foi convidado para assumir o ministério da Fazenda, Lucas Lopes preveniu JK de que haveria necessidade de um ajustamento cambial. Juscelino teria respondido: “Está muito bem, concordo, contanto que você concorde em não provocar o aumento do preço do petróleo, do papel de imprensa e do trigo.” (Lopes, 1991: 230). É interessante notar que tal política cambial que não afetaria o custo do papel de imprensa era favorável aos órgãos de comunicação impressos, tais como as revistas *O Cruzeiro* e *Manchete*.

Lucas Lopes afirma ainda que JK não tinha simpatia pelo Plano de Estabilização Monetária, principalmente porque tal plano afetava os cafeicultores, que não eram favoráveis ao novo plano cafeeiro que o ministro desejava implementar. Os cafeicultores tinham representantes no Congresso e, segundo Lucas Lopes, “O *lobby* dos cafeicultores mobilizava todo o mundo.” (Lopes, 1991: 244) No auge da discussão sobre o ajuste cambial e a política de café bastante rígida que Lucas Lopes queria implantar foi que ocorreu a saída deste ministro do Ministério da Fazenda, sendo substituído por Sebastião Pais de Almeida, que, ao contrário do que Lucas Lopes faria, concordou com os cafeicultores em relação ao preço que queriam para o café.

Conforme já abordado neste trabalho, tanto *O Cruzeiro* como a *Manchete* noticiavam as situações de crise, porém de formas diversas. Ao analisarmos o discurso produzido por cada uma daquelas revistas sobre JK e seu governo, concluímos que há pontos de convergência em alguns momentos e de divergência em outros. Não se pode esquecer que as motivações que uniam JK e a *Manchete* eram completamente diferentes das que ligavam *O Cruzeiro* e aquele presidente. As relações de Juscelino com o proprietário de *O Cruzeiro* eram de interesse comercial, ao passo que entre Adolpho Bloch e o presidente, além dos interesses financeiros, havia uma relação de amizade muito forte e coincidências de visão de mundo e de visão do que queriam para o Brasil. A ligação que então se constituíra entre aquele presidente e Adolpho Bloch levava a *Manchete* a eleger, por assim dizer, JK como figura única e especial em meio a outros que governaram o país. A revista, mesmo após a morte de JK, não abandonou as referências elogiosas e as reportagens e crônicas que destacavam a personalidade de Juscelino.

O Cruzeiro, da mesma forma que mostrou JK em determinadas reportagens como o presidente empreendedor, responsável pelo crescimento econômico do país, o “construtor” de estradas, barragens e até de uma nova capital, muitas vezes o apresentou como o governante que não sabia solucionar adequadamente a inflação e os gastos excessivos com a construção de Brasília, por exemplo. A *Manchete*, talvez

por um dever jornalístico, não se furtava a reportar os problemas, as tensões. Mas, mesmo nestes momentos, a figura do presidente não era apresentada como o causador dos problemas. E a maioria das fotorreportagens deste semanário enaltecia o presidente e o apoiava. Sem dúvida, aquela revista tornou-se um veículo de propaganda de JK. Embora de formas diferentes, tanto *O Cruzeiro* quanto a *Manchete* acabaram por construir uma imagem pública de Juscelino que ficou gravada na memória como a imagem do presidente responsável pelo crescimento e modernização do Brasil.

A perpetuação de uma memória de que aqueles anos foram “dourados” em muito se deve, conforme visto ao longo deste trabalho, ao desenvolvimento econômico e à consolidação da democracia, aliados a fatores tais como a efervescência cultural e um novo estilo de vida adotado por parte da população, beneficiada pela “modernidade” crescente. Entretanto, como nos ensina Pollak, “A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado.” (Pollak, 1992: 4) Não podemos perder de vista que a memória sempre implica em representações, construções e reconstruções. Estamos sempre lidando com as versões, isto é, com discursos impregnados de subjetividade e singularidade. Além disso, a memória é capaz de distorções e de silêncios (propositais ou não), de acordo inclusive com o momento, com as experiências vividas e com aquilo que se deseja rememorar. Não foi diferente em relação à figura pública de JK que estas revistas ajudaram a construir.

O Cruzeiro e a *Manchete* exerceram papel muito importante na construção da imagem de JK e seu governo. Juscelino passa para a história como o presidente dos “anos dourados”. Essa imagem permanece até hoje – vide a minissérie apresentada este ano pela TV Globo; o discurso daquela emissora é o do presidente dos “anos dourados”. Poucos se recordam da “herança” deixada por Juscelino: “JK legou ao seu sucessor uma economia que crescia à média de 8,2% ao ano, mas que passara a

conviver com taxas de inflação anuais da ordem de 23% e com um progressivo descontrolo das contas externas.”¹⁶⁴

¹⁶⁴ Disponível em http://www.cpdoc.fgv.br/nav_jk/htm/o_Brasil_de_JK/ocustododesenvolvimentismo. Acesso em 15 de agosto de 2006.

BIBLIOGRAFIA

Fontes primárias:

Revistas

Manchete: edições de: 26/4/52; 15/1/55; 19/2/55; 28/1/56; 4/2/56; 11/2/56; 24/3/56; 28/4/56; 9/6/56; 14/7/56; 5/1/57; 2/2/57; 12/7/58; 8/11/58; 15/11/58; 6/12/58; 13/12/58; 10/1/59; 7/2/59; 9/4/60; 21/4/60; 30/4/60; 14/5/60; edição especial de outubro de 1992; edição especial de novembro de 1997; 21/4/2000.

O Cruzeiro: edições de: 10/11/28; 28/1/56; 4/2/56; 3/3/56; 10/3/56; 17/3/56; 16/6/56; 30/6/56; 8/9/56; 7/6/58; 5/7/58; 23/8/58; 13/9/58; 22/11/58; 19/3/60; 26/3/60; edição especial de 7 de maio de 1960.

Entrevista

RODRIGUES, Alvimar. Entrevista concedida à autora, no Rio de Janeiro, em 19 de junho de 2000.

Filme

TENDLER, Silvio. *Os anos JK: uma trajetória política*

Livros e artigos:

ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: ABREU, Alzira Alves de (org.). *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

ALBERTI, Verena. O século do moderno: modos de vida e consumo na República. In: GOMES, Angela de Castro; PANDOLFI, Dulce Chaves; ALBERTI, Verena (coords.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: CPDOC, 2002.

BENEVIDES, Maria Victoria. *O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

BOJUNGA, Claudio. *JK: o artista do impossível*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CARVALHO, Luiz Maklouf. *Cobras criadas: David Nasser e O Cruzeiro*. 2 ed. São Paulo: SENAC, 2001.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CONY, Carlos Heitor. *JK: como nasce uma estrela*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

COSTA, Helouise e RODRIGUES, Renato. *A fotografia moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN/Funarte, 1995.

COUTO, Ronaldo Costa. *Brasília Kubitschek de Oliveira*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

DOURADO, Autran. *Gaiola aberta: (tempos de JK e Schmidt)*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DUBOIS, Phillippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 11 ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A reforma do *Jornal do Brasil*. In: ABREU, Alzira Alves de (org.). *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes e KORNIS, Mônica Almeida. Entrevista com Phillippe Dubois. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, n. 34, 2004.

FERREIRA, Marieta de Moraes e MESQUITA, Cláudia. Os anos JK no acervo da Biblioteca Nacional. In: Biblioteca Nacional (Brasil). *Brasileana da Biblioteca Nacional – guia de fontes sobre o Brasil/ Organização Paulo Roberto Pereira*. Rio de Janeiro; Fundação Biblioteca Nacional: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, Marieta de Moraes e SARMENTO, Carlos Eduardo. A República brasileira: pactos e rupturas. In: GOMES, Angela de Castro; PANDOLFI, Dulce Chaves; ALBERTI, Verena (coords.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: CPDOC, 2002.

GOMES, Angela de Castro e ARAÚJO, Maria Celina D'. *Getulismo e trabalhismo*. São Paulo: Ática, 1989.

HELAL, Ronaldo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad.

KORNIS, Mônica Almeida. Samba em Brasília: uma utopia conservadora dos anos 50. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*, 2004.

KUBITSCHKE, Juscelino. *A marcha do amanhecer*. São Paulo: Bestseller, 1962.

_____. *50 anos em 5: meu caminho para Brasília*. Rio de Janeiro: Bloch, vol. 3, 1978.

LACERDA, Aline Lopes de. A “obra getuliana” ou como as imagens comemoram o regime. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, vol. 7, n. 14, 1994.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, vol. 1: memória/história, 1984.

LEOPOLDI, Maria Antonieta P. Crescendo em meio à incerteza: a política econômica do governo JK (1956-60). In: GOMES, Angela de Castro (org.). *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: Editora FGV/CPDOC, 1991.

LOPES, Lucas. *Memórias do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Centro da Memória da Eletricidade no Brasil – Memória da Eletricidade – Programa de História Oral do CPDOC/FGV, 1991.

MARAM, Sheldon. Juscelino Kubitschek e a política presidencial. In: GOMES, Angela de Castro (org.). *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: Editora FGV/CPDOC, 1991.

MARANHÃO, Ricardo. O Estado e a política “populista” no Brasil (1954-1964). In: *História geral da civilização brasileira*. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, vol. 10, 1996.

_____. *O governo Juscelino Kubitschek*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MELLO, João Manuel Cardoso de e NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MELO FILHO, Murilo. *Testemunho político*. Rio de Janeiro: Bloch, 1997.

_____. *Tempo diferente*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

MONTELLO, Josué. *O Juscelino Kubitschek de minhas recordações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

MORAES, Denis de. *Vianinha, cúmplice da paixão*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1991.

MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Um salto para o futuro. In: *Revista Nossa história*. Rio de Janeiro: Vera Cruz, n. 23, setembro de 2005.

MOURA, Gerson. *O tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. Cultura e identidade nacional no Brasil do século XX. In: GOMES, Angela de Castro; PANDOLFI, Dulce Chaves; ALBERTI, Verena (coords.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: CPDOC, 2002.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense.

_____. *Cultura brasileira & identidade nacional*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PANTOJA, Sílvia. Juscelino Kubitschek. In: *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001.

PINHEIRO, Luiz Adolfo. *JK, Jânio e Jango: três jotas que abalaram o Brasil*. Brasília: Latrativa, 2001.

PINHEIRO NETO, João. *Juscelino, uma história de amor*. 2 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, vol. 2, n. 3, 1989.

_____. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, vol. 5, n. 10, 1992.

REZNIK, Luís. *Democracia e segurança nacional: a polícia política no pós-guerra*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, n. 31, 2003.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *Feliz 1958: o ano que não devia terminar*. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

SILVA, Adriana Hassin. *A modernidade em Alvorada: Brasília e a imagem do Brasil moderno no fotojornalismo d' O Cruzeiro e da Manchete (1956-1960)*. Rio de Janeiro: UFRJ, PPGHIS, 2003. (Dissertação de mestrado).

SORLIN, Pierre. Indispensáveis e enganosas, as imagens, testemunhas da história. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, n. 13, 1994.

VELLOSO, Mônica Pimenta. A dupla face de Jano: romantismo e populismo. In: GOMES, Angela de Castro (org.). *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: Editora FGV/CPDOC, 1991.

Obras de referência:

A revista no Brasil. São Paulo: Abril, 2000.

Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 2001.

Nosso século. São Paulo: Abril Cultural.

Sites consultados:

http://www.geocities.com/marenostrum_br/chateaubriand.htm

http://www.cpdoc.fgv.br/nav_jk/htm/o_Brasil_de_JK/ocustododesenvolvimentismo

<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/>

<http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro>

<http://www.projeto memoria.art.br>

ANEXOS

Anexo 1

CRESCIMENTO DO NÚMERO DE EMISSORAS DE RÁDIO NO BRASIL

ANO	1944	1945	1946	1947	1948	1949	1950
No. de emissoras	106	111	136	178	227	253	300

Fonte: ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 40.

Anexo 2

Capa do primeiro número de *Cruzeiro* em 10 de novembro de 1928



Fonte: <http://memoriaviva.com.br/ocruzeiro>

Anexo 3



Legenda: O VICE NIXON APRESENTA AO PRESIDENTE A SRA. ROOSEVELT, FILHA DO EX-PRESIDENTE THEODORE ROOSEVELT

Fonte: *Manchete*, n.199. 11 de fevereiro de 1956, p. 32

Anexo 4



Legenda: A primeira dama e o Presidente. A primeira dama do país, sra. Sara Lemos Kubitschek, e o Presidente da República, surpreendidos à sua chegada ao Palácio do Itamarati, para o grande banquete da posse.

Fonte: *Manchete*, n. 199. 11 de fevereiro de 1956, p. 37.



JUSCELINO VOLTA AOS SEUS TEMPOS DE INFÂNCIA NA CASA DA RUA S. FRANCISCO.

JUSCELINO - NONÓ I é o PRI

HISTÓRIA DO MENINO POBRE QUE SE TORNOU PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Texto de OLAVO DRUMMOND (Deputado da Assembléa Legislativa de Minas Gerais)
Fotos de EUGÊNIO SILVA

— VOU contar-te uns casos da infância de Nonó... Assim começou a falar D. Júlia, figura exemplar da mãe mineira, sempre lembrada por seu filho, hoje presidente da República, Sr. Juscelino Kubitschek. D. Júlia fala pouco, elogia pouco, detesta adjetivos. É simples e tranqüila. Ninguém consegue lhe arrancar expressões mais fortes sobre qualquer assunto. É sempre comedida e austera. Foi neste clima de simplicidade e respeito que criou seus dois filhos: Nonó e Naná. São dois apelidos bem mineiros e saborosos de Juscelino e Maria da Conceição. Foi difícil romper as reservas de simplicidade D. Júlia, a mestra Júlia de Diamantina. Aos poucos ela foi contando alguma coisa sobre seus filhos. Sobre a sua família que nasceu, cresceu e conheceu venturas e dificuldades em Diamantina. Fala sobre os filhos, carinhosa e pausadamente. Com uma lucidez admirável, apesar de seus oitenta anos, a mestra dos diamantinos vai desfilando coisas. Não consegue, contudo, esconder o orgulho com que fala de Juscelino, sua carreira e suas vitórias.

NONÓ — O PERSISTENTE

— O menino nunca deixou nada pelo meio. Depois que completou cinco anos, aprendeu a saber o que queria. Tomou impulso e foi certo aos seus objetivos. Depois desta observação, D. Júlia passou a contar como foi que o filho se definiu para a vida. Aos quatro anos Juscelino sonhava com brinquedos e lojas coloridas. Imaginava, também, um futuro bem colorido. "Mãe, quero ser dono de uma loja. Uma loja bem grande, bem limpinha, cheia de bonéas, holas e pa-

nos". D. Júlia se impressionava com as tendências do filho e procurava satisfazê-las. Levava-o, freqüentemente, a visitar as lojas de Diamantina. Um dia aconteceu um fato interessante. Mestre Júlia foi às compras e levou o filho. Entraram na loja do Mota. (Até hoje o prédio está lá, firme e bem cuidado). Estava cheia de freguesas. Os caixeiros faziam detros pacotes de mercadorias das prateleiras. A escolha era demorada. Especulavam, perguntavam e regateavam. Depois saíam sem levar nada. Nonó não perdeu uma frase da conversa das freguesas do Mota. Quando deixaram a loja ele puxou D. Júlia pelo vestido e confidenciou:

— Mãe, não quero ser mais dono de loja.
— Por quê, meu filho?
— A senhora não viu? Tive pena do Mota. As moças remexeram em tudo e não compraram nada...
Depois de atravessarem dois quarteirões, Nonó decidiu-se: — Mãe, estive pensando. Não vou ser dono de loja. Vou ser médico. A senhora acha bonito?
— Sim, meu filho. Muito bonito. Seja mesmo. Estude muito e consiga ser médico. O menino que assim decidia, vinte anos depois se formaria em Medicina.

Menino, Juscelino foi muito popular em Diamantina. Outrora, a popularidade se conquistava nas naveas das Igrejas. Juscelino era assíduo. Com Divaldo Lacerda, o pequeno Kubitschek se encarregava de ajudar as missas diárias. Nas novenas do mês de Maria, ia em companhia de D. Júlia e Naná. As duas crianças da professora cantavam e corouavam a Virgem.



NO SEU QUARTO, onde fazia planos e estudava os clássicos. Ei-lo, agora, de volta.



A COZINHA onde D. Júlia realizava o preparo dos pratos preferidos do garoto Nonó.



PERTO da janela de onde se pode contemplar o silhueta de velho jobuticabeira amarelo.

UM HOMEM DE TRABALHO E PAI DEDICADO



UMA FOTOGRAFIA que tem grande significação. Foi tirada no dia em que se pôs a votação o voto de Juscelino no último pleito.

JUSCELINO NA INTIMIDADE

Poucos são os que conhecem Juscelino na intimidade. Aqui está um pequeno roteiro de suas atividades. **DE Manhã:** Acorda muito cedo. As seis horas já está de pé. Quer os jornais, (todos) na cabeceira. Nada de jornal mexido, lido, fulheado. Jornal intato, faz questão. Depois de ler as notícias do dia, agarra no telefone. Telefona para Deus e todo mundo. Se está no Governo cuida das obras, se está na política quer saber detalhes precisos da campanha. **ALMOÇO** — Se não viaja convida algum amigo para um lanche ao almoço. Procura saber de tudo o que o jornal não disse. Não é homem de segredinhos. Entende que tudo que tem relação com a vida pública pode ser dito em voz alta. Em roda de amigos não conversa a dois. Fala alto e chama todos para a palestra. Após o almoço costuma descansar meia hora. Se é possível. Se não é, emenda a tarefa. **DAS 14 às 19 horas** — se é candidato cuida da campanha, se está no Governo cuida da administração. Consagra o dia ao arremate de assuntos, assinaturas finais ou despachos de relevo. Rotina de auxiliares do Governo não vem a despacho. Vem em separado e é examinada em horário especial com os elementos do seu gabinete. Tudo muito estudado. Um crivo rigoroso é instalado na antecâmara do Palácio. Tem confiança nos seus auxiliares, nos assuntos de deliberação própria. O que vem pelos canais burocráticos, no entanto, exige profundo exame de assessoria. **JANTAR** — Deixa o trabalho e se recolhe na intimidade. As 20 horas janta. Geralmente faz-se acompanhar de D. Sara e das duas meninas, sumente. Ambiente familiar. As 22 horas chama um auxiliar, examina papéis ou convoca qualquer autoridade para debate de assuntos. Se se demora no trabalho exige ceia. Dorme pouco, levanta cedo e, depois de ler jornais, agarra no telefone. **OS DOMINGOS** — Vai a missa. Se tem de decolar às oito, comparece à missa das seis. Em Belo Horizonte correu todas as igrejas. Certa vez, na Igreja da Floresta, Kubitschek rezava pela madrugada, sem companhia, quando uma senhora, do lado da frente, virou-se para dizer: "Louvado seja Deus, mas como o Sr. se parece com o Dr. Juscelino, puxa!" E a mulher saiu sem ter a certeza de que se tratava mesmo do Governador. O resto do dia, se não aproveita para uma viagem, passa ao lado da esposa e das meninas. Visita a sua mãe diariamente. Como Presidente da República não poderá continuar o programa, pois D. Julia não sai de Belo Horizonte. De maneira alguma...

Juscelino tem também os seus "cacoeiros", as suas manias e predileções. A qualquer pergunta mais embaraçosa ou em vésperas de qualquer solução difícil, Juscelino passa a mão pelo rosto, da testa ao queixo, antes de falar. Coça a nuca e depois se explica. Quando deixa o automóvel ou entra em qualquer ambiente, onde é esperado, o seu primeiro gesto é ajoelhar a gravata. Instintivo. Em roda íntima e em viagem não tolera o sapato do pé esquerdo. Ninguém sabe o motivo. Nem ele mesmo. Mas não tolera. Ao que parece tem comichão no pé canhoto, depois de um dia estafante. Tem aversão ao insistente. Ao cidadão chato. Ao que se agarra com ele nas solenidades. No que fala sobre o seu ombro, se não é chamado. Ao "puxa", ao louvaminhas. Juscelino fica irritado, quando encontra tais pessoas. Admite a manifestação de contentamento, porém em termos. No automóvel prefere ficar no lado do chofar. Se está em cerimônia, sujeita-se ao sacrifício. Vai atrás, um pouco amuado, convenhamos. É extremamente cordial e amigo. Mas excessivamente exigente. Muito grato aos que o ajudam. Mas cuida muito de preencher com a estima pessoal. Quando chama alguém para um cargo público avisa: "Vai ser uma dureza. Um sacrifício. Conto com você". Sempre diz que não dá à função pública a característica de prêmio. Se aproveita amigos, às vezes da intimidade, é porque quer ócio no tormento.

Não fuma, não joga e bebe vinho, raramente. Outra bebida dificilmente suporta. Nos banquetes e recepções prefere sempre, água mineral. Havia em Diamantina o ditado "nesta terra só não bebem os sinos, porque tem a boca para baixo". Agora emendaram: "os sinos e Juscelino, que não se habituou com as boas bebidas." É solidário com todas as alegrias de sua terra, porém a sério.

EM FAMÍLIA — Adora D. Sara e as meninas. É pai amigo e camarada. Tem verdadeira admiração pela esposa. Sempre se refere a D. Sara nas conversas. Aponta a esposa como exemplo de trabalho e dedicação. Em suma: tem uma qualidade para uns que é defeito para outros: quem falhar com Juscelino, falha uma vez só. Não terá a oportunidade de outros erros. Pode, até, conservar a amizade. Perdurar o falhas. Mas conservar-lhe em função de confiança, nunca. Daí o motivo por que exige imprensa livre. É o Foder de Fiscalização. Apura denúncias serenas e judiciosamente. Mas se o acusador é insensato perde, também, a autoridade de profligar. Passa a ler o jornal leviano com reservas. Mas o R. Diariamente.

MARIA DE JESUS, DIAMANTINA, 104 ANOS, FÊZ QUESTÃO DE VOTAR NO SEU PRESIDENTE





ANEXO 8



AS JABUTICABEIRAS são um fraco do Presidente. Empoletrado nas forquilhas, lia os clássicos, quando jovem.

“Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil”

POLÍTICA

JUSCELINO QUER SER "JUNGO"



JUSCELINO E EISENHOWER tomaram chá na Flórida.



JUSCELINO E EDEN, na Inglaterra. Embaixo, com Ivete Vargas, em New York.



O Sr. Juscelino Kubitschek assume o governo em meio a enormes dificuldades que são do conhecimento de todos. Embora haja divergências entre seus correligionários e na opinião pública que se inclinou para a chapa JJ na eleição de outubro uma perspectiva otimista com relação às possibilidades de realizações materiais do quinquênio agora se inicia, ninguém se ilude quanto à gravidade de situação política criada pela eleição dos Srs. Juscelino Kubitschek e Januário Goulart na faixa de propaganda da redenção do getulismo peedista e trabalhista.

O Sr. Kubitschek, embora tenha ingressado voluntariamente nessa área, não pretende a ela confinar-se, compreendendo que somente uma chefia pessoal e independente poderá lhe dar a liberdade de movimentos necessária a impor-se por cinco anos na chefia do governo. Aspira o Presidente da República, segundo dizem seus confidentes, ascender à categoria de um verdadeiro líder popular, de maneira a suplantar as influências e as forças dominantes da política brasileira. A ambição do Sr. Kubitschek é inaugurar um período "juscelinista" da vida nacional, contando predominantemente com a opinião pública dos grandes centros urbanos pelas realizações com as quais lançaria o País numa intensa fase de progresso material.

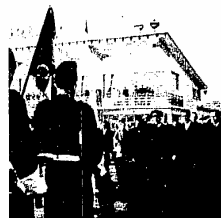
A essas pretensões opõem-se as contradições da base política e parlamentar que o apóia. O PSD, em rivalidades com o PTB, quase todos os Estados, reivindicante e parlamentarmente poderoso, poderá cindir-se indo a engrossar a corrente inconformista em torno da UDN, aspira a asfixiar em poucos meses o Sr. Kubitschek. O PTB, por outro lado, partido em crescimento, com um líder jovem a aspirar o controle total da política brasileira, está naturalmente fadado a vender caro sua permanência no novo governo, tanto mais quanto o Sr. Janio Quadros, opositor e rival, lanços nos braços do Sr. Januário Goulart o adhemarismo, que já começa a se fundir com o getulismo.

O Sr. Kubitschek deve assim disputar a liderança ao herdeiro legítimo de Getúlio Vargas, que é o Vice-Presidente, e ao Sr. Januário Quadros, aspirante à sua sucessão em 1960.

A UDN FICARÁ NA OPOSIÇÃO

Revelou o Senador Juraci Magalhães que a UDN tem sido solicitada com insistência a colaborar no Governo do Sr. Juscelino Kubitschek. "Mas isso não acontecerá, na medida que possa fluir para evitar essa colaboração" — declarou, enfaticamente, o Senador baiano.

Essas solicitações, segundo se informa, foram realmente feitas no decorrer de janeiro. E a recusa da UDN se baseia em um



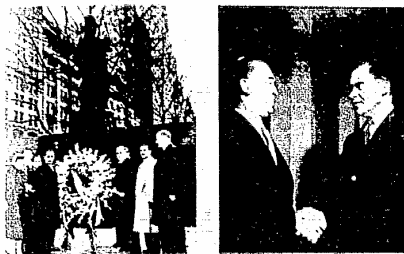
COM Pinay, na França, indo para Roma.



NO TUMULO do Soldado Desconhecido.

O CRUZEIRO, 4 de fevereiro de 1956

“JUSCELINISTA”



PARA o Patriarco Andrade, flores. COM Nixon, candidato à C. Branco.

a incompreensão dos adversários dos motivos que determinaram nos governos Dutra e Vargas, a ida de udenistas para Ministérios. Dizem os udenistas que, sacrificando-se politicamente, colocando a linha de oposição tradicional dos homens que formam o partido, têm cedido a solicitações semelhantes. Postos no Governo, convidados a cooperar na administração pública, responsáveis por atos governamentais, muitas vezes pela má política do presidente da República, passam a ser atacados por aqueles mesmos que solicitaram a colaboração. “Não seremos mais motivos de chacotas” — disse o Senador Juraci Magalhães.

Havia, portanto, dentro da UDN, segundo alguns observadores, uma para um entendimento entre os udenistas e o bloco derrotado nas últimas eleições. A campanha sistemática, movida pelos próprios vencedores, depois de conhecido o resultado do plebiscito, é que determinou a retirada dos udenistas para uma linha de oposição, que parecerá, segundo todas as indicações, ser total e absoluta.

O texto do Manifesto, afinal publicado pelo Sr. Milton Campos, comprovou em toda a linha as previsões feitas. Aceitando os termos de uma derrota imposta pelas urnas, consideram os udenistas que ainda não operaram no campo da oposição, como pensam os que fundaram o partido em 1945 e depois das sucessivas derrotas sofridas nas urnas. Os ânus dos entendimentos políticos com os sucessivos Presidentes da República pesam no espírito do partido udenista, que é todo oposicionista, nos quatro cantos do País.

A primeira grande manobra de envergadura política da UDN surgiu-se assim, no momento em que o Sr. Juscelino Kubitschek fez a faixa presidencial: fixar-se numa oposição de vigilância e fiscalização, através dos seus parlamentares, nas duas Casas do Congresso.

Os proveitos políticos da nova situação, a UDN poderá usufruir através do PTB, seja do Ceará, seja da Bahia ou de qualquer outro Estado, onde suas ligações com o trabalhismo forcem o trabalho comum do eleitorado.

Nessas condições, a UDN inaugurará uma nova fase na política nacional, não admitindo que seus correligionários se submetam às diretrizes governamentais, nem comprometendo, como tem acontecido, a ação parlamentar dos seus representantes no Congresso. Não contará, portanto, o Sr. Juscelino Kubitschek com a indiferença de um bloco parlamentar, que se pode considerar poderoso, quando depender seu Governo das deliberações do Congresso.

CRUZEIRO, 4 de fevereiro de 1956



TENDO PERCORRIDO 11 países da Europa, o Sr. Juscelino Kubitschek incluiu no seu itinerário entrevistas com Chefes de Estado que o aguardavam nas ligeiras paradas do avião. Em São Domingos, demorou-se em conversa com o “benfazeiro” Trujillo, visitando uma exposição de armas. A foto acima foi tirada no momento em que o Sr. Juscelino Kubitschek experimentava um fuzil de “casadinho” das Cavalhas. No outro flagrante, aparece com o Presidente da França, Sr. René Coty. Paris foi visitada pelo Sr. Kubitschek com carinho, pois ali estão algumas das suas recordações de adolescente. Reencontrou paisagens amigas.

CONTINUA

103

POLÍTICA

CABE A JUSCELINO LEVANTAR A TUTELA

Suspensa o estado de sítio a situação politico-militar volta a servir de matéria de observação dos círculos interessados, de tal maneira se registra ainda, neste início de governo, a prevalência dos fatores militares na luta pela consolidação do regime. O episódio da fuga de oficiais da Aeronáutica põe à mostra, de outro lado, a persistência de pruridos de inquietação que lavra nos escalões inferiores da hierarquia militar. Os altos comandos, entretanto, e os chefes militares responsáveis empenham-se em alisar o equilíbrio, evitando que parta dos quartéis qualquer movimento que interrompa bruscamente a tentativa de consolidação democrática que se passou a fazer com a investitura dos Srs. Juscelino Kubitschek e Jango Goulart.

E por demais conhecida a firme disposição do General Teixeira Lott de levar ante seus compromissos com a estrita legalidade constitucional, não tendo qualquer procedência os rumores de que se excede na tentativa de tutelar o governo. A falta de que se acha investido e a instabilidade da situação o colocam na má posição de conselheiro autorizado e incontestável em certos acontecimentos políticos. A seu lado dois chefes que têm ou criaram prestígio nos últimos episódios completam o triângulo do poder militar no Exército. São eles os Generais Zenildo da Costa e Odílio Denis; cuja rivalidade chegou a constituir, em determinado momento, fator de inquietação. Podese dizer que dessa rivalidade decorre, em grande parte, a permanência do General Lott no Ministério da Guerra.

Cumpre examinar, todavia, a posição dos prestigiosos chefes que solidamente foram hostilizados pelo movimento de 11 de novembro ou que o hostilizaram. Os principais são o General Juarez Távora e o General Alcides Etchegoyen.

O primeiro, investido da condição de candidato, julgouse moralmente incompatibilizado para qualquer ação militar anterior ao 31 de janeiro. Acertara o jogo da sucessão nas bases conhecidas e somente admitia o recurso à Justiça Eleitoral para limpar de vícios o resultado da eleição. Frontalmente contrário ao 11 e sobretudo ao 21 de novembro, foi colhido de surpresa, desvinculado que estava das articulações mili-

tares. Chegou a ser prêsso por algumas horas, tendo sido vigiado constantemente por se temer partisse dele uma reação ao golpe triunfante. O General Távora não quebrou a linha que se traçara de observador da situação, tanto mais quanto se achava em licença no Exército. Sua paragem eleitoral, de afirmação dos processos de luta pelo voto, o aconselhou a adotar a posição que adotou.

Quanto ao General Alcides Etchegoyen, não é segredo que não se conformou com os movimentos vitoriosos, aceitando-os como expressão de um golpe ilegítimo ao qual não teve elementos para se opor.

O grupo dos coronéis, disperso e desarticulado pela reação dos generais, que em certo sentido foi o 11 de novembro, só agora apresenta sinais de uma rearticulação, a despeito da uniformidade de orientação, muitos deles tendo manifestado confiança no comando do General Teixeira Lott.

A Marinha e a Aeronáutica apresentaram focos de intranquilidade, pelo inconformismo de grande parte da sua oficialidade. Nos 15 dias que precederam a posse do Presidente da República, assalhou-se que a Esquadra se encontrava ressaltada à espera de apoio em terra e no ar para declarar-se contra a situação dominante. O fato é que o Almirante Amorim do Valle, com ponderação e prudência o enorme prestigio que conserva junto à oficialidade do mar, desaconselhando qualquer ação militar precipitada e contrária às condições criadas pela expectativa da posse e da normalidade constitucional. O Almirante Torres Câmara, seu sucessor na Pastagem, por outro lado com igual prudência, evitando transformar o Ministério em quartel-general de uma luta contra o estado de espírito da oficialidade.

Quanto à Aeronáutica, sua situação apresenta-se difícil, pois verificou-se estar a mesma dividida em



GENERAL TEIXEIRA LOTT luta para devolver às mãos dos civis a plenitude do Poder. O CRUZEIRO, 3 de março de 1956

ARQUIV DO

dos corren

do início

que milit

O Sr. J

Suas re

que uma ci

Anexo 12



ALMIRANTE AMORIM DO VALLE, ex-Ministro da Marinha, conhecido hoje, pelos políticos, elemento moderador.

BRIGADEIRO EDUARDO GOMES mantém-se silencioso, se bem que muito ativo entre os bastidores.

GENERAL ZENÓBIO DA COSTA é, sem dúvida, ponto de aglutinação das forças do Exército.

...correntes, a tal ponto que ao constituir seu Ministério foi o Presidente da República aconselhado a encontrar uma solução de natureza civil, pois nenhum dos Brigadeiros conseguia arrastar consigo mais de 20% da oficialidade superior. O Brigadeiro Eduardo Gomes, agindo de comum acordo com o Almirante Amorim do Valle e o Sr. Café Filho, foi positivo na condenação a movimentos revolucionários visando a im-
...possa do Sr. Juscelino Kubitschek. Sua atitude causou desapontamento entre os oficiais que o acompanhavam e que esperavam dele uma atitude de ação condizente com seus arrebatamentos juvenis.

...início do Governo Kubitschek foi assinalado por uma negável onda de simpatia popular e de regozijo pela restauração do governo legítimo. O fator colocou a opinião pública frontalmente contra qualquer intervenção militar, realçando-se dessa maneira a prudência dos chefes militares vinculados à oposição. Isso, entretanto, não obscurece o fato de que a intervenção militar desenvolve-se ainda, e exige dos chefes tato e vigilância para sufocar descontentamentos e restaurar a plena confiança da tropa na liderança dos comandos.

...General Lott revelou-se como militar extremamente capaz e previsor. Seus dotes políticos é que estão convocando para essa batalha de devolução da política aos partidos e aos civis, pondo-se as Forças Armadas à margem, como sentinelas da ordem. Em outras palavras não se possa esperar qualquer ação revolucionária — tais as dificuldades de articulação conspirativa contra comandos fortes, bem estruturados e com apoio na maioria da tropa, a persistência de uma oposição militar determinada à permanência de uma tutela incômoda sobre o Poder Civil, de molde a propiciar degeneração do regime democrático e seu total desmoronamento popular.

...Sr. Juscelino Kubitschek tem, obviamente, um papel a desempenhar em tudo isso e papel de maior relevo. A autoridade que conquistou no exercício do governo, reforçando-se popularmente e impondo-se à opinião militar, será decisiva na consolidação não apenas do atual governo como do próprio regime. Fazer uma administração eficiente, corajosa, respeitando os princípios de moralidade que são hoje uma exigência de toda a nação — é para o Presidente da República a condição essencial de êxito sem a qual não terá tempo de demonstrar sua capacidade para resolver os problemas que, no correr de sua campanha, se propôs a resolver.

...Suas relações com o Poder Militar melhorando à medida que for desfazendo as suspeitas que uma campanha ativa dos seus adversários políticos suscitou em setores responsáveis. Os primeiros passos iniciais do atual governo serão vitais para

o futuro próximo e remoto das instituições liberais em seu país. Candidatando-se ao governo como administrador, o Sr. Juscelino Kubitschek recebeu, ao subir ao Catete, uma tarefa política que supera pelas suas dificuldades a tudo quanto se propôs até aqui em nosso país a um homem público investido do supremo poder.

Por enquanto, o comando militar mantém-se como fator de estabilidade e de conservação, contendo e retificando os impulsos de setores representativos do inconformismo reformista que imperava antes do 11 de novembro. Cabe ao Sr. Juscelino Kubitschek tornar definitiva a situação atual.

O Presidente da República, enquanto eclodem as resistências e se agrava a confusão nos meios políticos, se esforça para que os problemas econômicos e financeiros, situados em um ponto crítico, tanto do ponto de vista nacional como internacional, ocupem o lugar das preocupações de ordem puramente políticas, capazes de dificultar, atrasar ou impedir a execução do seu programa administrativo.

Assim é que o Sr. Juscelino Kubitschek aspira ao estabelecimento de uma trégua que lhe permita o exercício do Poder como o realizador de um monumental programa de obras.



OS GENERAIS, de um modo geral, não perderam a evidência nos acontecimentos políticos. Na foto aparecem Mendes de Moraes, Zenóbio, Teixeira Lott, Lima Brayner, Alves Sêco, envolvidos por políticos.

CONTINUA

109

Ele MORREU na SELVA

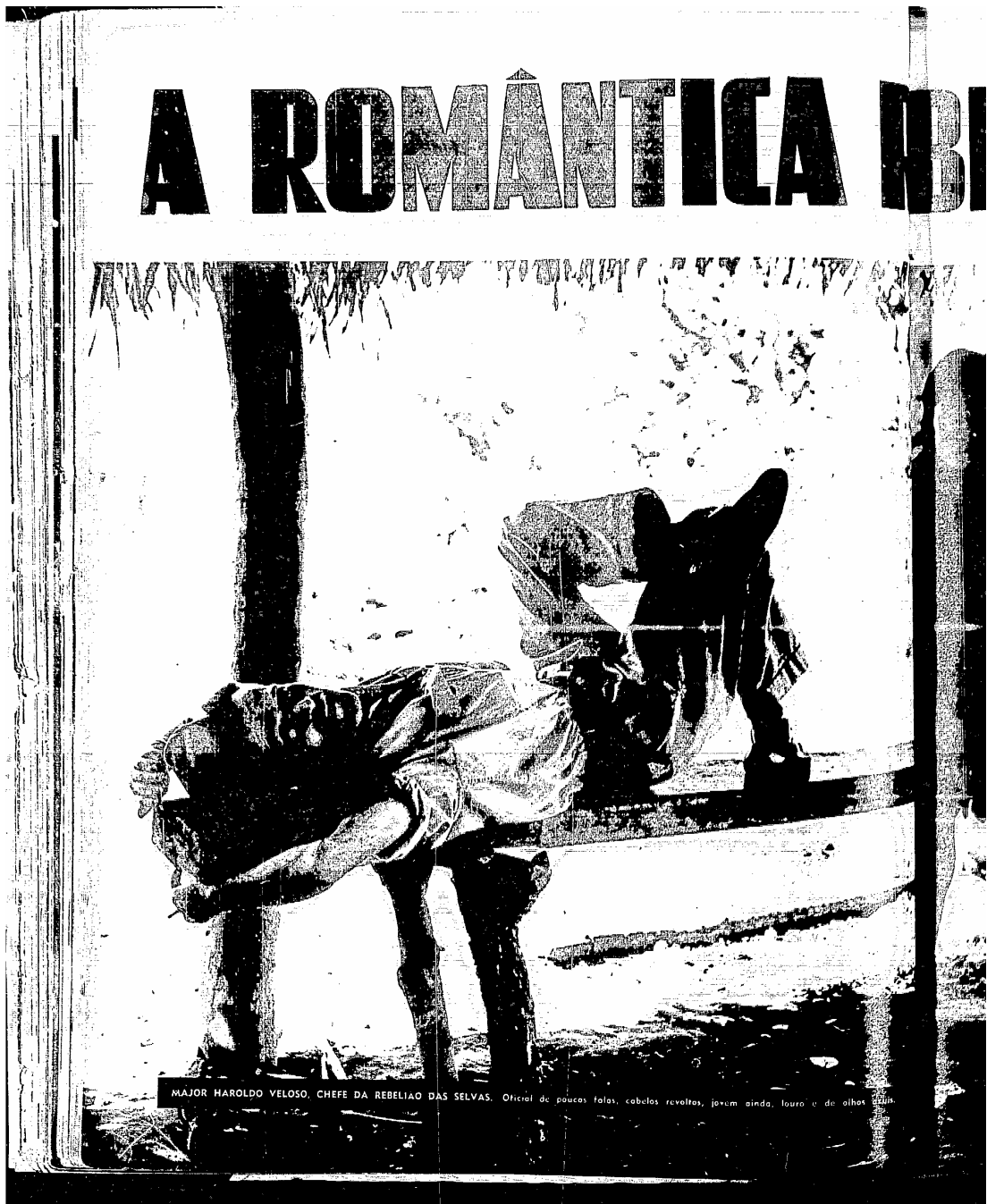


A ANGÚSTIA DA PARTIDA

O avião de Paulo Vitor tinha "pane" no motor esquerdo. Neste flagrante sensacional, feito em Santarém, no instante da fuga, aparecem: Veloso tentando girar o hélice do avião; de pé, em atitude de expectativa, Lambardo; embaixo do motor, de farda do Exército, "Cassuzo" ajuda a virar a manivela do "starter"; e, na janela da cabina de comando, Paulo Vitor tenta dar partida ao motor defeituoso.

CONTINUA

“Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil”



“Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil”



ARLINDO SILVA vê Luciano Carneiro antes do diálogo radioteleônico a bordo do avião de comando do 1.º Zona.



O BRIGADEIRO A. Alves Cabral, Comandante do 1.º Zona Aérea, falou com os rebeldes, dirigiu as operações.

JACAREACANGA CONTINUAÇÃO

Texto e fotos de LUCIANO GARNEIRO

O Brig. fala com os rebeldes

Alô, alô, Jacareacanga. Avião "Beechcraft" 1527 chamando Aranga, chamando Acanga, pede o compreendido.

— Estação rádio Jacareacanga respondendo ao "Beechcraft". Faça o favor de falar.

— Quem fala aqui é o Brigadeiro Cabral, pertinho de vocês. Adiante.

— Boa tarde, Brigadeiro. Aqui é o Capitão Lameirão. O que deseja?

— Olhe, eu vim aqui anelar outra vez para vocês. Para que não se sacrificarem inutilmente. Já estou cansado de dar conselhos a vocês. Vamos falar com essa bobagem. Vamos trabalhar pelo Brasil.

— Brigadeiro, nós já estamos trabalhando pelo Brasil.

— Lameirão, acabei de receber um rádio dizendo que o Coronel Delajay tomou Pimental, Olho Santarém, Itaituba e São Luís foram retomadas. Agora foi Pimental. Vocês estão perdidos. Não podem fazer mais nada. O Tapajós está sob a vigilância constante dos "Catalina". Nenhuma embarcação pode navegar mais. Veja, Lameirão. Nenhuma embarcação navegando mais. Veja como toda esta região está sofrendo por causa da loucura de vocês. Tropas de Exército estão prontas para efetuar o cerco de Jacaré. Vocês vão morrer de fome, se não se renderem. Ou se não morrerem de outro jeito. Paga mais uma vez que vocês se rendam. Adiante.

— Escute, Brigadeiro. O senhor não podia esperar até as 10 horas de amanhã? O Paulo Vitor não está aqui no momento? O Veloso, também, não voltou. Eu não posso assumir tomar uma decisão. Câmbio.

— Não pensando logo o Paulo Vitor e o Veloso. Meus amigos. Gentileza. O Veloso, não meu amigo. Afinal, vocês prenderam o Paulo Vitor ou não e que se renderam? Adiante.

— Brigadeiro, nos dissemos ao C-27 2059 que qualquer avião que descesse em Jacaré seria preso.

— Ele então desceu e aderiu a vocês.

— Nos prendemos o Paulo Vitor a princípio. Depois, ele aderiu.

— Lameirão, você sabe que já é desertor. O Veloso também. O Paulo Vitor, se não se apresentar imediatamente, vai ter a mesma sorte. Escute, Lameirão. Vocês vão ser esmagados, se não se apresentarem. Os B-25 estão prontos em Santarém para esmagar vocês. Não se sacrificarem inutilmente.

— Brigadeiro, coneci no lado de Veloso. Não posso decidir por conta própria. Solicito esse prazo para dar uma resposta. Até às 10 horas de amanhã.

— Olhe, é possível, é quase certo, que amanhã às 10 horas o Veloso não tenha voltado. Ele foi interceptado no Alto Tapajós, conseguiu fugir, mas não sei que está no Mato, e não vai poder voltar a Jacareacanga. É possível que tenha levado um tiro.

— Brigadeiro, eu peço para não obter obstáculos à volta de Veloso, a fim de que possamos responder o mais cedo possível ao senhor. Espero que até amanhã às 10 horas esteja tudo resolvido.

— E, deixem de bobagem. Sejam militares. Este país precisa de trabalho. Vocês estão prejudicando o povo de toda a região, que precisa do Tapajós para viver. Reparar nos sacrifícios enormes que a Nação está fazendo, nas despesas tremendas que a loucura de vocês está provocando...

— Brigadeiro...

— ... O gesto de vocês não teve o efeito desejado. Não veio o apoio que vocês esperavam. Pronto. Agora, decidam. Não se sacrificarem inutilmente.

— Brigadeiro, o senhor pode esperar até amanhã às 10 horas? Câmbio.

— Positivo.

— Obrigado ao senhor pela consideração conosco. Mais uma vez solicito para facilitar, isto é, solicito para não obstruir a volta de Veloso. Assim, resolveremos mais depressa a nossa possível rendição.

— Bem, fica assentado. Amanhã às 10 horas estarei de volta a Jacareacanga. Espero que vocês tenham usado a cabeça.

— De acordo, Brigadeiro. Amanhã às 10 horas.

— Muitas felicidades para vocês. Dê um abraço ao Paulo, no Veloso. Um grande abraço ao Velosinho. Gosto muito desse menino. Muito meu amigo. Até logo.

— Até amanhã, Brigadeiro. Boa viagem.

No dia 29 o "Beechcraft" do Brigadeiro Alves Cabral surgiu outra vez nos ares de Jacareacanga. O Tenente Jacobs como co-piloto, o Sargento Pessoa como mecânico, o Tenente-Coronel Márcio de Menezes como observador do Exército, Arlindo Silva e eu — como passageiros. Iamos ouvir a resposta de Jacareacanga, esgotada a trégua concedida.

Ao lado do "Beech" 15-12 estavam cinco aviões, prontos para a ação que fora deliberada entre o Brigadeiro, e seu "brain trust": Tenente-Coronel Aviador Walter Bastos e Major-Aviador Cássio Neves — duas das mais brilhantes figuras de nossa Aeronáutica; um B-25, pilotado pelos Capitães Carvalho Pereira e Zanoni; outro B-25, nas mãos do Capitão Grilli e do Tenente Guimarães. Três "Catalinas", com os seguintes pilotos: Tenente Gozalla, Capitão Barreira; Tenente Bayard, Tenente Cascardo; Tenente Kerber e Tenente Archiboly. Comandando a tropa de pára-quedistas, que viajava nos "Catalinas", o Coronel Silvio Santa Rosa.

Estava tudo combinado de véspera. O Capitão Barreira, amigo de Paulo Vitor, falaria a princípio com a fôrça de resistência de Jacareacanga, tentando contato com seu amigo Paulo Vitor. O Brigadeiro de princípio seria apenas testemunha.

— Jacareacanga?

— Jacareacanga na escuta.

— Aqui é o Capitão Barreira. Quero falar com o Major Paulo Vitor.

— Aqui o Paulo Vitor. Fale, Barreira.

— Paulo Vitor, quero primeiro colocar vocês a par da situação militar. Estamos bem armados. A saída de vocês pelo sul está fechada por tropas de Gururu. Temos tropas nos pontos vitais. Em São Luís houve um choque armado, no qual morreu o Cazusa. Faltos três prisioneiros. O Veloso estava presente. Ao que consta, fugiu numa barca. Está sendo procurado. As barcas do Tapajós estão em nosso poder. Em Pimental as tropas se concentraram, prestes a partir para Jacareacanga. Bem armadas. Com morteiros, inclusive. O cerco está sendo apertado. Dois B-25 impedem a navegação no Tapajós. Creio que Veloso não atingirá Jacareacanga. Pelo rio, impossível. Por terra, levaria uma infinidade de tempo. Essa a situação, Paulo Vitor. E vocês, como estão? Como vão os aviões de vocês?

— O C-47 está com pane nos dois motores.

— Onde está escondido?

— Na pista velha.

(Três horas mais tarde, saindo de sua camuflagem — que não era na pista velha — o C-47 decolou e fez um vôo direto até a Bolívia, em cerca de seis horas de vôo.)

— Paulo Vitor, o Brigadeiro ontem concedeu um prazo até às 10 horas de hoje...

Barreira, se nós abandonássemos o Veloso agora, seria uma traição vergonhosa. Dada a situação, solicito um prazo de 24 horas.

Os fatos do repórter pifaram um pouco, algumas frases se perderam no espaço. Quando a clareza voltou nos fios, o Major Neves repetia para o Brigadeiro Cabral o entendimento que o Capitão Barreira tivera com o Major Paulo Vitor. Que o Capitão Barreira lhe dissera ser desesperadora a situação militar dos rebeldes, sem possibilidades de fuga. Que Paulo Vitor informara não ter Veloso regressado ainda, pedindo então mais 24 horas para pensar.

Foi aí que interveio o Brigadeiro Cabral:

— De maneira nenhuma eu dou um prazo de 24 horas. A situação de vocês é cada vez mais crítica. Trouxe a minha tropa para ocupar pacificamente o campo de pouso. Eu estou determinado a ocupá-lo de qualquer maneira. Rendam-se. Se não querem morrer. Ou vocês entram em forma já e já, para aguardar o nosso desembarque, ou a ação militar vai ser iniciada imediatamente! Não sejam idiotas.

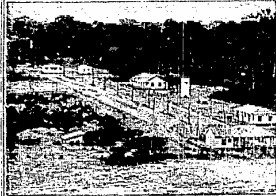
O Brigadeiro foi elevando a voz, foi elevando a voz, dizendo palavras mais ásperas para o Major Paulo Vitor, mais ásperas, mais ásperas. "Quería vencê-lo pela intimidação", disse-me, mais tarde, o Brigadeiro. "Quería forçá-lo à rendição para evitar derrame de sangue". Entre outras coisas, o Brigadeiro ameaçou Paulo Vitor de fuzilá-lo no campo. De brindeira. Paulo

Anexo 16



O MAJOR para dirigir

EM ITAITUBA foram aprisionados oito estrangeiros que tinham deixado Jacareacanga, armados, para lutar ao lado de Veloso. A "CAMOUFLAGE" do "Bech"-bi que ficou quebrado, após a fuga do "Douglas", foi retirada por ordem de um B-25, no dia 1. →



← 1) VISTA AÉREA dos prédios que formam a base do F. A. B. 2) Bombas incendiárias soltas pelo Major Veloso em Jacareacanga.

Htor não deve ter acreditado que era de brincadeira, porque desligou a estação, e tratou de fugir.

— Os aviões faziam evoluções no espaço. Embaixo, Jacareacanga esperava. Dentro da mata verde e cerrada, o ar úmido quebrava a aridez da paisagem, interrompia a idílica e inerte que a terra dava. Quantos homens lá embaixo — urlando e eu nos perguntamos — para os seis aviões cá, em cima?

— Atenção, Jacareacanga, não, não Jacareacanga, ficando aqui o Brigadeiro Cabral, responda se vai haver ou não a rendição.

A estação saiu do ar. Foi a resposta muda dos subleados.

O Brigadeiro não hesitou:

— B-25, B-25, metralhe a pista e destrua a estação de rádio!

"Catalinas", amerissem no rio e desembarquem a tropa! A operação está iniciada! Ouça, Paulo Vitor, ouça, Lameirão. Vocês não escutam os meus conselhos, e vão correr grandes riscos. Eu não quero uma gota do sangue de vocês, mas se vocês reagirem não sei mesmo o que poderá acontecer.

Agora vou buscar mais gente em Itaituba e Santarém. A ação vai ser muito violenta. O B-25 dos Capitães Carvalho e Zanoni mergulhou para a sua missão, enquanto o Brigadeiro não largava o microfone:

— Cuidado aí, Paulo Vitor, que esses caboclos o matam. Eles respeitam o Veloso, você eles não respeitam. Sabe, Paulo Vitor, você precisa apanhar de chinelo. Você é um boboca. Não quer entender que já perdeu a parada. O Velosinho é mais inteligente que você, Paulo.

O B-25 metralhou a pista. Mas a estação de rádio foi poupada.

Os "Catalinas" desceram no Tapajós para despejar os pára-quadistas.

— Desembarque sem alteração.

O Brigadeiro esboçou um sorriso. Por assim dizer ele adivinhava que a "Operação Taco" — a reconquista de Jacareacanga — terminaria sem mais sangue derramado. As 14 horas do mesmo dia o Major Paulo Vitor, o Capitão Lameirão e o Sargento Gunther montaram no "Douglas" e ganharam o céu rumo à Bolívia. Veloso não voltaria mais.

A revolução de bólo se extinguiu com uma única consequência grave: o perigo de que os historiadores algum dia fizessem de "Cazuza" um herói da Pátria.

Anexo 17



O ANISTIADOR:

“Procurei apenas abrir o caminho ao desarmamento dos espíritos. Com isto quis dar ao país a demonstração de que ao governo interessa grandemente um clima de paz e de concórdia para que êle possa trabalhar em benefício dos brasileiros. Visamos, com o projeto já apresentado à Câmara, a apagar os ressentimentos pelos fatos verificados a partir do dia 11 de novembro. Precisamos esquecê-los para começar vida nova. Jacaracanga foi um episódio isolado e sem adesões”.

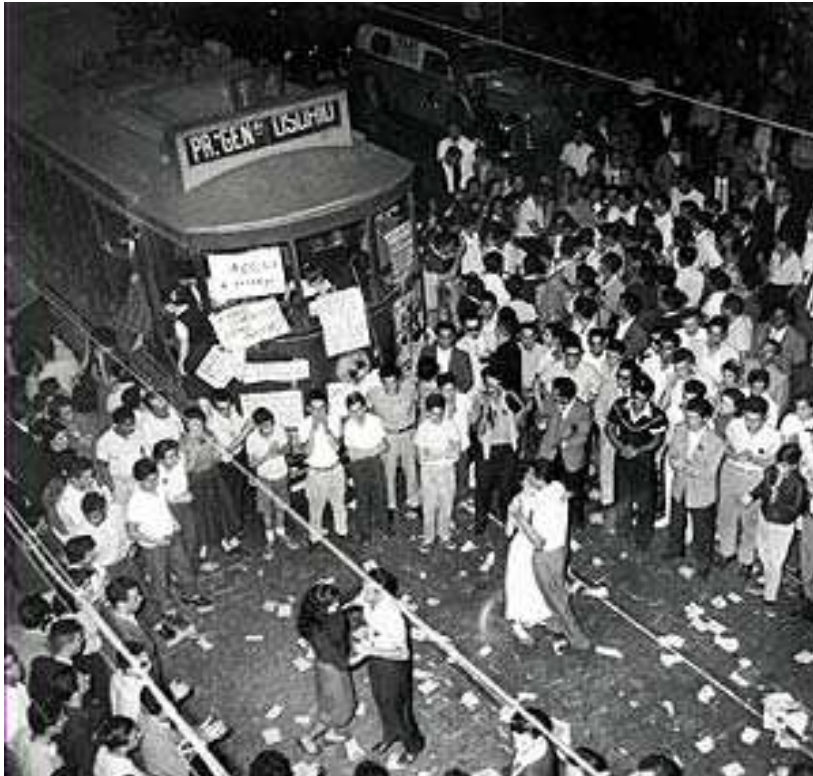
30

24 de Março de 1956

Fonte: *Manchete*, n. 205. 24 de março de 1956, p. 39.

Anexo 18

Manifestação dos estudantes contra o aumento de 100% nas tarifas dos bondes em maio de 1956



Fonte: <http://www.projetomemoria.art.br>

Anexo 19



Fonte: *Manchete*, n. 250. 2 de fevereiro de 1957, p. 15.

Anexo 20



Fonte: *Manchete*, n. 250. 2 de fevereiro de 1957, pp. 13 e 15.

Anexo 21

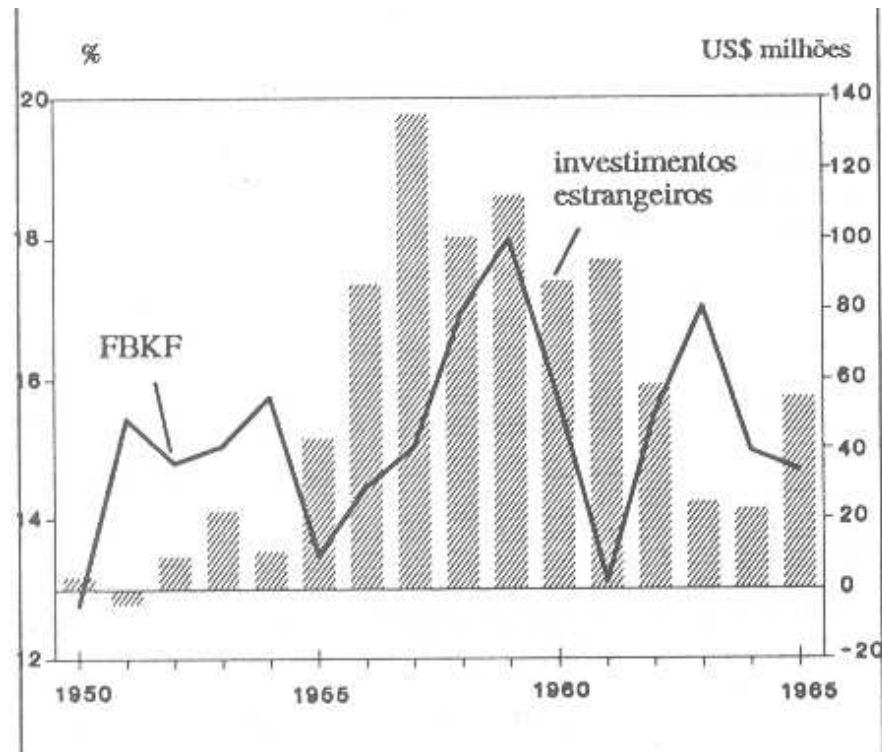
"Me dá um dinheiro aí": assim ficou conhecida a foto que registrou o encontro de JK com Foster Dulles, secretário de Estado americano, em agosto de 1958, revelando as fortes insatisfações de setores nacionalistas com a política "entreguista" do governo



Fonte: *Revista Nossa história*, n. 23. Setembro de 2005, p. 16.

Anexo 22

Formação bruta de capital fixo (FBKF) e investimentos estrangeiros



Fonte: Banco de dados/IBRE/FGV

In: GOMES, Angela de Castro (org.). *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: Editora FGV/CPDOC, 1991, p. 66.

Anexo 23

Brasil: Plano de Metas. Estimativa do Investimento Total 1957 – 1961 (bilhões de Cr\$ e milhões de US\$)

	Produção Interna Cr\$	Importação US\$	Importação Cr\$	Total Cr\$	%
Energia	110,0	862,2	69,0	179,0	42,4
Transporte	75,3	582,6	46,6	121,9	28,9
Alimentação	4,8	130,9	10,5	15,3	3,6
Ind. Básica	34,6	742,8	59,2	93,8	22,3
Educação	12,0	-	-	12,0	2,8
Total	236,7	2.318,5	185,3	422,0	100,0

Fonte: Conselho do Desenvolvimento (1959).

In: ORENSTEIN, Luiz e SOCHACZEWSKI, Antonio Claudio. *Democracia com desenvolvimento: 1956-1961*, p. 177.

Anexo 24



Fonte: *Manchete*, 13 de dezembro de 1958, p. 118.

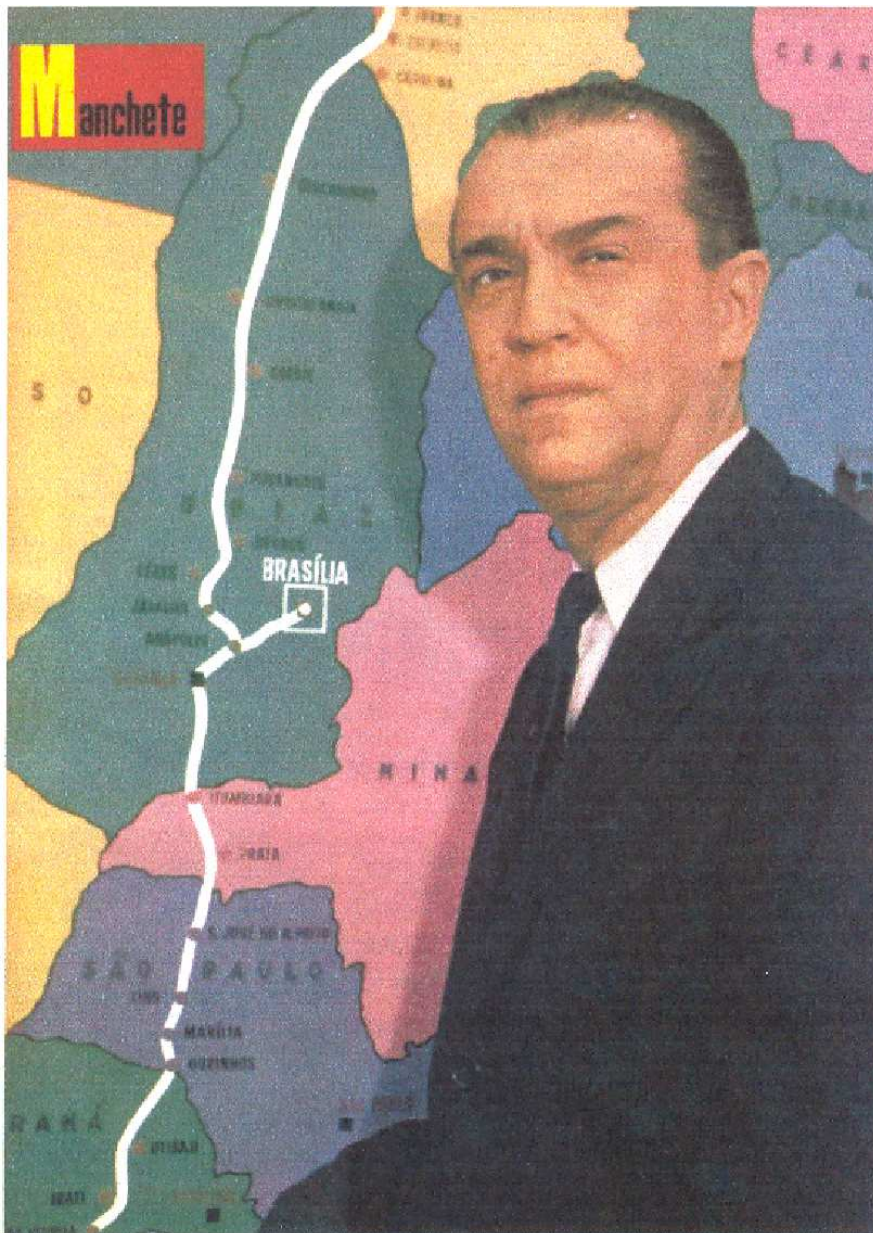
Anexo 25

Comício em Jataí (Goiás)



Fonte: <http://www.projetomemoria.art.br>

Anexo 26



Fonte: *Manchete*, fevereiro de 1959.

Anexo 27



► O ARQUITETO

Oscar Niemeyer – na foto com Israel Pinheiro e JK – encarregou-se do projeto das principais construções da cidade. Já o urbanista Lúcio Costa foi o autor do Plano-Piloto, que deu a Brasília a forma de um avião ou um pássaro alçando vôo. Para o futuro?

Fonte: *Manchete especial*, n. 2523. Dezembro de 2001, p. 33.

Anexo 28

Capa de *O Cruzeiro* em 7 de maio de 1960



Fonte: <http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro>

Anexo 29



Fonte: <http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro>

Anexo 30



Fonte: <http://projetomemoria.art.br>

Anexo 31



Fonte: *Manchete*, 14 de maio de 1960.

Anexo 32



Fonte: *Manchete*, 14 de maio de 1960.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)